



SYLVIA MERCEDES

DANCE OF SOULS

THE VENATRIX CHRONICLES BOOK 4



Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO
A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA,
INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA
DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO
DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM,
AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS
DE AUTORES E EDITORAS,
O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER
O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS
FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK
E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM.

NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS,
TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS
POR NÓS PARA AUTORES (AS),
DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES
COMPRANDO SEUS LIVROS,
AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

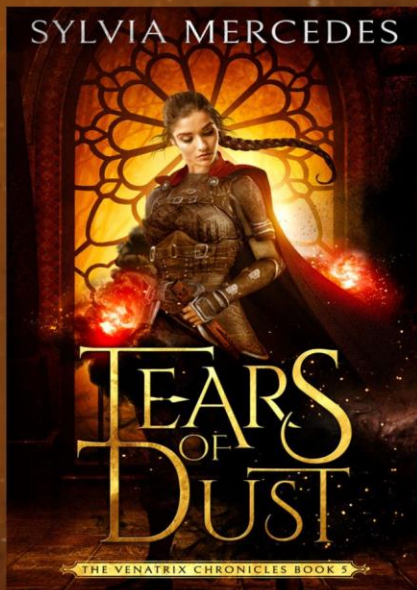
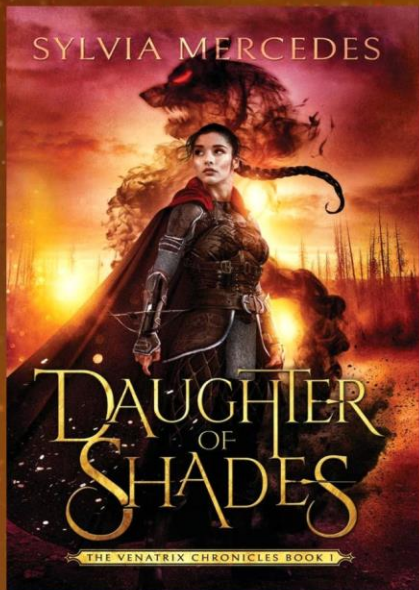


DORINGS



THE VENATRIX CHRONICLES

ORDEM DE LEITURA



SUMÁRIO

Sinopse

Glossário de Terminologia

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Epílogo

SINOPSE

Venatrix Ayleth fez um voto de lealdade à sua Sagrada Ordem.

Mas a Ordem é leal a Ayleth?

Ainda se recuperando de seu encontro mortal com a Bruxa Fantasma, Ayleth se vê como a convidada relutante do Príncipe Dourado, forçada a desfrutar de sua hospitalidade... e os cuidados não tão gentis do Venador Fendrel du Glaive.

Há algo estranho em Fendrel. A maneira como ele a encara é inquietante, como se ela fosse um monstro, como se ela fosse culpada de algum grande pecado. Mas ela não acabou de derrotar uma das piores inimigas que Perrinion já conheceu? Ela não provou seu valor?

E então há Terryn, que pode estar mentindo para ela, que pode não ser o venador leal que todos acreditam que ele seja. Ele também olha para ela de forma estranha... mas seu olhar faz seu coração parar e sua pulsação disparar de uma forma que ela nunca sentiu antes.

Conforme a noite do casamento do Príncipe Gerard se aproxima e o reino se reúne para celebrar novos começos, as forças das trevas se aproximam de todos os lados. Certos segredos, há muito enterrados nas profundezas, estão fadados a finalmente emergir.

Quando o fizerem, Ayleth terá força para resistir e lutar?

THE VENATRIX CHRONICLES

KINGDOM
OF
PERINION

Skada Mountains

Drauvall Borough

Aalis River

Castra Breca

Wodechran Borough

Sang River

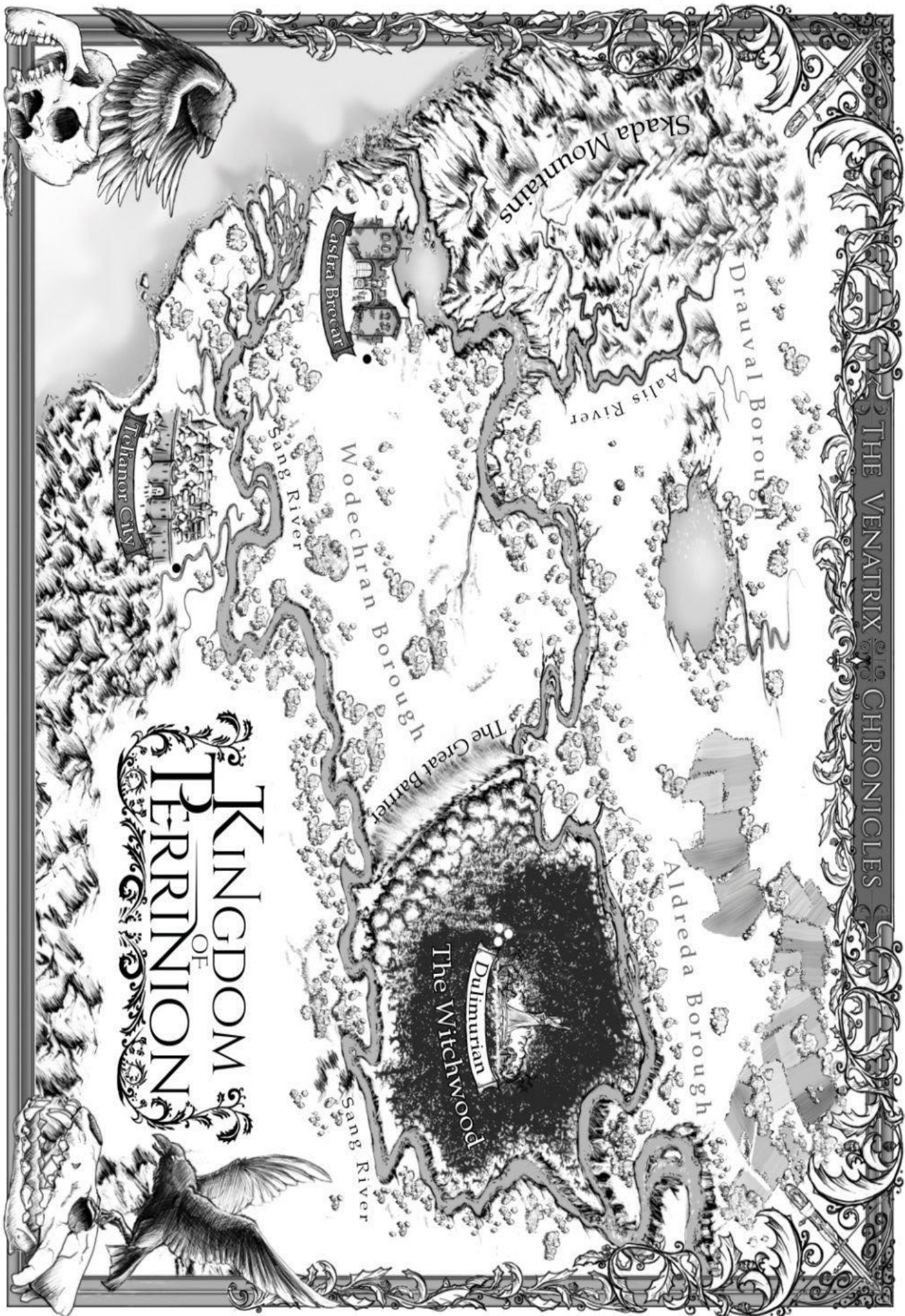
Telamor City

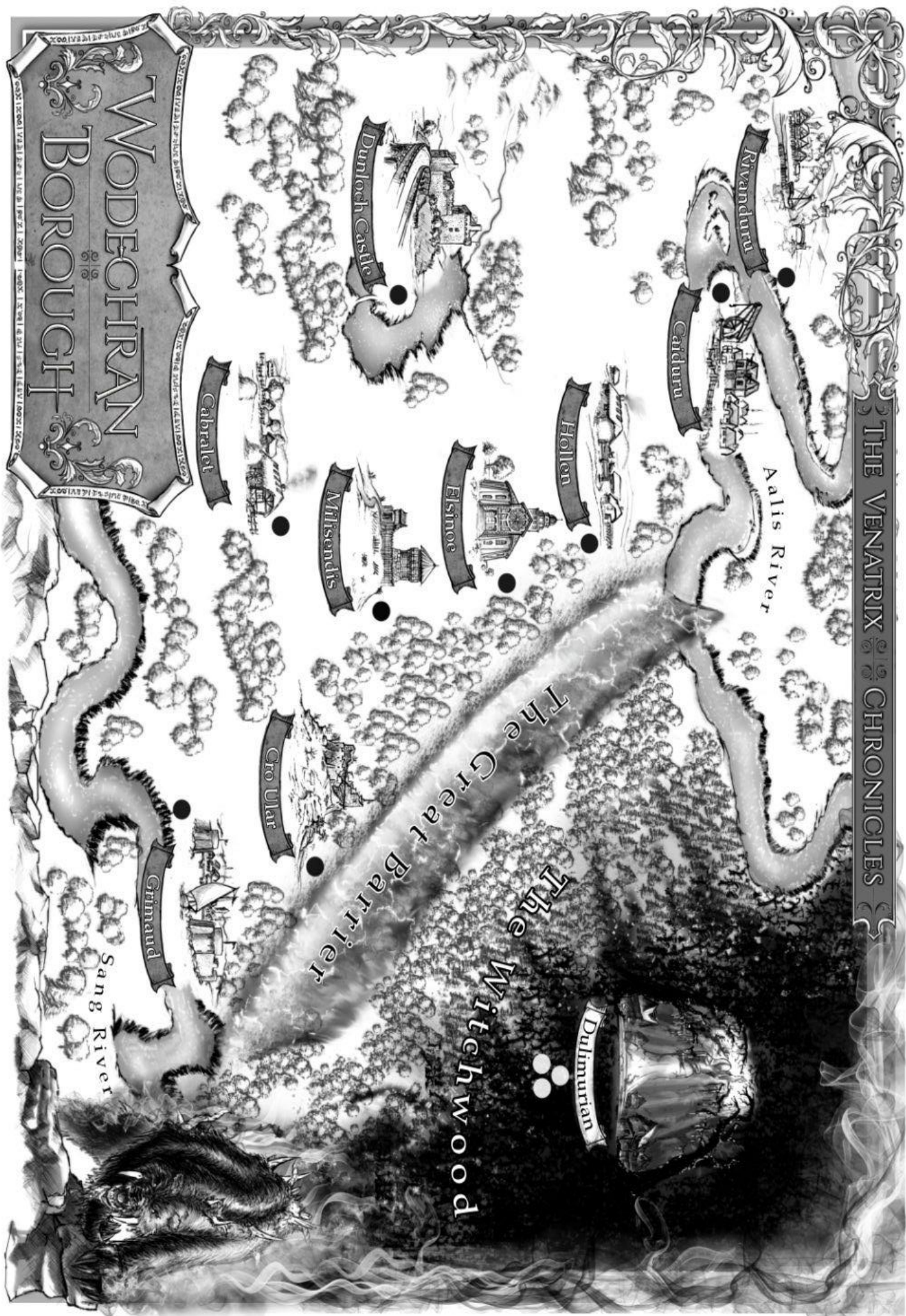
The Great Barrier

Aldreda Borough

Dulmurian
The Witchwood

Sang River





Alis River

Rivanduru

Caidura

Hollen

Elsinoe

Milsendis

Cro Ular

Gimaud

Sang River

Dulimurian

The Great Barrier

The Witchwood

WODECHRAN
BOROUGH

GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIA

Sombras: Seres espirituais desencarnados que escaparam de sua dimensão infernal - as Assombrações - e entraram no mundo mortal. Eles não podem existir em uma realidade física sem hospedeiros mortais, a quem possuem e dotam de poderes não naturais. Se não forem controlados, eles ganharão ascendência dentro de um corpo hospedeiro e expulsarão a alma original, tomando posse total.

A seguir estão as variedades conhecidas de tonalidades, conforme catalogadas pela Ordem de Santo Evander:

ANATHEMAS

Habilidades pertencem ao sangue e lançamento de maldições.

APARIÇÕES

Habilidades pertencem ao controle e manipulação da mente.

ARCANES

Entidades misteriosas com habilidades não totalmente compreendidas, mas que parecem pertencer a energias como calor, movimento, luz, magnetismo e eletricidade.

ELEMENTARES

As habilidades pertencem aos elementos naturais do vento, fogo, água e terra.

EVANESCER

As habilidades pertencem à *evanescência*, ou viagem de distância instantânea.

FERAIS

Habilidades referem-se a sentidos aguçados, força aumentada e agilidade.

LURES

As habilidades referem-se a vozes encantadoras e cantos de sereias.

VISTORES

As habilidades pertencem a visões, previsões e adivinhação. Também pode olhar para o passado.

SHIFTERS

Habilidades pertencem à transformação temporária de corpos hospedeiros.

TRANSMUTADORES

Habilidades dizem respeito à transformação e manipulação de substâncias materiais.

PRÓLOGO

Terrível Odile, a Rainha Bruxa, a Nova Deusa de Dulimurian, o Veneno de Perrinion, estava morrendo.

Hollis podia sentir os espíritos se esforçando dentro do corpo queimado e quebrado da rainha, como sangue fervente borbulhando sob a pele. Eles queriam sair, eles queriam se livrar de sua hospedeira mortal. Mas Odile se agarrava à vida mortal com uma força de vontade aterrorizante.

Ela não podia fazer mais nada, entretanto. Seu corpo estava muito arruinado.

O suor escorria pelo rosto de Hollis, em seus olhos. Ela não conseguia enxugá-lo. Suas mãos estavam totalmente ocupadas em apoiar as pernas da moribunda enquanto ajudava Nane a carregá-la pela escada estreita; ela podia ouvi-lo bufar, ofegar e xingar atrás dela enquanto navegavam nas curvas juntos. O fedor de carne queimada e magia maligna enchia aquele espaço fechado, ameaçando dominar seus sentidos.

Mas pior do que o fedor eram os gritos, os gritos estridentes de espíritos mortais e sombras em reação à dor que o corpo hospedeiro da bruxa suportava. Esses sons implacáveis de puro espírito agrediam brutalmente os sentidos de sombra de Hollis até que mais de uma vez ela teve que fazer uma pausa, encostar o ombro na parede e esperar que uma onda de náusea passasse antes de continuar. A tentação era quase irresistível de largar seu fardo ali mesmo e fugir, gritando em seu próprio terror absoluto.

Mas não. Muitos de seus irmãos e irmãs morreram naquele dia. Ela veria isso até o fim.

Por fim, eles alcançaram a base daquela escada aparentemente interminável e saíram para os resquícios vermelhos da luz do dia. Acima deles erguia-se o enorme ídolo de oblidite da própria Odile, seu braço estendido em uma bênção acima dos restos fumegantes de sua cidade. Nuvens de fumaça e magia suja subiram das ruas em ruínas de Dulimurian, um incenso digno de sua deusa profana.

— Hollis. Hollis!

A voz de Nane interrompeu seu estupor. Ela olhou por cima do ombro e o viu acenar com a cabeça, indicando que eles deveriam largar seu fardo. Ela obedeceu, e eles colocaram a mulher moribunda nas pedras do pavimento de oblidite. Odile gemeu, seus lábios enegrecidos se movendo, tentando formar palavras. Uma torrente de sons guturais e horríveis saiu de sua garganta. Hollis recuou rapidamente, olhando para a ruína do que antes havia sido humana.

Odile sempre foi estranhamente bonita. Na maioria dos mortais, a possessão prolongada de sombra produzia um efeito decadente no corpo, deixando o hospedeiro crivado de hematomas, dentes podres, cabelo mole e carne murcha. Odile não. De alguma forma, ao longo dos longos anos de sua possessão, ela apenas se tornou mais bonita, uma criatura de poder e glória inspiradores.

Nada dessa glória permanecia agora. Todos os seus longos cabelos negros haviam queimado, deixando para trás a pele derretida de seu couro cabeludo. Sua cabeça estava uma bagunça purulenta e sangrenta, e o resto de seu corpo se saiu um pouco melhor. Ela era uma massa de queimaduras borbulhantes, crua, negra e carnuda.

A Coroa havia feito o trabalho planejado.

Um movimento atraiu a atenção de Hollis. Uma figura de capuz vermelho apareceu, subindo os largos degraus que levavam à plataforma em que Hollis e Nane estavam. Era Venador Hugon, um dos seis venadores que Fendrel tinha evitado de se juntar à Canção da Morte. Seu capuz foi jogado para trás, e sangue, sujeira e lágrimas riscavam sua barba preta. Sua sombra ascendente transbordava de poder, e por esse poder ele carregava um bloco pesado em seus braços, tão grande que nenhum mero mortal seria capaz de levá-lo.

Hugon o deixou cair no chão diante de Nane e Hollis, então voltou os olhos brilhantes para o rosto devastado de Odile. — Isso é para você, Sua Majestade. — Ele disse, e cuspiu uma gota de sangue na pedra. — Um travesseiro para descansar a cabeça.

O estômago de Hollis deu um salto. Ela sabia o que era. Ela sabia o que estava para acontecer.

A profecia dizia que o Rei Escolhido deveria cortar a cabeça do Veneno.

Sua mão moveu-se lentamente, quase inconscientemente, para as aljavas de venenos em seu peito. Seria mais sábio, mais seguro, lidar com a Morte Gentil. Uma decapitação violenta fortaleceria os espíritos dentro do corpo de Odile e os enviaria para o éter. Os evanderianos teriam dificuldade em capturá-los e vê-los devidamente expulsos para os Assombrados. Usar a Morte Gentil seria mais seguro.

Mas... isso cumpriria a profecia? Eles poderiam se arriscar a frustrar a vontade falada da Deusa?

— *Odile vai morrer amanhã.* — Fendrel havia dito a ela na noite anterior. — *Mas deve ser a morte certa, ou tudo o que trabalhamos para realizar será desfeito.*

Agora chegou o momento. O bloco de corte estava diante dela, onde Venador Hugon o havia arremessado, e a rainha estava à sua mercê. Em poucos instantes, Fendrel e seu irmão desceriam pela escada sinuosa do ídolo, e Gardin du Glaive desembainharia sua espada, ainda afiada do trabalho do ferreiro na noite anterior, ainda não usada naquele dia. Então o golpe cairia, e...

Se ela ia libertar a Morte Gentil, tinha que ser agora.

Os pulmões de Hollis se contraíram. Ela sentiu os olhos de Nane voltando-se para ela, mas ela não podia suportar encontrar o olhar de seu irmão caçador. Ela forçou a mão a relaxar, a cair de lado. Vazia.

Ela veria isso até o fim.

Passos soaram na escada. Hollis olhou para trás para ver sombras em movimento na porta. Fendrel entrou, virando-se de lado para passar seus ombros largos pela abertura estreita. Seu rosto estava marcado, não com cortes físicos, mas com feridas espirituais profundas, sulcos profundos em sua alma. Ele havia comandado muitas mortes hoje.

Gardin seguia seu irmão, dando um passo atrás dele para o brilho do sol poente. Enquanto Fendrel estava abatido, gasto, seu cabelo trançado se desfazendo em torno de suas orelhas, seu gibão de couro respingado de sangue coagulado, seu corpo flácido de exaustão, a armadura de Gardin brilhava em ouro e prata brilhantes e seu cabelo cortado rente parecia brilhar como um halo em torno de seu rosto bem inclinado.

Movendo-se como se obedecessem a um comando silencioso, Hollis e Nane se agacharam e pegaram Odile pelos braços, erguendo-a até que ela caiu de joelhos entre eles. Quando o olhar de Gardin se fixou em sua inimiga, Hollis viu um lampejo de medo em seus olhos. Ela rapidamente desviou o olhar dessa visão perturbadora.

Fendrel encontrou seu olhar. Por um instante, seus olhos se encontraram com os dela.

Ele suspeitou do que ela considerou fazer? Ela não sabia dizer; ela não conseguia ler seu rosto.

Seu olhar viajou dela para Nane para Hugon, então para as outras três figuras encapuzadas se aproximando através do ar denso de magia. — Hollis e Eloisia. — disse ele. — Nane, Hugon, Rolant e Wace.

Esses foram os seis. Os seis escolhidos a dedo por Fendrel para não participar do sacrifício do dia, na execução da Canção da Morte. Os seis que precisam viver mais que seus irmãos para completar uma terrível tarefa final.

Os seis, junto com Fendrel, que carregariam o peso de duzentas mortes em seus ombros pelo resto de suas vidas.

Ao som da voz de Fendrel, um espasmo estremeceu através da Terrível Odile, até sua espinha. Apoiando-se nas garras de seus captores, ela se endireitou, e sua cabeça grotesca rolou em seu pescoço flácido. Seus olhos estavam queimados, mas ela tentou olhar para Fendrel. Hollis notou como ela não deu um olhar para Gardin. Ela sabia quem era seu verdadeiro inimigo. Ela sabia quem causou sua ruína. Não importava quem daria o golpe final. Sua queda foi criação de Fendrel.

Os lábios da Rainha Bruxa se moveram. O horror de uma voz rouca e ofegante sussurrou por seus lábios, falando palavras ininteligíveis.

Fendrel caminhou pelas pedras pretas brilhantes para ficar sobre Odile. Hollis viu os pensamentos de uma vida inteira girando em seus olhos enquanto a olhava. Todas as coisas que ele queria dizer, as acusações, a raiva.

Mas ele era Fendrel do Glaive. Ele nunca cedia a nenhuma emoção, nenhuma fraqueza. No final, ele disse apenas: — Segurem-na. — Ele acenou duramente para Hollis e Nane. — Segurem-na quieta.

Com um breve aceno de cabeça, Nane olhou na direção de Hollis. Juntos, eles avançaram, arrastando a bruxa até a pedra e espalhando-a sobre o bloco. Ela cedeu, baixando a cabeça, esticando o pescoço. Cada movimento era uma agonia para sua carne queimada, e ela engasgou e engasgou enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas enegrecidas. Seus lábios se moveram novamente, sussurrando palavras que Hollis não conseguiu ouvir. Talvez fosse uma oração. Mas a Deusa certamente não ouviria as orações de um demônio tão blasfemo.

Fendrel olhou em volta para a pequena reunião aos pés do enorme ídolo de oblidite. Seus olhos brilharam com sombras e lágrimas. — Meus amigos. — disse ele. — Meus irmãos e irmãs, segurei vocês hoje por um motivo. Embora eu saiba que cada um de vocês desejou dar tudo de si ao lado de seus irmãos, há mais uma canção mágica a ser executada. A Palavra de nossa Deusa declara que o Rei Escolhido deve cortar a cabeça de seu inimigo.

Ele indicou Odile com um movimento de sua mão. Ela respirou fundo e fechou os olhos, aninhando a cabeça no bloco de corte como se fosse a seda mais macia. — Os espíritos contidos neste hospedeiro serão lançados violentamente. Cabe a nós garantir que eles não escapem. Depende de nós segurarmos firme até que os Assombrados se abram para reivindicar suas dívidas. As variações do feitiço são muitas e complexas. Vocês devem trabalhar juntos.

Venatrix Eloisia puxou seus tubos de Detrudos e os colocou em posição. Venador Hugon também, mas Venadores Rolant e Wace hesitaram. Hollis viu em seus rostos os mesmos argumentos que ela mesma havia feito: *Por que não estamos lidando com a Morte Gentil? Por que estamos arriscando tanto por causa das palavras ditas séculos atrás por uma Deusa que nunca vimos?*

Mas nenhum dos venadores proferiu esses protestos. Primeiro Wace, depois Rolant puxaram seus tubos e se prepararam. Suas sombras, chamadas a alta ascensão para este dia de batalha, brilharam na visão sombria de Hollis.

Fendrel também desembainhou seu Detrudos e agarrou-o com uma das mãos, já pronto. Ele acenou com a cabeça para os evanderianos, e eles levaram os instrumentos aos lábios e começaram a tecer a canção do feitiço, evocando primeiro os zumbidos profundos e depois as melodias cadenciadas. Cada um escolheu uma variação diferente, e Hollis, observando com visão sombria, viu como os vários fios de magia se entrelaçaram, formando um feitiço muito mais profundo do que qualquer venador isolado poderia produzir sozinho.

Erguendo a mão direita, Fendrel fez o sinal de bênção, tocando a testa, o coração, a boca. Ele falou então, sua voz mortal clara e dura como um diamante, e perfeitamente entrelaçada na música do espírito:

— *Um grande veneno se espalhará pelo Coração de Meus Filhos, dando origem à Falsidade reinando em nome da Verdade.*

Um arrepio percorreu a nuca de Hollis. As palavras da profecia eram tão familiares para ela quanto seu próprio nome. Mas ouvi-las agora, neste momento de ajuste de contas... Era quase demais. Ela cravou os dedos no braço queimado de Odile, com medo de deixar o momento escapar, com medo de que um movimento errado de sua parte arruinasse tudo.

— *Mas eu enviarei um campeão...* — Fendrel continuou, voltando seu olhar de Odile para seu irmão parado em frente a ele no bloco com uma mão no punho de sua espada. — *Enviarei o Homem que Escolhi para cortar a cabeça do Falso e levar meus filhos de volta para Mim.*

Com essas palavras, Fendrel deu um passo para trás, varrendo a mão em um gesto de prontidão. Hollis, mal conseguindo respirar, olhou para o Rei Escolhido, assim como todos os outros reunidos lá, exceto a própria Odile. Ela

olhava para lugar nenhum, seus lábios ainda se movendo naquele murmúrio incompreensível.

O jovem rei agarrou sua espada e começou a desembainhá-la. Mas ele fez uma pausa e olhou para o irmão mais velho. Como não tomado, ele não conseguia ouvir o feitiço da música tocado por aqueles ao seu redor. Ele não podia ver o poder e a magia explodindo de suas almas. Sua boca trabalhou e ele lambeu os lábios secos. — Se... se seu espírito for solto, ela não poderia me possuir?

Essas palavras não eram o que Hollis esperava ouvir do Rei Escolhido neste momento particular. Ela suprimiu uma maldição frustrada.

O rosto de Fendrel era duro como ferro. — Você ainda não nasceu. — disse ele, a voz firme como sempre. — Você não pode ser tomado. Não importa o que ela tente, ela não pode tocar em você. Você é a própria Deusa. Você é o Rei Escolhido.

Guardin lançou um rápido olhar para a bruxa, depois para longe, como se não pudesse suportar olhar para ela com medo de escaldar os olhos com a visão. — Mas, irmão que...

Em duas passadas, Fendrel deu um passo para o lado do rei e o agarrou pelo braço. Um desespero selvagem brilhou em seus olhos, quase muito brevemente para ser visto. Apenas Hollis, que o conhecia tão bem, reconheceu. Ela sentiu como um raio em seu coração.

— Você pode fazer isso. — Fendrel rosnou. — Você deve fazer isso.

Você deve compensar as mortes que eu ordenei.

Você deve compensar a matança que orquestrei.

Você deve confirmar minha fé.

Hollis ouviu as palavras tão claramente como se as tivesse pronunciado em voz alta. Guardin também. Ela viu o terror em seu rosto. Terror, não de

Odile ou da Deusa ou do futuro à sua frente. Terror de Fendrel. Terror do que decepcionar Fendrel significaria.

Eles estavam nisso juntos. Muito, muito fundo para recuar agora.

O jovem rei acenou com a cabeça. Fendrel recuou, desta vez para ficar atrás de Hollis. Guardin desembainhou sua espada, que brilhava como uma estrela à luz do sol que se desvanecia. Sua borda era fina como uma lâmina de vidro, afiada como um dente de navalha. Poderia cortar um dedo com um simples toque. Aquele pescoço esquelético estendido sobre a pedra não deveria ser nada para este aço.

Guardin assumiu uma postura ampla ao lado do bloco de corte. Hollis forçou sua visão a se concentrar na bruxa que ela mantinha no lugar. O monstro, a assassina, a escravizadora e torturadora. O Veneno de Perrinion. A falsa deusa.

Agora era o momento. Agora, agora, agora!

O rei ergueu a espada bem acima da cabeça. Uma explosão final de luz do sol penetrou nas nuvens e na névoa de magia negra, relampejando contra o aço de forma que ele flamejou vermelho como sangue.

A boca de Odile se torceu em um sorriso.

Ela gritou: — *Cravan druch duima cró!*

No mesmo instante, Hollis sentiu uma sacudida de puro poder, puro horror atrás dela, quando Fendrel deu um passo em frente. — NÃO! — ele gritou.

A lâmina caiu.

Carne e osso separaram-se com um baque surdo. A cabeça da bruxa rolou e sangue negro jorrou pela pedra, pelas pedras polidas do pavimento.

Uma explosão de espíritos gritando, sombra e mortal entrelaçados, irrompeu do cadáver, impulsionados por aquela violência e dor, disparando

direto para o encanto da música que se espalhava pelos quatro evanderianos. Acertou o feitiço, um lampejo de força mágica.

Como um só, Hugon, Eloisia, Rolant e Wace largaram seus tubos, abriram suas mandíbulas, gritando enquanto seus próprios espíritos e sombras fluíam de seus corpos. Suas vozes foram interrompidas em um instante e eles caíram mortos.

Sua canção mágica se quebrou em mil pedaços de nada.

CAPÍTULO 1

Ayleth acordou com um suspiro.

O mundo estava escuro ao seu redor. Algo pesado empurrava-a para baixo, esmagando-a tanto que ela mal conseguia respirar. Isso era um pesadelo? Não, tinha que ser o mundo desperto, a menos que ela de alguma forma despertou dentro de outro sonho. Um sonho de sombras impenetráveis, um sonho de dor em queimação, um sonho de tensão e sufocamento.

Um sonho de... coceira?

Ela franziu o cenho. Uma coceira espinhosa percorreu seu corpo, e ela percebeu que o peso que a segurava era um cobertor de lã. O aperto em torno de seu peito era apenas bandagens envolvendo seu torso.

Lentamente, dolorosamente, sua mente voltou à realidade. Uma espécie de realidade turva e confusa. Ela não conseguia distinguir os sonhos das memórias recentes. Quando ela fechou os olhos, a escuridão se encheu de explosões negras de veneno, e as bandagens não eram mais bandagens, mas os braços da bruxa segurando-a com força. Ela viu um lampejo de almas entrelaçadas, um sulco no tecido da realidade, as mandíbulas dos Assombrados abertas...

Um vazio escancarado. Caos.

Ela abriu os olhos novamente, voltando ao mundo desperto. Não estava tão escuro dessa vez. Ou várias horas se passaram no que pareceu um piscar de olhos, ou sua visão simplesmente ficou mais clara. De qualquer maneira, desta vez, quando ela ergueu as pálpebras, ela olhou para as sombras de uma cama com dossel.

— *Laranta?* — ela choramingou dentro de sua cabeça.

Sua sombra de lobo se moveu e possivelmente respondeu. Mas tudo estava muito distante, muito nebuloso, muito abafado.

Com um grunhido na garganta, Ayleth reconheceu o borrão que envolvia sua consciência: sòm. Ao longe, ela se lembrou de uma venatrix alta e de rosto duro derramando uma dose do opiáceo em sua garganta, forçando-a a dormir e, mais importante, forçando sua sombra profundamente nas partes mais escuras de sua alma. Era uma prática comum no tratamento de um Evanderiano ferido. Sombras gostavam de tirar vantagem quando elas encontravam seus corpos hospedeiros em um estado vulnerável. Mas Laranta não era assim. Laranta não a machucaria.

Ela tentou praguejar, mas não conseguiu descobrir como usar a boca. Seus lábios pareciam entorpecidos e zumbidos.

A bruxa.

A respiração de Ayleth engatou como o pensamento arado de repente e dolorosamente através de sua névoa, como cabeça com chifres de um monstro de repente aparecendo através da névoa pesada. A bruxa! A Bruxa Fantasma, Inren di Karel! Ayleth fixou sua mente na face de alguma forma muito vívida em sua memória. Que uma vez foi bonita, com suas feições delicadas e olhos arregalados, agora marcada por um crescimento hediondo, emaciado e repugnante.

Ela estava morta? Ou será que Ayleth apenas sonhou que a matou, apenas imaginou toda a batalha em seu estado febril e drogado? A Bruxa Fantasma ainda estava lá, ainda viva... e matando pessoas?

Pelos três santos nomes da Deusa, ela era uma venatrix ou não? O que ela estava fazendo, ainda deitada?

Seu coração acelerou em seu ritmo já galopante. Ela se sentou ereta na cama... e quase desabou de novo sobre os travesseiros. O quarto escuro girou loucamente. Fechando os olhos, Ayleth escondeu o rosto nas mãos, esperando que seu equilíbrio voltasse.

Quando finalmente conseguiu olhar de novo, viu um raio de luz espiando entre as cortinas fechadas. Luz da manhã. Mas que manhã? Quanto tempo ela ficou aqui inconsciente? E... e quem a encontrou e a colocou nesta cama?

— *Laranta, onde você está?* — Ela falou freneticamente dentro de sua cabeça, mas nenhuma resposta veio. Raiva sem foco brotou em sua alma, e os cobertores de chumbo tornaram-se subitamente insuportáveis. Reunindo todas as forças que lhe restavam, Ayleth jogou-os de volta.

Maldição, ela estava praticamente nua! Vestida com nada além de uma camisa fina, as pernas magras e os pés descalços expostos. Por que as pessoas continuavam roubando suas roupas? Ela tinha que sair dali. Tinha que encontrar calças. Ela tinha que...

Ela caiu em uma pilha de braços e pernas no chão no momento em que deslizou para fora da cama. Lá estava ela deitada, um milhão de alfinetadas agredindo seus membros. O mesmo havia anestesiado suas extremidades.

Bem, não importava. Não funcionaria! Ela era dona de seus próprios membros.

Sem se importar com sua própria dignidade, Ayleth rastejou até o pé da cama e usou a coluna da cama para se erguer. Uma dor intensa acendeu suas pernas, mas ela usou essa dor para canalizar sua raiva. Equilibrando-se o melhor que pôde, ela cambaleou até a porta.

Estava destrancada. Ela encostou o ouvido nela. Nenhum som de lamento, nenhuma indicação de presença de bruxa. Mas a bruxa estava lá fora. Ela simplesmente sabia disso.

Ayleth abriu a porta, segurou-se pesadamente na maçaneta por um momento e saiu para o corredor. Meio vestida, meio drogada. Incapaz de pensamento coerente. Seu ombro atingiu a parede oposta e ela saltou, cambaleou mais alguns passos e bateu em uma porta do outro lado da passagem. Seus pés se arrastaram e sua boca se abriu. Ela ricocheteou na parede novamente, e levou cada grama de vontade que possuía para não escorregar para o chão.

Mas ela iria matar aquela bruxa. Deusa a ajudasse.

À sua frente estava o corrimão com vista para o salão de entrada. Lembrava-se vagamente dos reféns que vira lá embaixo, ou isso também era um sonho? Ayleth continuou tropeçando, movendo-se como um marinheiro bêbado em um mar tempestuoso. Seu estômago bateu na grade, e ela agarrou com as duas mãos, inclinando-se para fora, o cabelo caindo em cascata em ambos os lados do rosto. O chão distante pareceu subir em sua direção, girando lentamente, e ela engasgou com um suspiro.

— Grande Deusa! — uma voz alta exclamou. — O que você está fazendo?

Duas mãos agarraram seus braços, arrastando-a de volta com ligeira força, mas grande determinação. Os joelhos de Ayleth cederam e ela caiu no chão. Braços finos a envolveram, mantendo-a um tanto ereta. Ao se ver pressionada contra uma jovem de enormes olhos azuis e cabelo curto, Ayleth abriu a boca e esfregou o couro cabeludo da mulher com o dedo.

— Maciooo. — Ela disse. — Maciooo.

— Hum. — A mulher piscou várias vezes. — Você não parece bem, Venatrix. Aqui, deixe-me ajudá-la a se sentar.

Mas quando a estranha tentou guiá-la para o chão, um raio de reconhecimento atingiu Ayleth com força. A bruxa! Esta mulher, ela parecia a bruxa! Claro, a bruxa também tinha um tumor cobrindo a maior parte do rosto, mas talvez ela tivesse... perdido de alguma forma?

Ayleth ergueu a mão trêmula e tentou acertar a garota no rosto. Ela errou e bateu na parede.

— Cuidado! Você se machucou? — A garota ajudou Ayleth desajeitadamente a se sentar com o ombro contra a parede. Ayleth agarrou-se a seu braço, apertando com força, e quando a garota tentou se levantar, acabou sendo puxada para baixo em um joelho. — Hum. — disse ela, tentando soltar os dedos de Ayleth.

Mas Ayleth não desistiria. Não. Ela tinha que matar essa bruxa. Enviá-la de volta para os Assombrados onde ela pertencia. Ela tentou falar, mas as palavras ficaram presas em sua língua e se confundiram, e ela acabou tossindo, dobrando-se.

— Calma, calma. — Murmurou a mulher, esfregando uma das mãos em círculos nas costas de Ayleth. — Pronto, pronto. Você vai ficar bem. Vou encontrar alguém para te ajudar a voltar para a cama. Espere aqui.

Com um puxão firme, ela se soltou e se levantou. Enquanto tentava dar um passo, Ayleth segurou a barra de seu vestido, puxando como uma criança pequena puxando a bainha de sua mãe. — Eu tenho... você... agora! — ela murmurou.

A garota olhou para ela, perplexa, as sobrancelhas franzidas. — O quê?
— Ela disse.

— Di Ferosa!

Mesmo em seu estado de intoxicação por drogas, Ayleth reconheceu aquela voz. Ainda agarrada ao manto da garota, ela balançou a cabeça pesada,

fixando o que esperava ser um olhar feroz na figura que se aproximava. Ele era alto, vestido com um uniforme de venador, seu capuz vermelho jogado para trás sobre os ombros. Cachos negros se espalharam sobre uma testa alta e escura, e sobrancelhas escuras proeminentes franziram-se sobre um par de olhos gelados e penetrantes.

— T'rrr'n. — disse Ayleth, conseguindo de alguma forma falar seu nome sem vogais. — T'rr'r'r'r'n. Seu... idiota.

Por um momento, Terryn pareceu tão surpreso quanto ela se sentia. Eles piscaram um para o outro.

Então sua expressão endureceu. Ele desceu sobre ela, sua capa ondulando como asas. Só então Ayleth se deu conta vagamente de duas figuras atrás dele, um homem e uma mulher, ambos em trajes evanderianos. — Solte Senhora Cerine imediatamente. — Terryn rosnou, soltando os dedos.

— Idiota. — Ela sorriu quando a palavra escapou mais facilmente do que da primeira vez. Ela ergueu um dedo trêmulo e o pressionou contra a ponta de seu nariz comprido, empurrando-o o mais longe que pôde. — Você é um...

— Sim, estou ciente. — Ele deu um tapa na mão dela e a ergueu sob os braços e joelhos. — E você está completamente drogada.

O mundo passou voando quando ele a ergueu e por um momento ela pensou que vomitaria bem na sua frente. Enquanto Terryn ajustava seu aperto, recuperando o equilíbrio, ela colocou os braços ao redor de seu pescoço e acariciou o rosto logo abaixo de sua orelha. Malditos Assombrados, por que ele tem que cheirar tão bem? Como cedro e sabão de soda cáustica e apenas um toque de cavalo almiscarado.

Ela fechou os olhos, respirando fundo, então murmurou em um suspiro sussurrante. — Idiota.

Ela sentiu sua mandíbula apertar e sua garganta se contrair em um forte engolir.

— Ela vai ficar bem? — a jovem falou de algum lugar perto do ombro de Ayleth. — Ela parece indisposta.

Uma voz que Ayleth não conhecia respondeu. — Ela não é da sua conta. — Ela pendeu a cabeça, tentando dar uma olhada no alto-falante. — Leve-a para o quarto dela.

Ayleth teve um vislumbre de olhos duros e acinzentados espiando por baixo de um capuz preto. Olhos que brilhavam com a luz da sombra. De repente, todas as sensações estranhas, embaçadas e de picada de agulha que percorriam seu sangue pareceram congelar, deixando-a entorpecida para tudo, exceto... não medo, exatamente. Ela não podia ter medo neste estado. Era mais um tipo de mal-estar profundo de dar nó no estômago.

Só quando Terryn a carregou de volta para seu quarto e a jogou com força naquela terrível e macia prisão de cama, ela começou a se lembrar de que o capuz preto significava algo. E só depois que os dois estranhos também entraram no quarto e o homem ordenou: — Feche a porta. — Ela percebeu exatamente o que isso significava.

Venador Dominus Fendrel du Glaive. O Capuz Negro do Rei.

Ayleth se endireitou na cama, com o queixo caído. O horror correu tão furiosamente por cada veia que parecia purgar o sòm de seu sistema ali mesmo. Embora ainda não conseguisse sentir Laranta, embora ainda se sentisse como se olhasse o mundo através de um véu embaçado, ela sabia que tola terrível e imperdoável acabara de fazer de si mesma. Vagando pelos corredores de Dunloch praticamente nua! E a saia de quem ela estava se agarrando? Quem era aquela mulher que ela acabara de tentar, embora inutilmente, matar?

— Parece que ela não sofreu efeitos físicos duradouros. — disse uma voz que Ayleth achou vagamente familiar. Uma voz de mulher sem qualquer qualidade feminina. Uma venatrix alta se aproximou da cama e colocou uma mão pesada no ombro de Ayleth, forçando-a de volta aos travesseiros. — Você não deveria ter se levantado ainda. — Ela disse. — Você teve um choque terrível.

— O... o que aconteceu comigo? — Ayleth pronunciou as palavras com sua língua grossa.

— Você respirou em puro oblivis. — A venatrix respondeu, estudando-a de perto com os olhos semicerrados. — Você sabe o que isso significa?

Ayleth conseguiu acenar com a cabeça. A venatrix abriu sua bolsa e puxou um instrumento para o qual Ayleth não tinha nome. Ele se desdobrou em uma estaca do comprimento do antebraço de um homem, e no final estava uma agulha longa e afiada.

— Segure-a firme. — A venatrix rosnou. No momento seguinte, antes que Ayleth pudesse sequer tentar lutar ou protestar, os longos dedos de Terryn a agarraram pelo rosto e pelo queixo, jogando sua cabeça para trás. Ela congelou ao toque dele, e a venatrix aproveitou a oportunidade para mergulhar o estranho dispositivo em seu pescoço. Ayleth tentou gritar, mas não conseguiu. O choque e a dor foram demais.

Tudo acabou em um piscar de olhos. Terryn e a venatrix recuaram. Ayleth, murmurando maldições arrastadas, pressionou as duas mãos sobre a garganta, onde a agulha havia perfurado. O sangue jorrou quente contra a palma da mão e a ferida latejava.

— Vamos? — A voz do Capuz Negro falou de algum lugar do quarto. Ayleth começou a esticar o pescoço para tentar vê-lo, mas sua garganta

estremeceu com o movimento. Ela respirou fundo, fechou os olhos e ficou imóvel.

— Estou testando a amostra. — A venatrix respondeu. Ayleth ouviu o tilintar de vidro, o som do líquido vertendo, mexendo, sacudindo. Vários longos minutos se passaram, e o quarto permaneceu congelado em silêncio além do barulho do trabalho da venatrix.

Por fim, a mulher disse: — O oblivis foi expurgado de seu sistema. Mandarei a amostra para Breçar para confirmação, mas não detecto nenhum vestígio. Pelo que posso discernir, ela se recuperará. Mas é melhor que ela não se mova por alguns dias, pelo menos. Não até ouvirmos do castra.

Um grande suspiro escapou dos pulmões de Ayleth. Ela tirou a mão da garganta, fazendo uma careta ao ver sangue, depois olhou ao redor. Para sua consternação, todos os três estavam olhando fixamente para ela, a venatrix como se fosse uma curiosidade que ela desejasse estudar, Terryn como se ela fosse a maior de todos os idiotas, e o Venador Dominus...

Ele olhava para ela como um homem que está vendo um fantasma.

Seus olhos encontraram os dela, travando-se com tanta força, tão rápido que Ayleth sentiu um choque nos ossos. Pior ainda, algo apareceu por trás de suas pupilas. Algo não limitado à visão mortal, olhando para ela em espírito. Ela sentiu seu poder, mas com Laranta tão profundamente reprimida, ela não conseguia olhar de volta. Ela se sentia impotente, como um coelho preso em uma armadilha enquanto a raposa se aproximava cada vez mais.

Ela voltou seu olhar para Terryn como o rosto mais amigável dos três. O que não dizia muito.

Terryn desviou o olhar imediatamente, dirigindo-se à venatrix. — É seguro fazer perguntas a ela? — Se Ayleth não o conhecesse melhor, ela diria que ele quase parecia preocupado.

— Eu ainda não faria. — A venatrix respondeu. — Ela não será capaz de lhe dar respostas completas de qualquer maneira. Então, ela confunde as memórias recentes, e ela pode nunca mais se lembrar do que aconteceu naquele dia.

— Q-que dia? — Ayleth murmurou, mas ninguém se preocupou em responder.

— Precisamos saber. — Terryyn persistiu. — Se Inren deu qualquer indicação de quantas âncoras ela deixou para trás...

— Todo mundo fora.

A voz do Venador Dominus minou tudo, deixando um silêncio mortal para trás.

Sem questionar ou protestar, a venatrix ofereceu uma saudação, pegou seus implementos da mesa lateral e caminhou até a porta. Ela parou ali, segurando-a aberta, e acenou para Terryyn se juntar a ela.

Terryyn ficou mais um momento em seu lado da cama. Seus olhos foram de Ayleth para Fendrel e vice-versa. Sua boca se abriu; sua mandíbula tremia. Que expressão era aquela em seu rosto?

— Fora. — O Capuz Negro disse novamente.

Terryyn fez uma saudação e, com apenas um último olhar rápido na direção de Ayleth, seguiu a venatrix pela porta. Fechou atrás deles.

O quarto de repente parecia muito próximo, muito pequeno.

Silencioso e imóvel, Dominus du Glaive permaneceu com a cabeça virada para longe de Ayleth, os olhos fixos na porta. Mas seu olhar perscrutou completamente outro lugar, estudando alguma visão que Ayleth não conseguia adivinhar.

Então, lentamente, ele se virou para ela.

— Tudo bem. — disse ele. — Cansei desses jogos. Diga-me quem você é antes que eu prenda seu coração na cama.

CAPÍTULO 2

Não era uma ameaça vã.

Ayleth não conseguiu formular uma resposta, embora seu queixo caísse. O sòm entorpecia sua língua e ela ficou muda e indefesa.

O Dominus cruzou o quarto, pairando ao lado de sua cama como um espectro mortal. Ele jogou o capuz para trás, revelando um rosto de pedra com corte quadrado, mandíbula barbada e cabelo claro trançado puxado para trás com força em seu couro cabeludo. Algo nele parecia... irreal, de alguma forma. Como se ele tivesse saído de uma ilustração iluminada do próprio Santo Evander, orgulhosamente acima de algum inimigo tomado pela sombra, sua flauta erguida até os lábios e o poder irradiando dele em linhas de tinta e folhagem de ouro. Era muito fácil acreditar que este homem era o santo reencarnado, que voltou ao mundo mortal para administrar a justiça em nome da Deusa.

— Você sabe quem eu sou? — Ele demandou.

Ayleth concordou com a cabeça. — Fendrel, Venador Dominus du Glaive. — Ela conseguiu murmurar em resposta.

— Então você vai me responder, garota. Me diga quem você é.

Sua mão se moveu e Ayleth viu o brilho de sua adaga de osso quando ele a tirou da bainha. Ele realmente a mataria? Ele lhe causaria uma morte violenta sem nenhuma consideração pela força poderosa que ele lançaria no mundo? Laranta não era um espírito pequeno e encolhido e, se fosse impelida pela violência e pela dor, Ayleth não duvidava de sua capacidade de escapar até mesmo dos tubos do Dominus e tomar posse de um novo hospedeiro.

— Eu sou... Eu sou Ayleth, Venatrix di Ferosa. — Ela respondeu, as palavras arrastando dolorosamente. — Vim do Posto Avançado Gillanluòc em Drauval. Eu treinei com Venatrix di...

— Com Hollis. Sim, já ouvi a história. — Ele se inclinou e Ayleth se encostou no travesseiro, sentindo-se pequena e fraca sob aquele olhar. — Ouvi dizer que ela a contratou como aprendiz e sei que não lhe foi enviada de Breçar. Nem você foi apresentada a nenhum castra Perrinion.

Ayleth balançou a cabeça e seu cérebro ficou enlameado. — Eu fui enviada de Vielhir. Castra Vielhir. Em Championarre.

Ele se inclinou mais perto. A única maneira de ela escapar de encontrar seu olhar era fechando os olhos. Mas ela não ousaria.

— Você mente. — Ele sibilou, sua respiração quente em suas bochechas. — Você não é de Championarre. Se eu escrever para Vielhir, eles me confirmarão. Eles vão responder que não têm nenhum registro de você. Eu sei isso. Eu sei disso.

Ayleth piscou, mal conseguindo respirar. Ela queria protestar, queria gritar, queria gritar que ela era quem dizia ser. Mas...

Na verdade, ela já sabia que tudo o que acabara de dizer era falso. Ela não sabia quem ela era. Ela não sabia de onde era. Ela nem sabia seu nome. Hollis contou a ela a história de uma jovem órfã de guerra chamada Ayleth di Ferosa, que foi levada por Castra Vielhir para doutrinação e depois enviada a Drauval como aprendiz, devido à escassez de doutrinados em Perrinion. Hollis moldou toda uma história e disse a ela que era a sua própria.

Uma história da qual Ayleth não possuía uma única memória.

Dominus Fendrel olhou para ela como se estivesse tentando ler seus pensamentos. Seus lábios se curvaram lentamente de volta para revelar os dentes. Ayleth viu como escuras suas gengivas estavam, roxas e

machucadas. Quase contra ela, ela olhou para suas mãos, uma segurando a adaga de osso, a outra segurando-a pelos laços soltos na frente de sua camisa. Era difícil ver ao certo com os dedos se enroscaram tão apertado... mas Ayleth acreditava que ela vislumbrou a mancha escura em torno de sua pele, a sombra se espalhando sob a pele, no fundo no osso.

Praga das sombras. Acabava chegando a todos os venadores e venatrizes. Até Dominus du Glaive, por mais estranha que essa ideia possa parecer.

Ainda assim, ele era mais forte do que a maioria dos homens. Mesmo com Laranta suprimida, mesmo com o acesso a seus sentidos de sombra interrompido, Ayleth podia sentir o poder de seu espírito. Emanava de seu núcleo em ondas de pura energia. Mas sob seu espírito mortal espreitava o espírito de sua sombra. E também era forte. Fortalecendo-se a cada dia, conforme Fendrel enfraquecia.

Ele viu para onde foi o olhar de Ayleth. Ela viu um lampejo de branco atrás de suas pupilas antes de seus olhos se estreitarem. Ayleth se perguntou por um terrível instante se o Dominus cumpriria sua ameaça de prender o coração dela na cama. Em vez disso, ele a deixou ir, empurrando-a bruscamente para trás enquanto dava dois passos para longe.

— Você não pode ser. — ele sussurrou, sua voz tremendo com alguma emoção indescritível. Poderia ser medo? — Você não pode ser o que eu penso que você é. É impossível.

Ela não sabia o que ele queria dizer. Ela não sabia o que ele pensava. Ela não conseguia nem falar, tão dolorosamente seu coração batia na garganta. Sua cabeça latejava de terror e os efeitos da droga.

Fendrel embainhou sua adaga. Abrindo sua bolsa, ele puxou um pequeno frasco com rolha de um líquido prateado. Ele puxou a rolha,

revelando uma agulha longa e afiada, menor do que a que a venatrix havia usado em sua garganta, pingando o estranho unguento de sua ponta.

Ayleth desejou... ela desejou de repente Terry. Foi a sensação mais estranha, uma necessidade que ela mal podia reconhecer. Mas quando ela abriu a boca e tentou falar, tentou gritar, foi o nome de Terry que começou a se formar.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Dominus Fendrel agiu. Ele deu um passo à frente rapidamente, avançou sobre ela onde ela estava deitada e pressionou-a de costas na cama, sua enorme mão espalmada sobre seu peito com tanta força, tão pesada, que ela pensou que ele fosse tirar o fôlego dela. Ela agarrou seu pulso, agarrou seu antebraço, desesperada para arrancá-lo.

— Fique quieta. — Ele rosnou. — Você não pode ser o que eu penso que você é. Mas devo saber com certeza. Fique quieta ou você morre aqui e agora. Abra seus olhos!

Com essas palavras, ela sentiu a magia se apoderar dela. Magia anathema, uma maldição. Saiu da alma de Fendrel e entrou em seus olhos, ardendo ao arregalar suas pálpebras e prendê-las de forma que ela não pudesse piscar.

Fendrel enfiou a agulha no centro do olho direito.

Laranta rugiu dentro da alma de Ayleth, elaborado pela ferocidade de dor e poderes para forçar seu caminho através das barreiras de sòm. Sua repentina presença explodiu na mente de Ayleth, enchendo seu olhar com visões do mundo espiritual. Ayleth viu a sombra de Fendrel pairando sobre ela, um grande espectro branco de Anathema sem forma sólida, exceto sem fim, estendendo os braços que pareciam sair do próprio Fendrel, cavando em seu rosto, cavando em seu crânio, cavando, junto com ele, dentro de seu globo ocular.

Sua sombra de lobo saltou de sua cabeça, lançando-se direto para aquele espírito pálido. Mas um de seus braços empurrou Laranta para longe e a jogou no chão. O lobo tentou se levantar, mas a sombra Anathema estendeu a mão com facilidade e a empurrou para baixo, mantendo-a paralisada. Ayleth gritou seu nome em sua voz espiritual, mesmo enquanto sua voz mortal engasgava e lutava contra a dor.

Então Fendrel puxou sua estranha implementar fora de seu olho e deu um passo atrás. Sua visão mortal, encaixado no lugar. Embora ela ainda visse Laranta deitado no chão do outro lado do quarto, ela não podia mais ver sombra do dominus.

Ela cobriu os olhos com a palma da mão, pressionando com força contra as lágrimas. Ela quase se perguntou se Fendrel havia arrancado seu olho direito da órbita. Mas não, ainda estava lá, latejando de dor intensa. Ela rolou e despejou o conteúdo de seu estômago no chão de pedra polida.

O Dominus a ignorou. Ela olhou para ele através das mechas suadas de seu cabelo solto, observando-o estudar a ponta da agulha. Então ele a colocou de volta no frasco de líquido prateado, prendendo a rolha no lugar.

— Vou mandar isso para a Phasmatrix Domina. — Ele murmurou, falando consigo mesmo. — Então veremos... então saberemos... — Seu olhar pousou no rosto de Ayleth e ele estremeceu como se a simples visão dela lhe causasse dor. — Você não é possível. Você não é...

Ayleth baixou a cabeça, deixando-a pendurada na beirada da cama. Ela apertou o olho direito com força enquanto o sangue pulsava em suas têmporas. A corrente de alma que a prendia a Laranta estremeceu com a dor e o medo de sua sombra. Ayleth tentou chamar Laranta, mas sua sombra não conseguia se mover.

Fendrel se virou e, de repente, o que quer que estivesse segurando Laranta se soltou. Ela saltou, rosnando, pronta para se lançar no Dominus. Mas ele, sem olhar para Ayleth, disse: — Chame sua sombra.

Ela obedeceu imediatamente. — *Calma, Laranta.* — disse ela bruscamente. Ela teve que se repetir três vezes antes de sua sombra de lobo se agachar, tremendo de raiva, terror e sede de sangue.

Fendrel, entretanto, voltou a guardar o frasco na bolsa, ainda sem olhar para ela. Só quando terminou, ele olhou para ela novamente. — Você não é ela. — disse ele, sua voz como uma tumba.

Ayleth só conseguia olhar, de boca aberta.

Seu lábio se curvou com nojo. — Eu vou descobrir a verdade. — Ele disse por fim. — Você não vai me enganar.

Com essas palavras, ele se virou e saiu do quarto, fechando a porta com tanta força atrás de si que as colunas ao redor dela chacoalharam. Ayleth estava ofegante sobre os travesseiros, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

O que aconteceu? O que ele fez com ela? E... porquê?

Laranta ergueu a cabeça, mas por outro lado não se mexeu. Num impulso, Ayleth escorregou para fora da cama, caiu de joelhos e meio rastejou, meio se arrastou para a sombra. Ela jogou os braços ao redor daquela forma escura e lupina. Laranta era um ser de espírito. Ela não estava presente em nenhum sentido mortal. Mas Ayleth a percebeu com a maior realidade e, quando fechou os olhos, sentiu seu enorme calor, pelo almiscarado e seu poder selvagem e anormal.

Ela se agarrou à sombra, chorando, e Laranta se apoiou nela, apoiando a cabeça pesada em seu ombro. Por fim, Ayleth adormeceu ali no chão.

CAPÍTULO 3

Cerine ficou no centro do salão superior e observou enquanto Venador Terryn carregava a jovem venatrix para a ala leste. Dominus du Glaive o seguiu, e em seus calcanhares caminhava a alta e pálida Venatrix di Lamaury. Nenhum deles tinha uma palavra ou olhar para ela, e ela estava feliz.

Ela colocou os braços em volta da cintura, tremendo apesar de si mesma. Ela ainda podia sentir a pressão dos dedos da venatrix em seu braço. Um aperto forte, apesar de todas as drogas que eles usaram para sedá-la. Aquela jovem era, à sua maneira, verdadeiramente assustadora.

Cerine respirou fundo, estremeando. Ela sabia que a venatrix salvou sua vida, salvou a vida de cada homem, mulher e criança no Castelo Dunloch. Ela havia vencido a Bruxa Fantasma na batalha e a matou, levando sua alma perversa e a de sua sombra para os Assombrados.

Mas ela falhou em salvar Fayline.

Baixando a cabeça, Cerine voltou-se para a ala norte do castelo, a alça da bolsa agarrada com força numa das mãos. Com tudo o que ela embalou, a bolsa pesava em seu ombro. Ela observou seus pés, lembrando-se a cada passo ao longo da passagem que a venatrix tinha feito certo. Pelo menos, ela melhor entendia. Ela era um produto de sua Ordem, treinada de acordo com as leis de Santo Evander.

Quando a venatrix viu uma bruxa tomada pela sombra ameaçando mortais, ela agiu de acordo com seu treinamento. Ela não tinha olhado para aquele monstro desfigurado e visto uma irmã. Apenas uma inimiga.

Como alguém poderia culpá-la por isso?

Perto do final da passagem, Cerine chegou à porta do escritório particular do príncipe e parou. Inclinando a cabeça, ela ouviu os sons de movimento dentro. Gerard estava lá embaixo, ela sabia, encontrando-se com seu pai para uma de suas intermináveis discussões cobrindo todos os detalhes da cerimônia de casamento que se aproximava e do baile de comemoração que se seguiria. Uma reunião de que Cerine não deveria comparecer. Chegar na hora certa e usar um vestido apropriadamente grandioso abrangia todo o seu dever. Para esse fim, Liselle a manteve cativa em seu quarto durante toda a manhã.

Seu estômago se contraiu com a memória de estar ali em um banquinho enquanto mulheres em chapéus com babados a rodeavam, cutucando agulhas aqui, aplicando fitas de medição ali, cortando, costurando e resmungando entre si sobre o estado angustiante de seu cabelo tosado. Como se isso realmente importasse. Como se o fedor do incenso fúnebre ainda não estivesse forte no ar.

Como se as cinzas de sua irmã não tivessem sido recolhidas ontem à noite e colocadas em uma jarra de alabastro.

Exatamente quatro anos atrás, era Fayline vestida de branco e dourado. Quatro anos atrás, era Fayline praticando as palavras cerimoniais a serem pronunciadas na Noite das Relíquias. Fayline quem...

Cerine conteve as lágrimas. Não faria bem algum de se deter sobre o que deveria ter sido se o mundo fosse justo. O mundo era o que era. E ela tinha um trabalho a fazer.

Ela tentou a trava, encontrou-a destrancada e empurrou a porta. Seu espírito pesado se dissipou quase imediatamente quando ela entrou no cômodo silencioso cheio de livros. Os cheiros de papel, de encadernação de couro, de tinta e pergaminho a encheram de familiaridade e conforto. Ela

quase podia se imaginar de volta ao scriptorium do templo com a irmã Ilda, curvada sobre a mesa e copiando textos sagrados em silêncio.

O escritório estava frio, mas alguém havia acendido o fogo na lareira naquela manhã. Cerine tirou a bolsa do ombro, pegou um atizador e revolveu as brasas, acrescentando combustível aos poucos até que o escritório começou a esquentar. Assim que as toras queimaram continuamente, ela varreu a ampla pedra da lareira e deu um passo para trás, satisfeita.

A mesa de Gerard estava limpa, oferecendo bastante espaço para espalhar livros, penas, facas de aparar e tinteiros. A luz da manhã das janelas voltadas para o leste iluminaria seu trabalho.

Cerine jogou sua bolsa pesada até o centro da mesa e jogou a aba para trás. Com cuidado, ela removeu seu conteúdo, colocando cada item ao seu redor em um arranjo ordenado que inevitavelmente se tornaria desordenado à medida que ela se tornasse mais e mais envolvida em seu trabalho. Ainda assim, era melhor começar bem.

Por fim, ela puxou o volume de couro cheio de páginas com os escritos da irmã Ilda. E alguns dos seus também. Escrita perigosa. Mais perigosa do que qualquer espada.

Cerine abriu o livro, folheando suas páginas densamente escritas até chegar ao primeiro espaço em branco. Fazia quatro dias desde que ela olhou seu trabalho pela última vez, desde que a Bruxa Fantasma atacou Dunloch. Não houve tempo nem para pensar sobre isso. Mas agora, mais do que nunca, ela precisava revisitar essas palavras, tanto o texto original em occidiano quanto essa tradução meticulosa que ela e a irmã Ilda haviam elaborado.

Os evanderianos acreditavam que, quando um mortal tomado pela sombra era morto, se os feitiços da música apropriada não fossem executados,

a alma humana era arrastada junto com a sombra para os Assombrados. Essas almas estavam separadas para sempre da Luz da Deusa. Mal ou virtuoso, corrupto ou inocente... não importava. Essas almas estavam condenadas.

Como a de Fayline.

Mas...

Cerine levantou-se de sua cadeira e caminhou até as paredes forradas de livros, seu olhar passando de um título para outro. Por fim, ela encontrou um volume que sabia que estaria lá, as Escrituras Sagradas de Santo Evander. Ela o tirou da prateleira e colocou a pesada encadernação ao longo do antebraço enquanto folheava as páginas e rapidamente encontrou o que procurava, o *Seion-Ebathe*.

A Profecia do Rei Escolhido.

Ela puxou o livro de volta para sua mesa e o colocou, aberto na página certa, logo acima de seu próprio livro muito menor. Em seguida, com muito cuidado e delicadeza, ela extraiu de sua bolsa a frágil cópia do texto original em occidiano. Os caracteres da antiga língua morta eram ásperos e angulosos ao lado da escrita gaulesa mais suave e arredondada.

Ela colocou o dedo em uma linha do texto occidiano, seus lábios se movendo inconscientemente em um sussurro: — *Dalath-mi'talrythe*.

Ela estava enganada no que acreditava ter visto ali, no que acreditava ter entendido? Sua cabeça latejava. Gemendo, ela abaixou pesadamente para descansar em suas palmas. Ela precisava dormir. Se, de alguma forma, ela pudesse garantir que Liselle e as mulheres de touca cheia de babados haviam deixado seu quarto, ela iria naquela direção imediatamente, desabaria em sua cama e tentaria reivindicar algumas horas de doce esquecimento.

A trava da porta se levantou.

A cabeça de Cerine se ergueu e seus olhos se arregalaram quando a porta do escritório se abriu. Uma figura alta de cabelos fulvos e um gibão verde rico entrou no escritório, o rosto abatido e os ombros caídos. Ele se virou para fechar a porta e apenas ficou ali parado, de costas para ela, a imagem do abatimento.

Gerard.

Ela não deveria estar surpresa. Era seu escritório, depois de tudo. Cerine engoliu em seco, sua mente lutando. Ele estava ciente de que ela estava no escritório? Ela deveria falar? Ela abriu a boca, mas as palavras não vieram. Como ela poderia explicar o que estava fazendo aqui, sentada em sua mesa? E se ele perguntasse sobre o seu trabalho?

O que ela poderia dizer?

Ele se virou de repente com as palmas das mãos pressionadas nos olhos, ainda sem perceber a presença dela. Seus lábios estavam puxados para trás em uma careta crua, e ela viu as cordas de sua garganta se apertarem.

De repente, ele falou em uma voz baixa e áspera, mas clara: — Grande Deusa do alto, é minha culpa? Eu não orei bastante, por tempo suficiente? Eu perdi as esperanças cedo demais?

Sua cabeça afundou, o queixo caindo sobre o peito e as mãos penduradas flácidas ao lado do corpo.

Cerine estremeceu onde estava sentada. Mas ela não conseguia ficar em silêncio. Com um farfalhar silencioso de saias, ela se levantou atrás da mesa, as pontas dos dedos pressionadas em sua superfície para se manter de pé. — Vossa Alteza. — Ela disse.

Gerard se assustou com a voz dela. Seu rosto estava terrivelmente pálido e tenso quando ele piscou e apertou os olhos para ela. De onde ela estava com a luz nas costas, ela deve ter sido difícil de identificar.

— Cerine. — ele disse finalmente. — O que... o que você está fazendo aqui?

Ela olhou para seu trabalho, os pergaminhos enrolados, as folhas soltas de escrita occidiana. O volume das escrituras sagradas de Santo Evander ao lado de seu próprio livro menor. Rapidamente ela se curvou na cintura, esquecendo naquele momento que ela não era mais uma freira Siveline, mas uma senhora que deveria fazer uma reverência ao seu príncipe.

— Sinto muito, Alteza. — Ela murmurou. — Eu... Achei que você não usaria este escritório hoje, e eu... Eu precisava de um lugar para ir... — A desculpa soou estúpida em seus ouvidos. Ela fechou a boca rapidamente para parar a língua.

Gerard respirou fundo, os cantos de sua boca se erguendo em uma tentativa de sorrir. — Sim claro. Compreendo. Eu não quero incomodar você.

Seus olhos brilharam para encontrar os dele, então desviaram o olhar rapidamente. — Você... você nunca me incomoda. — Ela sussurrou, não certa de que suas palavras eram altas o suficiente para serem ouvidas.

Gerard hesitou, olhando para ela atentamente. Quando ela ousou olhar para ele novamente, havia uma expressão estranha em seus olhos.

Cerine abaixou a cabeça, olhando para seu trabalho sem vê-lo. Em sua visão periférica, ela observou Gerard se mover em direção à mesa. Ele acenou com uma das mãos, indicando a pilha de pergaminhos e papéis, os livros. — As Irmãs Siveline enviaram trabalho junto com sua escriba mais dedicada? — ele perguntou, uma nota gentil de provocação em sua voz.

Cerine deu de ombros, embora seu coração batesse dolorosamente em seu peito. — Eu trouxe este trabalho comigo por minha própria escolha.

Gerard estendeu a mão e girou o volume da obra de Santo Evander para lê-lo. Ela quase estendeu a mão para detê-lo, mas optou por não o fazer no final. Ela observou seus olhos dourados enquanto lia ao longo das linhas.

Sua sobrancelha escureceu e ele olhou para cima para encontrar o olhar dela. — Esta é a Profecia do Rei Escolhido.

Ela respirou lentamente, na esperança de acalmar seu pulso acelerado. — Eu sei.

Ele ergueu os olhos curiosos para o rosto dela, sem dúvida se perguntando por que diabos ela se debruçaria tanto sobre uma profecia já concluída. Pelo menos, se fosse para acreditar na interpretação de Fendrel du Glaive.

Mas todos acreditaram. O Rei Escolhido cortou a cabeça da Terrível Odile, o Veneno de Perrinion. Ele havia libertado o reino, restabelecido a verdadeira adoração à Deusa e reinstituído a Ordem de Santo Evander. Com seu irmão, o Capuz Negro, em sua mão direita, ele orquestrou a caça sistemática de todas as bruxas e tomadas de sombra, e assim expurgou o mal da terra.

Apenas...

— Por que? — Gerard perguntou baixinho. — Por que você está lendo isso... agora?

Cerine apertou os punhos tão apertados, as unhas cortadas em suas palmas. Esta foi a razão pela qual ela viera a Dunloch. Não para um casamento. Não assistir sua irmã morrer. Este momento. Este momento, quando ela confessaria seus pecados, sua heresia.

Este momento em que ela contaria ao Príncipe Dourado o que ela havia encontrado e, ao contar a ele, colocaria sua vida em suas mãos.

Ela estendeu a mão e com cuidado, deliberadamente, pegou seu próprio volume, sua própria tradução. Ela o estendeu para Gerard, colocando-o por cima dos escritos de Santo Evander.

— Eu... — Ela lambeu os lábios secos e se obrigou a continuar. — Como você sabe, estudo no Templo Siveline há quatro anos. Treinando com a irmã Ilda, que é especialista em dialetos occidianos. Três anos atrás, um ano depois que Fayline foi levada, recebemos um tesouro: uma remessa de volumes occidianos. Sagrada Escritura das Rainhas Sacerdotisas, que havia sido contrabandeada para fora de Perrinion no início do reinado da Terrível Odile e escondida em Suuria. Eles foram descobertos e devolvidos ao nosso templo. Era meu dever ajudar a irmã Ilda a copiar esses volumes, tanto no idioma original quanto para o gaulês, para que pudessem ser espalhados por outros templos e santuários em todo o reino.

Gerard a observou de perto. Seu olhar nunca deixou seu rosto.

— Foi enquanto eu trabalhava para traduzir um desses volumes que me deparei com uma frase no antigo occidiano: *dalath-mi'talrythe*. — Ela se atreveu a olhar para cima e encontrar seus olhos. — Você sabe o que isso significa?

Ele franziu a testa. — Parece familiar. É parte da Profecia do Rei Escolhido original? — Uma risada triste retumbou em sua garganta e ele pareceu envergonhado. — Fizeram-me memorizar na língua original. Disseram que minha pronúncia é terrível. Mas o que você disse... parece um pouco com o que aprendi.

Cerine acenou com a cabeça. — Encontrei a mesma frase em outro livro, parte de um texto totalmente diferente. Mas ao ler nesse novo contexto, eu... Eu percebi algo.

Ela deu outro suspiro para se acalmar. Seus joelhos tremiam tanto que ela temeu desabar na cadeira. Mas ela tinha que permanecer firme, para apresentar suas descobertas com confiança.

— *Irmão com irmão.* — Ela disse. — Isso é como Evander traduziu essa frase. *Irmão com o irmão, um tomado e um não tomado.* — Ela pegou a velha página de texto Occidian e apontou para a linha de escrever os caracteres antigos. — Mas isso de frase *dalath-mi'talrythe*, isso não significa *irmão com irmão*. É mais complicado do que isso. Ele fala com um sentido de unidade, duas coisas diferentes reunidas numa só, sendo feitas como irmãos. Não irmãos de sangue, mas... irmãos que escolhem um ao outro. Alma gêmeas.

Gerard olhou para ela. Seu rosto de repente ficou muito duro e fechado. Ele ainda segurava o livro das Sagradas Escrituras de Evander em seus braços.

— Quando vi a diferença, voltei ao texto original da profecia. E eu vi mais mudanças. Mais pequenas alterações de significado. Este, por exemplo... — ela apontou para outra palavra na página. — *Kelthor*. Significa *tanto*.

Sua voz tremeu com a paixão de suas palavras, o velho pergaminho vibrando em sua mão. — *Unidos em fraternidade, tanto os tomados quanto os não tomados.* — Ela deixou as palavras suspensas no ar entre eles.

Os lábios de Gerard se moveram. Ela podia vê-lo formando as palavras em uma respiração sem voz. — ...tomado e não tomado...

— Não se trata de dois irmãos mortais. — disse Cerine. — O *Seion-Ebathe* fala do parentesco entre mortais e sombras.

Gerard não falou. O silêncio foi doloroso, preenchido apenas com o estalo e crepitação do calor na lareira.

— Você vê? — Cerine finalmente pressionou. — Você entende? Isso significa... — Ela não podia dizer isso, mas ela podia ver a compreensão surgindo em seus olhos.

As sombras não eram totalmente abomináveis para a Deusa, abominações aos Seus olhos.

As sombras não eram amaldiçoadas para sempre sem esperança de redenção, perdidas por toda a eternidade no caos e compressão e horror dos Assombrados.

A vontade da Deusa era para a unidade. Parentesco. Para que a sombra e o mortal permanecessem juntos. Assim, ela havia falado com sua primeira Rainha Sacerdotisa séculos atrás. Assim, ela sempre teve a intenção.

O que significava...

Muitas coisas para Cerine começar a descrever.

Assim que descobriu aquela pequena frase mal traduzida, ela correu para a irmã Ilda e apresentou suas descobertas. Ilda primeiro a jurou silêncio e sigilo... e então começou a revelar suas próprias descobertas, feitas ao longo de muitas décadas. E com os textos occidianos recém-recuperados, as descobertas vieram mais rápido, um verdadeiro dilúvio.

Em todos os lugares que elas viraram, elas os encontraram... quase palavras e quase frases. A tradução sempre tão próxima, mas alterada para reforçar a premissa de Evander de que todas as sombras eram irredimíveis e todas os tomados condenados, a menos que misericordiosamente fossem mortos.

E essa crença formou o alicerce da Ordem Evanderiana. A ordem dos caçadores de sombra. Aqueles homens e mulheres que assumiram a responsabilidade pela salvação das almas mortais.

Almas que nunca pertenceram a eles.

O rosto de Gerard ficou sem cor. Seus olhos se fixaram no trabalho de Cerine, fitando a página de escrita occidiana que ela estendia para ele. Ele havia sido treinado nos fundamentos da língua occidiana, mas certamente não o suficiente para entender esse dialeto antigo. No entanto, ele olhou fixamente para ele, como se pudesse de alguma forma querer ver e entender o que Cerine sabia.

Segurando o livro dela com uma das mãos, ele colocou as Escrituras Sagradas em sua mesa e arrebatou a página dela. — Você nunca deve dizer essas coisas, Cerine. — disse ele, com a voz áspera em sua garganta. — Você nunca! Eles vão... Meu tio vai...

Seu tio, que construiu um reino a partir de sua própria interpretação de uma profecia mal traduzida.

Cerine olhou nos olhos do homem conhecido por todos como o Príncipe Dourado. O cumprimento da *Seion Ebathe*. Mas ela viu apenas Gerard.

— Por favor. — Ela sussurrou. — Você deve saber. Se Santo Evander está errado sobre uma coisa, ele está errado sobre cem. Incluindo o destino final dos tomados. Não acredito que Fayline esteja perdida. Ela está morta, sim, mas não condenada como fomos levados a acreditar. E os tomados...

Todo o corpo de Gerard estremeceu como se tivesse sido atingido por um raio. — Você não pode dizer essas coisas. Cerine, é perigoso!

— Há tantos morrendo. — Ela estendeu a mão, mas hesitou. Reunindo sua coragem, ela pousou os dedos no braço de Gerard. — Há tantos caçados, mortos, massacrados como monstros. Tudo porque Evander ensinou...

Ele afastou a mão dela. Por um momento ele ficou de perfil para ela, respirando com dificuldade, seu livro ainda agarrado em uma mão, seu dedo segurando a página. Ele o abriu e leu o que ela havia escrito, sua tradução do *Seion-Ebathe*.

Um grande veneno se espalhará pelo coração do meu povo, dando origem à Falsidade reinando em nome da Verdade. Mas vou mandar um campeão. Enviarei aquele a quem escolhi para cortar a cabeça do Falso e conduzir o povo de volta para Mim. Unidos em fraternidade, tanto os tomados quanto os não tomados permanecerão juntos, estabelecendo um novo legado sob Meu nome.

Sua mandíbula trabalhou. Cerine sabia o que viu, todas as maneiras pelas quais a história em que ele fora criado para acreditar era falsa. Sua vida inteira se transformou em uma farsa no espaço de algumas palavras simples.

As mudanças eram sutis, mas inconfundíveis.

Ele fechou o livro com um estalo, segurando-o com as duas mãos para que os nós dos dedos ficassem duros e brancos.

— Cerine d'Aldreda. — Ele disse sem olhar para ela. — Eu ordeno a você, como seu Príncipe Dourado, que nunca diga uma palavra sobre isso. Nunca. Nem para mim. Para ninguém. — Só então ele se atreveu a desviar o olhar para ela. — Você sabe o que eles farão com você se descobrirem?

Eles a conduziriam ao bloco e cortariam sua cabeça por sua heresia. Ela sabia disso o tempo todo.

— Isso é mais importante do que a minha vida. — disse ela calmamente. — Quantos os Evanderians matam a cada ano? Quantos homens e mulheres? Quantas crianças? Você sabe? Sabe o que fazem para as crianças nascidas com sombras dentro delas? Sabe qual é a prática?

Seus olhos brilharam de horror. Ela viu que ele sabia, mas continuou implacável, forçando-o a ouvir as palavras em voz alta. — Eles as queimam, Gerard. Eles as queimam vivas. E eles chamam de misericórdia, porque

Evander disse que era assim. Evander, que distorceu as palavras da Deusa para... Espere. Gerard! O que você está fazendo?

Ela saiu de trás da mesa, mas não rápido o suficiente. O príncipe já estava diante da lareira onde o fogo que Cerine tinha avivado queimava. Antes que ela pudesse agarrá-lo pelo braço, antes mesmo que ela pudesse começar a implorar, ele jogou o trabalho dela, o trabalho da irmã Ilda, todos aqueles anos de trabalho árduo, no coração das chamas.

— Não!

Ela caiu de joelhos diante da lareira, estendendo as mãos. O fogo lambeu sua pele, queimando seus dedos enquanto ela procurava o livro. As mãos de Gerard se fecharam ao redor de seus braços. Ele a puxou de volta. Ela chutou, gritou, praguejou, se contorceu. Mas ela não podia fazer nada. Seu poderoso aperto a conteve.

— Deixe para lá, Cerine. — Ele rosnou, sua boca perto de sua orelha. Ela chorou, seu corpo levantando convulsivamente. Ela tentou pisar em seu pé, para conduzir seu cotovelo em seu intestino. — Deixe pra lá. — Ele repetiu várias vezes. — Deixe para lá. Deixe para lá.

Por fim, ela cedeu. Todas as forças pareciam ter drenado de seu corpo e alma, e ela teria caído se ele não a segurasse contra seu peito. Lágrimas escorreram por seu rosto enquanto ela olhava para aquela chama, observando o papel enrolar, enegrecer e se desintegrar em cinzas.

Era como assistir Fayline morrer de novo.

CAPÍTULO 4

Terryn parou na passagem do lado de fora da enfermaria de Ayleth e olhou para trás, para a porta firmemente fechada. Todos os instintos lhe diziam que não deveria deixar Ayleth sozinha com o Venador Dominus. Mas isso era uma tolice. Fendrel não a machucaria. Ele não tinha razão para isso.

Mas havia algo em sua voz, algo... Sombrio. Algo que Terryn não lembrava de ter ouvido antes...

— Du Balafre.

Ele lançou um olhar penetrante para o lado. Venatrix Everild estava parada a várias portas no corredor, os braços cruzados sobre o peito largo, esperando por ele. Seus olhos brilharam de impaciência.

Terryn se endireitou e se juntou à venatrix mais velha em alguns passos curtos. — Você já parou de lamentar? — ela disse com um sorriso malicioso. Quando Terryn não ofereceu nenhuma resposta além de um olhar fixo gelado, ela indicou a porta atrás dele levantando o queixo. — Quem é aquela garota? Onde ela foi treinada?

— Drauval. Por Hollis di Theldry. — Terryn respondeu abruptamente. — Antes disso, Castra Vielhir.

— Ela é talentosa. Talentosa e forte. — A sobancelha de Everild se ergueu. — Então, ela é sua competição para o posto em Milisendis, não é?

Terryn não respondeu, nem mesmo um aceno de cabeça.

— E aqui eu pensei que o posto avançado estava sendo jogado no seu colo. — O sorriso se transformou em um sorriso completo. — O menino

especial do Dominus realmente precisará que trabalhar por alguma coisa, para variar? Deusa abençoe a garota. Qual você disse que era o nome dela?

— Eu não disse. — respondeu Terryn, e antes que Everild pudesse deslizar em outra zombaria, ele acrescentou: — Temos trabalho a fazer. — e a empurrou pelo corredor, dirigindo-se à galeria central acima do corredor. — A Bruxa Fantasma está morta, mas não sabemos quantas âncoras ela deixou para trás.

— Isso importa? — Everild seguiu seus passos como uma sombra purulenta. — Inren está morta e banida. Suas pequenas bugigangas não são mais exatamente perigosas.

Ela não estava errada. As âncoras de oblidite usadas por Inren di Karel existiam apenas com o propósito de trazer a bruxa de volta a este mundo quando ela saísse para os Assombrados. Conectada por poderosos fios de maldição a essas âncoras, ela poderia desaparecer e reaparecer em um piscar de olhos, desde que permanecesse dentro de um raio de um quilômetro da própria âncora. Apenas Inren poderia fazer uso de suas propriedades, e com a Bruxa Fantasma agora banida para os Assombrados junto com sua sombra Evanescer, qualquer uma de suas âncoras restantes morreria em breve. Com o tempo, elas enegreceriam de podridão de maldição, mas permaneceriam inofensivas.

No entanto, Terryn rosnou: — Não vou deixar dezenas de maldições mortas e podres espalhadas por Wodechran. Eu vou encontrá-las. Todas elas.

— Como exatamente você planeja fazer isso?

Ele fez uma pausa, olhando de volta para a venatrix. — Sabemos de pelo menos uma âncora ativada: aquela plantada em Cró Ular, aquela que cercamos com o feitiço de barreira. Ainda está ativa, ainda está lá fora. Podemos rastrear

os fios da maldição que conectam a partir dela para outras de sua espécie, mesmo as inativas.

— Você pode fazer isso? — As sobrancelhas de Everild se ergueram e sua expressão desdenhosa momentaneamente mudou para uma de respeito e surpresa. — Você pode seguir um fio de maldição depois que o lançador estiver morto?

Ele não conseguia. Pelo menos, ele nunca tentou, nunca sequer sonhou em tentar tal coisa.

Mas Ayleth podia. Ele a tinha visto fazer isso antes. Quando Nane du Vincent desapareceu, ela encontrou uma de suas antigas maldições e a rastreou até o cadáver do venador.

Certo, ela só conseguiu isso permitindo a sua sombra muito mais ascendência do que o sancionado pela lei de Evander. Ela foi imprudente. Insensata. Dançando à beira da heresia metade do tempo. Mas, maldito Assombrados, ela fez o trabalho.

— Eu conheço alguém que pode. — disse ele, e novamente deu as costas para Everild, apressando-se em direção ao quarto privado que lhe foi dado para sua estada em Dunloch. — Vou cavalgar hoje e encontrar aquela âncora. — Ele gritou por cima do ombro para a venatrix. — Você fica no caso de Fendrel precisar de algo quando ele estiver... quando ele terminar.

Com o que quer que ele estivesse fazendo atrás daquela porta fechada.

Sem esperar para ouvir a resposta de Everild, ele desceu correndo as escadas e logo entrou em seu quarto, batendo a porta com força. Ele ficou parado por um momento com os punhos cerrados. Com as narinas dilatadas enquanto ele respirava trêmulo, ele olhou para a cama estreita sem vê-la. Em vez disso, ele viu aquela cama com cortinas e emaranhados de cabelos escuros

espalhados por almofadas claras. Ele viu um rosto tenso e olhos negros cheios de medo.

Ele viu um corpo magro, nu e feminino marcado com cortes violentos no peito e do esterno até o umbigo.

Terryn rangeu os dentes. Ele não deveria tê-la deixado. Ele deveria ter protestado, deveria ter ficado naquele quarto, deveria ter se mantido firme. Mas seu treinamento havia enraizado nele uma obediência instintiva a qualquer ordem que Fendrel du Glaive emitisse.

O que Fendrel tinha contra Ayleth? Seria simplesmente porque ela bloqueou o caminho de Terryn para tomar o Posto Avançado de Milisendis? Terryn sabia que o Venador Dominus podia ser um homem duro e inabalável quando se tratava de cumprir sua vontade no reino. Havia pouca coisa que Fendrel não faria para alcançar seus ideais.

Ele não a machucaria, no entanto. Ele não iria. Ele tinha acabado de salvar sua vida, purgado o oblivis de seu corpo e alma.

Mas essa não era toda a história e Terryn sabia disso. Ele vira o rosto de Fendrel na noite em que Ayleth jazia indefesa, perdida na dor daquele veneno destruidor. Ele tinha a intenção de deixá-la morrer. Sabendo que poderia salvá-la, Fendrel teria saído daquele quarto e deixado o oblivis fazer seu trabalho destrutivo. Se Gerard não tivesse intervindo e ordenado que ele agisse, Ayleth estaria morta.

Terryn passou a mão pelo rosto, impulsos conflitantes rasgando-o. Ele se virou para a porta, meio que alcançando a trava. Mas o que ele poderia fazer? Irromper de volta ao quarto, exigir respostas de seu mestre e ficar de pé sobre o leito de doente de Ayleth como um cão de guarda devotado? Seu estômago doeu com o desejo de fazer exatamente isso, e ele se odiou por essa fraqueza.

Ela não era sua para proteger. E ela nunca seria.

Algo quente se agitou dentro dele, atraído pela turbulenta paixão em seu espírito. Terryn recuou da porta, olhando para seu próprio peito como se pudesse ver através da forma mortal externa em seu próprio coração. A agitação se intensificou, um puxão agudo e contorcido que enviou a dor fluindo... não de seu corpo, mas de sua alma.

Sua sombra. Aproveitando qualquer oportunidade que encontrasse, qualquer fraqueza que pudesse manipular para seu próprio ganho, sua sombra estava ascendendo.

Com uma maldição amarga, Terryn girou nos calcanhares e caminhou pelo quarto. Suas armas e instrumentos estavam espalhados pela tampa de um velho baú, todos polidos, preparados e prontos para a próxima caçada. Ele puxou os tubos Vocos de sua bainha. Ele não conseguia se lembrar de cara quando ele havia fortalecido os feitiços de supressão que mantinham sua sombra em cativeiro pela última vez. Ayleth exercia uma influência muito grande sobre ele. Ela fez um ato imprudente... parecer tentador. Como se realmente fosse possível para um mortal e uma sombra coabitarem harmoniosamente em um único corpo, sem as amarras e supressões exigidas pela lei de Evander.

Terryn sabia melhor. Ele conhecia o horror que o habitava. E ele sabia o que faria no momento em que fosse libertado. Como aconteceria algum dia. Inevitavelmente. Algum dia quando sua força falhasse, algum dia quando sua vontade quebrasse. Ele só podia esperar que naquele dia ele teria um amigo ao lado dele para lidar com a Morte Gentil e salvar sua alma da condenação.

Mas hoje, pelo menos, ele tinha vontade suficiente para fazer o que deveria ser feito.

Levando os Vocos aos lábios, ele chamou primeiro o zumbido profundo e reverberante, depois a melodia mais leve e lírica da Canção de Supressão. A música tocou em reinos de percepção fora da consciência mortal, e ele fechou os olhos, deixando seu espírito afundar naquele feitiço, deixando o mundo mortal desaparecer ao seu redor enquanto ele entrava em um reino de alma.

O reino de sua própria mente.

Ele se estendia diante dele, seco como um deserto, plano e infinito em todos os lugares que ele virava. Com a música da canção do feitiço em torno dele, Terryn concentrou sua consciência, visualizando um corpo mortal para si mesmo neste reino de espírito, completo com seu uniforme, capa e capuz. O chão sob seus pés mudou. Fendas profundas marcavam a pedra, forçando o desejo de abrir grandes sulcos na paisagem. Apenas as canções de feitiço mantinham tudo sob controle.

Quando sua boca se formou em uma linha sombria, Terryn se virou para enfrentar a única anomalia naquela planície infinitamente plana sob o céu vermelho cru. Um monte de rocha estava em uma pilha que não era totalmente informe. Se vistos do ângulo certo, olhos afiados discerniriam uma silhueta distintamente dragoniana, a cabeça poderosa, as ancas poderosas, as asas enormes, tudo encerrado em pedra.

Seu corpo mortal ainda tocando a flauta de Vocos, seus dedos habilmente escolhendo a melodia complexa, o espírito de Terryn deu um passo em direção ao monstro. Ele viu uma onda de movimento ao longo da saliência que era a espinha. Uma voz deslizou pelo ar de sua consciência, pulsando com calor dentro de sua mente.

Qual é o meu nome? Você sabe meu nome?

Terryn parou bruscamente. No mundo mortal, suas mãos hesitaram uma fração de segundo antes de reclamar a melodia. Ele se preparou, atordoado

pela sensação que o atingiu tão profundamente. Ele tinha ouvido o sussurro insidioso de sua sombra muitas vezes antes. Ele sabia que não devia responder. As sombras eram forças de destruição e malícia sem sentido; nomeá-las, reivindicá-las como entidades sencientes, era dar-lhes poder. Então ele foi ensinado desde os primeiros dias de sua doutrinação.

Qual é o meu nome? – a sombra sussurrou e os feitiços da música estremeceram. Ao longo da espinha dorsal, a rocha se quebrou e caiu em torrentes de seixos barulhentos. – *Diga meu nome.*

– *Não.* – A imagem projetada de Terryn abriu os braços. A Canção da Supressão ergueu-se em um frenesi selvagem de melodia vertiginosa e, neste reino da mente, Terryn convocou a rocha, enviando-a rastejando para cima e sobre aquele ser deformado, enterrando-o camada sobre camada. A sombra deu um último grito antes de sua voz ser totalmente engolida.

No mundo mortal, Terryn abriu os olhos. Seus dedos repentinamente dormentes e moles deixaram cair os tubos Vocos, e eles pousaram parcialmente debaixo de sua cama. Ele não se abaixou imediatamente para pegá-los, mas ficou olhando para o nada, seus olhos físicos ainda vendo aquele reino do espírito em imagens piscantes em sua mente.

Isso foi muito perto. Ele quase deixou a sombra se soltar... tudo por causa de um nome. Tudo porque... porque em seu coração mais secreto, ele gostaria de poder confiar em sua sombra.

Da maneira como Ayleth confiava na dela.

– Malditos Assombrados. – Ele rosnou, e pressionou a palma das mãos contra as maçãs do rosto, os dedos cravados na testa e no couro cabeludo. – Assombre aquela garota!

Sua sombra estava bem suprimida agora. Um pouco demais, provavelmente. Ele poderia muito bem tê-la perdido. Até mesmo seu acesso à

visão sombria foi temporariamente interrompido. Normalmente, ele não sairia em uma caçada dessa maneira.

Mas ele não esperava encontrar uma sombra nas ruínas de Cró Ular. A bruxa fantasma estava morta e desaparecida, e outras sombras evitariam um local de magia antiga tão destruidora. Para o que ele precisava realizar não exigiria o poder da sombra.

O feitiço de supressão pesando como uma pedra pesada no centro de seu espírito, Terryn amarrou suas bainhas, suas aljavas, seu coldre e escorpião. Ele pegou os Vocos do chão e os embainhou ao lado dos Detrudos. Assim que ele estava puxando o capuz vermelho sobre a cabeça e prendendo-o nos ombros de seu gibão, uma batida frenética explodiu em sua porta. Terryn abriu a boca para gritar, mas a porta se abriu antes que ele fizesse um som.

Ele ficou cara a cara com Gerard. O rosto do príncipe estava mortalmente branco.

— Terryn, devo falar com você.

— O que há de errado, Gerard? — Terryn deu um passo em direção ao príncipe, que entrou no quarto e fechou a porta, seus olhos mudando como os de um homem caçado. — O que aconteceu?

Gerard não respondeu de imediato. Ele lançou a Terryn um rápido olhar, então desviou o olhar. Ele caminhou pelo quarto até a pequena lareira, olhando para suas cinzas sem vida com tal intensidade que ele bem poderia ter trazido as chamas de volta à vida com o calor de seus olhos. Dali, ele foi até a janela e ficou de costas para Terryn por alguns momentos, olhando além do gramado e dos muros de pedra para as águas brilhantes do Loch du Nóiv.

Terryn o observou com alguma impaciência. — Meu príncipe? — ele se aventurou longamente.

O príncipe girou nos calcanhares. — Terryn... — ele disse, sua voz áspera e baixa. — Você já se perguntou...?

Terryn esperou. A boca de Gerard estava aberta, e seus olhos estavam duros sob as sobrancelhas franzidas, como se ele não pudesse suportar dizer as palavras em sua língua. — Me perguntei o quê? — Terryn pressionou.

— Você já se perguntou se o que você faz é certo? Não apenas legal, mas realmente certo?

Terryn franziu o cenho. — O que eu faço...

— Quero dizer o seu trabalho. Seu dever como venador.

Um pesado bloco de silêncio caiu entre eles enquanto Terryn olhava fixamente para o rosto de seu príncipe e Gerard olhava para trás, esperando por uma resposta. Terryn piscou. E naquele lampejo de escuridão atrás de suas pálpebras, ele se viu em uma floresta enluarada, seus braços em volta de uma criança trêmula que agarrou seu pescoço e chorou enquanto ele a confortava. Em frente a ele estava Ayleth, as mãos cerradas em punhos, os olhos brilhantes e mortais com a luz pulsante da sombra.

Sua própria voz ecoou em sua memória: — *A morte é sua única esperança de salvação.*

— *Talvez você esteja certo.* — Ayleth respondeu, seus dentes brilhando em um rosnado feroz. — *Mas eu não vou deixar você levá-la.*

A imagem passou em um instante, e ele estava de volta ao seu quarto em Dunloch. Gerard o estudou atentamente, como se lesse os pensamentos em sua mente. — Já? — Ele demandou.

Mas Terryn não conseguiu responder. Ele não conseguia pensar no que dizer.

Gerard balançou a cabeça e caminhou de volta para a lareira, apoiando um antebraço na lareira entalhada. — Fico pensando naquela criança inata que

você caçou há um mês. — disse ele, com a cabeça baixa e o cabelo comprido caindo sobre os olhos. — Não posso esquecê-la, Terryn. Uma garotinha, você disse. Ainda não tinha quatro anos. Pela lei de Evander, ela deveria ser morta para salvar sua alma. Não havia outra esperança para ela. — Com esforço, ele levantou a cabeça, encontrando o olhar de Terryn. Seus olhos estavam muito brilhantes, brilhando não com lágrimas, mas com horror. — Você... você realmente acredita que a vontade da Deusa para você, para nós, é queimar crianças vivas?

Novamente, Terryn não respondeu. Não conseguiu responder.

— Porque... — continuou o príncipe. — Se assim for, que tipo de divindade servimos tão cegamente? Que tipo de ser é esse que escolhemos adorar?

— Gerard... — A voz de Terryn falhou.

— *O que você teria feito?* — A voz de Ayleth apareceu novamente em sua memória. — *Se eu tivesse ido embora ontem à noite. Na floresta. Se eu tivesse te deixado com Nilly. Você a teria queimado?*

Era uma pergunta que ele se fazia mais vezes do que gostaria de admitir. Uma pergunta que o atormentava. Tanto quanto possível, ele tirava isso de sua cabeça, concentrando-se nas tarefas que estavam diante dele, nunca olhando para trás.

Mas algum dia, mais cedo ou mais tarde, uma resposta seria necessária.

Ele limpou a garganta, mas sua voz ainda emergiu como um rosnado áspero. — A vontade de Santo Evander é clara.

— Mas Santo Evander fala pela Deusa?

O mundo parecia girar em torno dele. Só que não era este mundo, mas o mundo em sua mente, a pedra rachada tremendo, os feitiços de supressão

esticando-se. Seu coração parecia estar em chamas, um fogo que enviava pulsos de calor por um céu espiritual árido.

— Quantas crianças você matou? — Gerard perguntou, dando um passo em direção a Terry. Sua expressão dizia que ele não queria saber a resposta, mas ele insistiu na pergunta mesmo assim. — Quantas, Terry?

— Nenhuma. — Terry baixou a cabeça, respirando com dificuldade por entre os dentes cerrados. — Ainda.

O príncipe estendeu a mão para pousar a mão no ombro de Terry. — E se Evander estivesse... errado?

Terry se virou, se livrando do aperto de Gerard, e foi até a janela. Seus olhos fixaram-se no lago cintilante. Mas era um deserto árido sob um céu vermelho que ele viu.

— E se ele estiver errado? — Gerard continuou. — E se a Deusa nunca falasse com ele? E se todos os chamados escritos sagrados nunca foram divinamente inspirados? E se tudo... tudo em que fundamos nossas vidas nada mais for do que o ódio de um homem morto transformado em mentiras?

— Por que você está dizendo essas coisas? — Terry exigiu. Embora ele não quisesse, ele se forçou a se virar, para enfrentar Gerard novamente. — Você é o Príncipe Dourado. Você é o presente da Deusa para a espécie mortal. Você, de todas as pessoas, deveria...

— Assombrados, droga, Terry, eu não sou um presente! — Gerard ergueu as mãos, balançando a cabeça com veemência. — Eu não sou nada. Sou apenas um homem que nasceu de um homem que por acaso foi feito rei. E qual é o direito de meu pai a qualquer coroa? Ele cortou a cabeça de uma bruxa. Nada mais nada menos. Ele usava uma armadura dourada e parecia bastante real, e as pessoas pensaram 'Este é um bom sujeito', e o seguiram. Enquanto ele seguia Fendrel, como ele sempre seguiu Fendrel. Ele

não é nada, Terryyn! Ele não é um herói. Fendrel colocou a espada em sua mão e a balançou quando avisado. E eu? Eu não sou mais do que a semente que ele gerou ao se deitar com uma mulher que não o queria, que não me queria, que só queria o homem do qual ela se separou e o filho que ela perdeu...

— Isso não é verdade. — Terryyn estendeu a mão, pegou Gerard pelos ombros e o segurou com força. — Nada do que você está dizendo é verdade.

— Não é? — Com uma torção violenta, Gerard afastou as mãos de Terryyn. — Você sabe disso tão bem quanto eu. Ela foi forçada a esse casamento; ela foi forçada a ir para a cama dele. E eu sou o resultado. — Ele praguejou amargamente, cuspiando as palavras: — O Príncipe Dourado.

O vômito se agitou nas entranhas de Terryyn. Ele abaixou a cabeça, suas mãos voltando para os ombros do príncipe. Os ombros de seu irmão. Ele não conseguia pensar nas palavras certas para dizer, não suportava dizer nada. Ele sabia a verdade sobre a história de sua mãe tão bem quanto Gerard.

Mas essa única verdade do passado mudaria a verdade de agora?

Endireitando-se, Terryyn o soltou e recuou. Ele ajustou o capuz vermelho em seus ombros, ajustou as aljavas de venenos em seu peito. Os saltos de suas botas bateram com força nas tábuas do piso enquanto ele se movia até a porta e a abria.

Ele fez uma pausa.

— Não importa.

No silêncio seguinte, ele não conseguiu olhar em volta, encontrar o olhar de seu irmão novamente.

Terryyn falou novamente com firmeza, sua voz clara, dura e sólida como uma rocha: — Não importa se a Deusa escolheu seu pai. Ou se ela escolheu você. O que importa é o que escolhemos. Cada um de nós, a cada dia de nossas

vidas. E eu escolho você, Príncipe Dourado. Agora, até meu último suspiro, sou seu servo fiel.

Com essas palavras, ele saiu do quarto e caminhou pela passagem, deixando Gerard onde ele estava. Ele não queria mais ouvir falar dessa heresia; ele não envergonharia nenhum dos dois ouvindo.

Ele tinha uma caçada a perseguir.

CAPÍTULO 5

— Venatrix. Acorde.

Um terrível fedor ardente encheu suas narinas. Ao acordar com um puxão, Ayleth sentou-se ereta com um suspiro, afastou a mão que segurava uma garrafa de amônia cristalizada sob o nariz e rosnou: — Afaste-se de mim!

A venatrix mais velha que vira antes deu um passo para trás da cama, tampou a garrafa e estudou Ayleth de perto. — Você é necessária lá embaixo. — disse ela. — Ordens do príncipe. Levante-se.

Ayleth pressionou as mãos no rosto e esfregou com força. Por que ela estava de volta na cama? A última coisa de que se lembrava era de adormecer no chão, aninhada ao lado de Laranta. Alguém deve tê-la encontrado e a colocado de volta na cama... e a drogou também, porque não sentia mais a presença de Laranta.

Ela gemeu.

— Ninguém sente pena de você, garota. — A venatrix disse, e tirou os cobertores da cama, deixando Ayleth tremendo e exposta. — É hora de vestir você. Acabou de chegar a notícia de que a comitiva do rei deve chegar a qualquer momento. O príncipe expressou o desejo de que você seja apresentada ao pai dele.

— O que? — Toda a exaustão nebulosa se dissipou em um súbito lampejo de terror. Ela ficou boquiaberta com a estranha venatrix e balançou a cabeça. — Eu estou... sendo apresentada ao... Por quê?

— Porque você matou a Bruxa Fantasma. Você é a heroína de Dunloch. — A venatrix cruzou o quarto e abriu a porta, conduzindo três serventes de

olhos arregalados que estavam muito assustados para olhar qualquer venatrix nos olhos. Elas carregavam roupas nos braços: calças, camisa, gibão e botas. — Saia da cama agora, di Ferosa. — A venatrix disse, gesticulando para Ayleth com impaciência. — Precisamos deixá-la decente.

— Mas eu não posso...

Sua voz se interrompeu abruptamente quando uma explosão melódica de trompas soou à distância. Ayleth olhou para a janela aberta, os olhos arregalados. Então, agarrando as dobras finas de sua camisola, ela deslizou para fora da cama e cambaleou pelo chão frio para espiar pela janela aberta. Cada passo a fazia estremecer, pois os cortes em seu peito, embora estivessem cicatrizando, ainda doíam sob as bandagens. Ela alcançou a janela e olhou através do pátio, além da ponte e as águas brilhantes do Loch du Nóiv, para os belos jardins.

Uma emoção nauseante estremeceu em seu intestino. Uma poderosa companhia avançava ao longo da estrada, suas flâmulas balançando em altas aduelas.

— O rei. — Ela sussurrou. — O Rei Escolhido.

Outros ouviram as trombetas. Abaixo, no caminho, a casa do príncipe se preparava para saudar o monarca que se aproximava. Entre eles, Ayleth viu os mantos brancos e os capuzes azuis das Irmãs Siveline de um lado, e o veludo elegantes do Chanceler Yves ondulando de sua posição na escada. O próprio príncipe emergiu da entrada do castelo e um homem alto que Ayleth não reconheceu ocupou um lugar ao lado dele. Este homem estava vestido em tons de joias, seu cabelo ruivo vibrante estilizado alto, o que lhe conferia estatura extra. Ao lado de sua elegância de pavão, Gerard, vestido com mais humildade, parecia ainda mais nobre aos olhos de Ayleth.

No entanto, essas figuras não conseguiram prender sua atenção por muito tempo; os cavaleiros que se aproximavam atraíram seu olhar. Esforçando-se com ansiedade para ver o rei, ela se inclinou tanto para fora da janela que teve que se agarrar a sua moldura para se salvar de uma queda feia. A comitiva passou sob o arco do portão e continuou pela ponte, bandeiras voando, armaduras brilhando, como um desfile de guerra. A multidão alinhada no caminho circular fez uma reverência em uma onda.

Na frente da procissão vinha um poderoso cavalo branco vestido em carmesim e púrpura, sua crina trançada e sua cabeça adornada com uma placa de ouro. Embora fosse uma admiradora de excelentes cavalos, Ayleth deu à besta apenas um olhar superficial. Sua atenção se fixou no homem que o montava.

Guardin du Glaive. A mão direita do destino. O homem que acabou com o domínio da Terrível Odile sobre o mundo e restaurou a verdadeira adoração da Deusa em todo o país.

Com o passar dos anos, Ayleth engoliu qualquer informação que Hollis pudesse ou quisesse oferecer sobre esse homem, essa lenda. Hollis serviu ao seu lado durante a Guerra das Bruxas, lutando para colocar a coroa em sua cabeça, lutando para estabelecer o reino sob seu governo gracioso. Guardin era jovem quando enfrentou e derrotou Terrível Odile.

Ele era bem diferente de seu filho, Ayleth notou imediatamente. Ele nem era bonito, não exatamente. Não que a beleza importasse. Considerando que as feições de Gerard eram finas, quase delicadas, este homem parecia ter sido talhado à força na rocha do oceano. Desta forma, o rei se parecia mais com seu irmão, o Venador Dominus. No entanto, ao contrário de Fendrel, seus traços robustos foram polidos para um brilho de mármore perfeito. Seu cabelo estava cortado rente à cabeça e tão pálido que era impossível dizer se ele tinha ficado

grisalho ou não. Seus olhos semicerraram para o sol, mas mesmo àquela distância Ayleth sentiu seu brilho penetrante. Tudo nele irradiava calor e poder, bondade e força.

Se a proximidade de Gerard podia fazer seus joelhos fraquejarem e sua respiração ficar presa na garganta, apenas ver seu pai fez seu coração disparar com uma paixão por servir, uma necessidade profunda de se lançar a seus pés e jurar-lhe sua fidelidade. Este era um homem por quem exércitos inteiros morreriam de boa vontade.

Ayleth sentiu como se seus olhos não se cansassem de seu rei. Ela mal teve a vontade de notar o resto de sua poderosa companhia, embora uma pequena e prática parte de seu cérebro se perguntasse como todas essas novas pessoas iriam se encaixar na já lotada fortaleza de Dunloch.

Gerard desceu os degraus da varanda para cumprimentar seu pai assim que Guardin parou seu cavalo no início da entrada. Ayleth apurou os ouvidos, perguntando-se se conseguiria captar um vestígio das palavras trocadas entre o príncipe e o rei.

Mas naquele momento, a mão da estranha venatrix caiu em seu ombro. — Vamos, garota. — Ela disse, falando ríspidamente. — Você não pode ser apresentada ao rei vestindo nada além de bandagens.

— Eu... espere. Você realmente quer dizer isso?

— Não encontramos uniforme de gala entre seus pertences em Milisendis. — Continuou a mulher, arrastando Ayleth da janela para o meio da sala em direção às criadas. — Você vai ter que usar um dos meus. Não vai caber bem, mas mantenha-se ereta e você deve conseguir estar apresentável. Alguém sabe o que fazer com todo esse cabelo? — ela acrescentou em um latido brusco.

Ayleth não tentou protestar. Quando as criadas puxaram sua camisa pela cabeça, ela simplesmente grunhiu com a agitação em suas feridas, e grunhiu novamente quando elas enfiaram seus braços pela camisa social e gibão de Everild. As roupas eram todas muito grandes, mas foi um alívio estar com roupas familiares novamente. O uniforme era muito mais fino do que qualquer coisa que Ayleth havia usado em toda a sua vida, e ela se sentiu um pouco boba quando vestida com a faixa vermelha decorativa. Alguém prendeu seu cabelo solto em uma trança longa e apertada, e Ayleth puxou o capuz vermelho para cima, protegendo o rosto.

Quando terminou, as criadas recuaram e Everild deu uma olhada em Ayleth. — Isso vai servir. — disse ela e, segurando o ombro de Ayleth, marchou para fora da porta.

O salão de entrada da frente foi transformado em uma sala do trono temporária, com uma cadeira poderosa colocada antes da base da escada. Lá estava o rei sentado em toda a sua grandeza, um manto rico ao redor dele e sobre os braços de sua cadeira. O Príncipe Gerard ficava ao lado e Fendrel aparecia à direita do rei.

Ayleth parou no topo da escada. Seu coração congelou ao ver o Venador Dominus. Seu encontro com ele foi mesmo apenas algumas horas atrás? Não parecia muito real. Ela não podia acreditar que realmente tinha acontecido, tentou se convencer de que ela deve ter imaginado isso em seu estado drogado.

Mas um olhar para o rosto duro de ferro do Dominus e ela sabia que era tudo verdade. E quando ele se virou de repente para olhá-la onde ela estava, ela quase perdeu a coragem de continuar.

A venatrix deu um empurrão entre as omoplatas. Os joelhos de Ayleth fraquejaram. Ela tropeçou nos primeiros degraus antes de se agarrar ao

corrimão. A mão da venatrix apertou seu ombro. — Vá em frente. — A venatrix sibilou. — O rei está esperando.

Endireitando os ombros e usando o corrimão como apoio, Ayleth desceu ao patamar com toda a dignidade que pôde reunir. Mas ela se recusou a olhar na direção de Fendrel e temeu olhar para o rei. Em vez disso, quando ela alcançou o patamar, ela voltou sua atenção para o príncipe. Mas seus olhos quentes como mel eram tanto como poços de tristeza que ela não encontrou forças neles. Se ela continuasse olhando para ele mesmo por mais um instante, ela se viraria e voltaria correndo escada acima, apesar de qualquer coisa que a venatrix pudesse fazer para impedi-la.

Seu olhar se desviou do príncipe, por cima do ombro, em busca de uma figura alta com cabelos escuros encaracolados e olhos como gelo invernal. Mas Terryn não estava lá.

A venatrix pressionou-a para a base da escada, sibilando em seu ouvido: — Faça uma reverência ao rei. Não tente fazer uma reverência ou você vai desgraçar a todos nós.

Ayleth assentiu e, sem olhar diretamente para o rosto do rei, curvou-se o mais profundamente que pôde. Pequenos surtos de dor percorreram seu torso e as bandagens pareciam muito apertadas. Mas pelo menos a dor a distraiu do pulsar de pânico em seus ouvidos.

— Levante-se, Venatrix.

A voz profunda pertencia a Dominus Fendrel, não ao rei, percebeu Ayleth. Ela obedeceu imediatamente e, ao se endireitar, seus olhos pousaram muito brevemente no rosto de Gardin.

O rei olhou para ela. Encarado com absoluta intensidade de foco.

Um lampejo de horror cruzou seu rosto.

No próximo instante, a expressão se foi. Aconteceu tão rápido que Ayleth se perguntou se ela tinha imaginado.

O mundo ao seu redor ficou distante, embaçado, como se ela estivesse mais uma vez sob a influência de sòm. Ela ouviu a voz do príncipe. Ela ouviu alguém se referir a ela como *a heroína do momento*. Ela ouviu falar da Bruxa Fantasma. Mas todas essas coisas estavam muito distantes.

Ayleth olhou para o chão, o coração batendo forte de terror. Terror de algo que ela não conseguia nomear. Talvez tenha sido o rei. Talvez tenha sido o Dominus. Talvez tenha sido... ela mesma...

— E você irá, é claro, comparecer ao baile, Venatrix Ayleth.

Essas palavras romperam seu atordoamento como uma pedra quebrando o vidro de uma janela. A cabeça de Ayleth se ergueu e ela olhou para o rosto tenso e sorridente do príncipe. — O que... O que você disse, Alteza? — ela engasgou.

— O baile. — Gerard disse. — O baile de casamento. Após a cerimônia. À luz dos serviços que prestou à coroa, ficaria muito satisfeito se pudesse comparecer. Como minha convidada, não como uma venatrix.

Ayleth ficou olhando. Sua boca abriu, mas nenhuma palavra saiu. Sem respiração também. Sua cabeça começou a girar, e de repente ela estava intensamente ciente do olhar do rei fixo na lateral de seu rosto. Ela nem se atreveu a olhar em sua direção.

— Senhora Liselle di Marin providenciará para que você tenha um vestido adequado. — Gerard continuou. — Seria uma honra para mim e para Senhora Cerine. — Seus olhos procuraram os dela e ele sorriu. Não foi um sorriso que alcançou seus olhos. — Por favor, aceite, Ayleth.

— Eu...

— A honra é toda dela. — A venatrix atrás dela rosnou. Dedos fortes se fecharam em torno do cotovelo de Ayleth. — Agora, se meu rei nos der licença, Venatrix di Ferosa ainda está se recuperando de seus ferimentos e deve voltar para a cama.

Ayleth foi puxada para outra reverência e depois subiu novamente as escadas. E a cada passo do caminho, ela tinha certeza que sentiu os olhos do rei na parte de trás de sua cabeça.

CAPÍTULO 6

Todas as outras vezes que Terryn cavalgava para este local de sua escravidão na infância, sua alma se sentia oprimida pelo horror das lembranças assustadoras. Mas não desta vez. Desta vez, depois de horas nas estradas solitárias com uma tempestade de pensamentos e desejos conflitantes atormentando seu cérebro, seu espírito melhorou quando seu destino apareceu. Pelo menos agora ele poderia se concentrar no trabalho que precisava ser feito. Qualquer coisa para escapar das guerras dentro de sua cabeça.

O sol já estava se pondo. Dependendo de quanto tempo levasse a próxima tarefa, ele poderia ter que passar a noite na estrada. Terryn não se importava. Seria bom ficar longe... de tudo. Por um tempinho.

O feitiço de amarração em sua sombra havia enfraquecido o suficiente durante sua cavalgada para que ele mudasse para a visão das sombras e olhasse para baixo da encosta, para estudar as ruínas da velha torre de vigia. O feitiço de barreira que ele, Fendrel e Everild ergueram alguns dias atrás ainda brilhava, a teia de suas diferentes magias tão forte agora quanto era quando eles a teceram pela primeira vez. Em algum lugar além daquele feitiço de barreira, em algum lugar entre as ruínas de Cró Ular, estava uma âncora implantada pertencente a Bruxa Fantasma. Eles esperavam atraí-la e prendê-la aqui, nenhum deles suspeitando que ela já tinha colocado uma âncora em Dunloch, pronta para ser ativada.

Foi culpa dele. Embora tentasse, Terryn não conseguia parar ou ignorar a culpa que flagelava sua consciência a qualquer momento que ele parasse um

momento para respirar ou fechar os olhos. Foi culpa dele. Gerard deu a ele o dever de encontrar a bruxa ruiva. E ele falhou. Ele tentou, ele falhou, e agora Venador du Gy e Venador d'Acelet estavam mortos. E Fayline. Pobre maldita Fayline.

Se ele tivesse pegado a bruxa primeiro, ele poderia tê-la salvado?

Terryn balançou a cabeça. Melhor não deixar sua mente vagar em qualquer um desses pensamentos. Melhor se concentrar no dever, já que ele havia sido treinado para se concentrar durante toda a sua vida. Ele se concentrou nas paredes em ruínas à frente, guiando Fleeta encosta abaixo. Ele encontraria a âncora da bruxa e a traria de volta para Dunloch para análise. Quando Ayleth se recuperasse, ela o ajudaria e eles a usariam para caçar todas as âncoras restantes. Juntos, eles destruiriam todos os vestígios de Inren di Karel deste mundo.

Desmontando antes que ele alcançasse a barreira de feitiço cintilante, Terryn prendeu as rédeas de Fleeta para evitar que ela acidentalmente pisasse nelas e se machucasse. Então, depois de dar um tapinha reconfortante em sua égua, ele se aproximou da barreira, sentindo o poderoso zumbido da magia em seus ossos.

Algo naquele zumbido o fez parar e franzir a testa. Ele se aproximou, sua visão sombria aguçada, estudando aquela teia. Ele respirou fundo.

O feitiço foi ativado. Recentemente.

Alguém - ou algo - havia entrado e ficado preso.

Ele deu um passo cuidadoso para mais perto, saindo da visão das sombras e, em vez disso, olhou através das paredes quebradas com a visão mortal. Com o sol se pondo tão rápido, as ruínas estavam cheias de sombras fortes e luz forte, tornando difícil para ele discernir qualquer coisa

definitiva. Ele voltou para a visão das sombras, procurando por algum brilho de alma, algo que indicasse o que ele pegou em sua armadilha.

Bruxa do Ardor.

O pensamento entrou em sua cabeça. Ou nem um pensamento. Um sentimento. Um sentido. Um instinto de terror.

Mas não. Não, não, isso era impossível. Ele só pensava na Bruxa do Ardor porque ela o mantivera cativo neste lugar vinte anos atrás, quando ele era um garotinho. Mas ela se foi agora.

— Ela voltou para a Floresta da Bruxa. — disse Terry, embora ele não tivesse a intenção de falar em voz alta. — Ela está presa atrás da Grande Barreira. — Ele balançou a cabeça e engoliu em seco. Então sua boca se moveu novamente, falando contra sua vontade. — Ela voltou para Floresta da Bruxa. Ela está presa atrás da Grande Barreira. Ela voltou para Floresta da Bruxa. Ela está presa atrás da Grande Barreira. Ela voltou para a Floresta da Bruxa, ela voltou para a Floresta da Bruxa, ela voltou para a Floresta da Bruxa...

Sua mão estava em movimento, segurando seu tubo de Detrudos. Eles estavam fora da bainha, colocados em posição e levados aos lábios antes que ele percebesse o que estava fazendo. A Canção de Desvinculação se espalhou de ambas as pontas do tubo, canalizando seu poder, transformando-o no feitiço de barreira do zumbido.

Ele quebrou a barreira com um único giro e a observou se desfazer em uma explosão de discórdia musical selvagem que se dissipou rapidamente em nada.

Terry deixou os tubos caírem de seus lábios. Ele os juntou e os embainhou em um movimento fluido. Sua boca já estava se movendo por conta própria novamente, falando as palavras que ele queria acreditar. — Ela voltou para Floresta da Bruxa. Ela está presa atrás da Grande Barreira...

Ele foi até a parede quebrada da torre de vigia e escalou as pedras caídas. Ele olhou para o pátio de Cró Ular.

A Bruxa do Ardor estava logo abaixo dele, sorrindo e erguendo algo na mão.

— Você veio procurar isso, meu bichinho? — ela disse.

Ela não era como ele se lembrava em suas memórias mais sombrias, profundas e aterrorizantes. Ela não usava mais o corpo jovem e bonito roubado que usava quando ele era seu escravo. Em vez disso, sua anfitriã era uma camponesa angulosa e abatida, com o cabelo escorrido e a pele cortada em centenas de lugares.

Mas não havia como confundir os espíritos brilhando em seus olhos loucos.

Ele percebeu que ainda estava falando: — Ela voltou para Floresta da Bruxa. Ela está presa atrás da Grande Barreira. — Não importava que ele soubesse que era falso. Não importava que ele a visse bem na frente dele. Ele não tinha controle de sua língua.

Seu sangue se transformou em gelo.

— Uma das pequenas bugigangas da minha irmã. — A Bruxa do Ardor disse, olhando para o item em sua mão. Era um diamante, mais ou menos do tamanho de um olho humano. Suas facetas captavam os raios do sol poente, transformando-o em um orbe de fogo. — Quando eu escapei daquela floresta amaldiçoada por Assombrados, eu levei um desses comigo e plantei em um lugar seguro, esperando que Inren percebesse o que eu tinha feito e usasse sua extraordinária habilidade para escapar também. Ela pode escapar desses seus pequenos feitiços de barreira, você vê, contanto que ela tenha uma âncora ao alcance do outro lado.

Com um esforço de vontade, Terryyn torceu sua mão, agarrando as aljavas em seu peito. Ele agarrou um dardo Anathema, encaixou-o em seu escorpião e ergueu o braço para a posição de tiro.

Então ele piscou.

E percebeu que estava parado, com a arma descarregada, os braços ao lado do corpo, a boca repetindo o mantra: — Ela voltou para Floresta da Bruxa. Ela está presa atrás da Grande Barreira.

O sorriso da Bruxa do Ardor cresceu. — Esse era o seu feitiço de barreira, a propósito? Eu reconheci sua influência nisso. Que venador útil eles fizeram de você, meu bichinho! — Em um instante, como o cair da noite, seu sorriso desapareceu. — Fique em silêncio.

A boca de Terryyn se fechou rapidamente. Foi um alívio, a princípio, não sentir mais aquelas palavras falsas saindo de seus lábios. Ele engoliu em seco, tentou pensar, tentou sentir se ele tinha algum domínio de seus membros...

...e caiu no chão, contorcendo-se de dor. Seus membros se agitaram, suas mãos arranharam, sua pele raspou em pedras quebradas. Ele se debateu por vários momentos, grunhindo com o esforço de gritar de dor.

Quando as contorções pararam, ele ficou preso ao chão, incapaz de se mover, exceto pelas batidas frenéticas de seu coração. Ele sentiu a maldição semelhante a um tentáculo da Bruxa do Ardor rastejando por ele, a maldição que ela implantou nele quando criança, a maldição que Fendrel supostamente havia quebrado. Ainda estava lá. No fundo, por baixo da pele enrugada em sua bochecha marcada e entrelaçando-se em cada veia, até seu espírito.

A Bruxa do Ardor se aproximou, alta e severa, sua boca cruelmente curvada. Ela se ajoelhou e estendeu um dedo longo e de grandes nós para pressionar o centro de sua bochecha em chamas.

— Esta é a minha casa. — disse ela. — Esta é a sede do meu poder. E ainda, quando voltei em busca de minha Irmã Carmesim, me vi presa em seu feitiço. Então, me perdoe se eu preciso trabalhar um pouco de frustração em você, querido.

Um grito cortou os dentes de Terry, e seu corpo se contraiu uma vez, violentamente, quando sua unha se cravou em sua pele.

— Eu estou supondo que você veio caçar Inren. Esta armadilha foi preparada para ela? Sei que ela levou o corpo da amada do jovem príncipe, mas não a vi desde então. Diga-me, o que você sabe sobre as ações dela?

Terry tentou reprimir as palavras, mas era como tentar forçar seu próprio sangue a parar de bombear em suas veias. A resposta saiu dele em um rugido rouco e ofegante. — Ela está morta. Banida para os Assombrados.

A Bruxa do Ardor olhou para ele, sem piscar. Então, com um grito, ela se inclinou, pressionando a unha com mais força em sua bochecha até que o sangue escorreu. — Você mente. Eu sei que você mente! Se Inren estivesse morta, suas âncoras teriam quebrado, mas esta que encontrei ainda está ativa. Ela está aqui neste mundo mesmo agora! Diga-me a verdade, eu te ordeno.

As palavras vieram novamente, e não havia nada que ele pudesse fazer para detê-las. Ele contou tudo sobre a chegada da bruxa em Dunloch. Os reféns. As mortes evanderianas. Ele falou de Fayline, de Ayleth, do fracasso de Ayleth em separar a alma mortal de Fayline e salvá-la dos Assombrados. As palavras saíram em um fluxo constante, tão rápido quanto o sangue escorrendo por sua bochecha e pingando no chão.

A Bruxa do Ardor ouviu atentamente, seus lábios puxados para trás para expor seus dentes enegrecidos e gengivas roxas. Quando finalmente a história

dele terminou, ela enfiou a unha mais fundo. Ele gritou novamente, e ela se retirou, com sangue escorrendo de seu dedo.

Então, com um aceno de sua mão, ela enviou uma maldição que desceu pela carne dilacerada de Terryn. Respondendo ao comando dela, sua bochecha se uniu novamente, deixando nada além de uma nova cicatriz enrugada, indetectável em meio ao resto da cicatriz feia que já marcava seu rosto.

— Você se saiu bem, querido. — Ela se levantou e enxugou a mão no quadril ossudo. — Você me disse a verdade como a conhece. Eu não poderia pedir nada melhor de você. Ainda. — Ela sorriu ferozmente. — Esqueça que tivemos essa conversa. Esqueça que você já me viu aqui. Diga a seus superiores que você realizou o que se propôs a fazer. Você encontrou a âncora e ela já estava arruinada. Diga a eles que você a destruiu. Em seguida, faça os preparativos para o casamento do seu príncipe. Nunca tivemos essa conversa.

Com isso, ela pressionou os dedos ensanguentados nos lábios e soprou um beijo em sua direção. — Até nos encontrarmos novamente.

Ele se encolheu como se uma gota de chuva ácida tivesse caído em sua pele, e quando ele abriu os olhos...

Terryn franziu a testa, endireitou-se e balançou a cabeça. Ele havia caído sobre a parede quebrada enquanto caminhava para as ruínas? Estúpido desajeitado. Ele deveria estar mais cansado do que pensava.

Ele se levantou, esfregando a cabeça, que estava dolorida e latejando. Talvez ele tenha perdido a consciência por um curto tempo. Não era típico dele ser tão descuidado na caça.

Por alguns momentos, ele olhou em volta, meio que se perguntando por que ele tinha vindo para este lugar odioso. Então, com um encolher de ombros, ele se virou e escalou de volta a parede em ruínas. Sem olhar para trás, ele deixou Cró Ular para trás.

CAPÍTULO 7

Não havia tempo para luto. Não havia tempo para pensar. Não havia tempo para respirar.

Todos os convidados que chegavam para o casamento tiveram que ser saudados, cada príncipe e dignitário estrangeiro, cada nobre e cavaleiro, sem mencionar suas esposas, mães, irmãs e até mesmo várias amantes de alto escalão que de alguma forma conseguiram ser acrescentadas a lista de convidados.

Gerard apertou suas mãos, ofereceu os nós dos dedos para serem beijados, aceitou suas reverências, seus agradecimentos, seus votos de felicidades e bênçãos, o tempo todo sentindo-se como se fosse um fantasma preso neste mundo, passando pelos movimentos da vida. Não estando mais conectado a nada disso, a nenhuma dessas pessoas.

Por fim, com um momento livre para respirar, ele se dirigiu à ala oeste e aos apartamentos da família, dirigindo-se à suíte de seu pai. Alguma pequena parte de sua mente talvez ainda esperava poder persuadir o Rei Guardin a dar um fim a toda essa estupidez. O duque d'Aldreda insistiu no casamento, mas nem mesmo o duque poderia contestar a vontade de seu rei. Se Gerard pudesse de alguma forma fazer seu pai ver a razão...

Ele se aproximou da porta da sala da frente de seu pai, com a mão levantada para bater. Mas aí ele fez uma pausa. Vozes ecoavam pelos painéis de madeira, baixas e tensas. Então, uma voz falou alto o suficiente para que cada palavra fosse claramente entendida: — Diga-me que meus olhos me enganaram. Diga que não é verdade!

Gerard franziu a testa e deu um passo para trás da porta. Essa voz era inconfundivelmente de seu pai.

— Não sabemos nada com certeza. — Esse estrondo profundo foi Fendrel. — Pode ser nada mais do que...

— Por que você ainda não a matou?

O coração de Gerard saltou. Ele não deveria estar ouvindo isso. Ele não sabia de quem seu pai e tio falavam, e tinha certeza de que não era para saber. No entanto, ele não suportava ir embora. Ele ficou perfeitamente imóvel, com os ouvidos aguçados.

— Precisamos lidar com isso com cuidado. — Passadas pesadas soaram no chão. — Vou agir apenas de acordo com a lei. Se ela for o que eu acredito, o próprio Conselho exigirá sua morte. Não há necessidade de qualquer outra coisa desagradável vir à tona.

— Pela Deusa! — Um rangido como se alguém tivesse acabado de afundar em uma cadeira. — Eu pensei... Eu pensei que ela tinha voltado à vida mais uma vez. Eu... Eu preciso ver ela. Eu preciso ver a cabeça dela sob aquele vidro. Eu preciso saber se ela ainda está praticamente morta.

— Não, Gardin. — Fendrel respondeu bruscamente. — Agora não. A porta deve permanecer fechada, os selos intactos. Estamos seguros, contanto que não ajamos precipitadamente.

— Mas aquela garota...

O rei não terminou e um longo silêncio se seguiu. Sem som, sem movimento.

Finalmente, a voz de Gardin falou novamente. — Alguém mais adivinhou a verdade?

— Ainda não. — respondeu Fendrel. — Restam poucos em Perrinion que possam reconhecê-la de qualquer maneira. Nane teria, mas Nane está morto.

— Outros dois passos. A voz de Fendrel era estranhamente gentil, estranhamente calmante quando ele falou novamente. — Vou cuidar de tudo. Eu juro, meu irmão. Mas deixe-me fazer isso do meu jeito. De acordo com a lei de Evander. Nesse ínterim, cuidarei da sua segurança e da segurança de todos os seus convidados.

Ambas as vozes se reduziram a murmúrios baixos além da audição de Gerard. Ele se afastou da porta, pisando suavemente, mal ousando respirar. Assim que ele estava longe o suficiente, ele se virou e saiu correndo, em direção ao seu escritório particular. Ele entrou naquele cômodo silencioso e deu um grande suspiro de alívio. O ar estava frio. Ninguém se preocupou em acender o fogo na lareira, mas ele não se importou. Só importava que ele estivesse sozinho.

O que ele acabou de ouvir? Ele não conseguia entender. Seria possível que eles estivessem falando... sobre Ayleth? Não parecia certo. E o resto... o que isso significava?

Com a cabeça latejando, Gerard cambaleou até a lareira, possivelmente pretendendo acender o fogo. Mas quando ele chegou lá, seus olhos se encheram com a visão de um livro queimado. O livro de Cerine.

Seu livro de heresias.

O mundo ao redor dele parecia se fechar, sombrio e perigoso. Ele se afastou da lareira, indo para sua mesa. Quase caiu na cadeira e ficou sentado pelo que pareceu um longo tempo, sem olhar para o nada, sem pensar em nada.

Lentamente, os pensamentos voltaram. Memórias. De quatro anos atrás, após seu primeiro casamento. Após a posse e desaparecimento de Fayline. Ele se sentou neste mesmo lugar sozinho, mês após mês, incapaz de formar pensamentos coerentes, incapaz de sentir, incapaz de viver

adequadamente. Ele só podia sonhar vagos sonhos de vingança que sabia que nunca teria oportunidade de realizar. Ele havia recuado para dentro de si mesmo, para sua miséria e desespero, cada vez mais fundo, até que parecia que não haveria como escapar.

E então a primeira carta de Cerine chegou.

Foi uma carta simples. Não muito eloquente. Escrita com seriedade e honestidade. Mas nessas poucas páginas, Gerard descobriu seus próprios pensamentos e sentimentos expressos em palavras. Cerine entendeu. Cerine também amava Fayline. Cerine, cuja mãe havia sido morta naquela mesma noite. Cerine, que havia sido mandada embora para o Templo Siveline, afastou-se de sua família e entes queridos em seu luto. Ela lamentou suas perdas e, em sua solidão, pensou em estender a mão para a única pessoa que podia entender o que ela sentia.

De repente, o poço de emoção selado na alma de Gerard transbordou.

A primeira carta que ele escreveu de volta para ela foi como um furúnculo, nojento e horrível, uma efusão de pura tristeza. Ele não fez nenhum esforço para esconder nada. Ele disse tudo, escrevendo desleixadamente e com raiva, sua mão tremendo tanto que ele se perguntou se o destinatário de sua carta seria capaz de lê-la.

Depois de enviá-la, ele se revirou na cama por semanas, olhando para o teto. Imaginando se a Deusa o golpearia por aquelas coisas que ele ousou colocar no papel.

Então a segunda carta de Cerine chegou. Em suas palavras, ele não encontrou nenhum julgamento, apenas compreensão e verdade: verdade firme, fiel e inabalável, mesmo em meio à dor.

Ele a odiava por isso. Odiava-a pelo que considerava simplicidade e cegueira. Ele escreveu outra resposta e deixou sua raiva alimentar suas palavras.

Mas ela escreveu de volta. Ainda gentil. Ainda fiel. Ainda compreensiva.

Ele disse a si mesmo que não iria responder desta vez... mas dentro de uma semana, ele se sentou com caneta e papel, tentando mais uma vez colocar seu coração em palavras, curioso para saber o que ela diria.

Assim começou, uma correspondência que ia e voltava até que as cartas que ele escrevia não queimavam mais com raiva. Lentamente, com certeza, sua raiva foi purgada e substituída por uma tristeza mais simples. A tristeza nunca foi embora, mas outros sentimentos começaram a florescer. Memórias vieram à tona e foram compartilhadas por ambos e, na maioria das vezes, as cartas de Cerine trouxeram risos aos lábios de Gerard em vez de lágrimas aos olhos.

Só no ano passado, entretanto, ele percebeu a verdade: ele não procurava mais aquelas cartas de Siveline como uma conexão com Fayline. Em vez disso, ele ansiava pela conexão com aquela que escrevia as cartas.

Com Cerine.

Ninguém poderia ter ficado mais surpreso do que Gerard em reconhecer o que havia crescido de forma tão inesperada em seu coração. E assim que a flor do amor começou a desabrochar, as videiras sufocantes da culpa ameaçaram sufocá-la. De todas as pessoas do mundo, como ele poderia ousar se apaixonar por Cerine?

Mas, com o passar do tempo, ele enfrentou a verdade: o que sentia por Cerine era muito mais profundo do que o fascínio e a paixão que ele conhecera por sua irmã mais velha, vivaz, bonita e imprudente. Cerine era a lua tranquila sempre eclipsada pelo sol brilhante que era Fayline. Mas o tempo mudou muitas coisas, e... e...

Com um gemido terrível, Gerard abaixou a cabeça entre as mãos, cravando os dedos no couro cabeludo. Ele havia enviado uma carta a Cerine. Meses atrás, agora. E ela nunca respondeu. Depois de algum tempo, ele reconheceu e aceitou o silêncio dela como uma recusa gentil. Ela não retribuía seus sentimentos.

O que tornava a perspectiva iminente do casamento deles ainda mais horrível para ele. Como ele poderia tomar como esposa uma mulher que amava, sabendo que ela o via apenas como o amante de sua irmã?

Mas era mais do que isso. Ela disse isso a ele ontem, quando ela estendeu seu livro para ele, quando ela mostrou a ele sua interpretação do texto sagrado. Não era por causa da irmã que Cerine não o amava. Era porque ela sabia que ele era uma fraude.

O príncipe previu seu futuro iminente, o dia de seu casamento se aproximando rapidamente, e ele viu apenas a escuridão à sua frente.

CAPÍTULO 8

Everild pegou de volta seu uniforme de gala, mas pelo menos foi convencida a deixar para trás um par de calças. Por que todos estavam tão empenhados em manter Ayleth longe de suas próprias roupas, ela não conseguia adivinhar. Talvez fosse uma maneira de mantê-la presa aqui em Dunloch. Separe uma garota de suas calças, e ela não pode sair perambulando pelo campo, poderia?

Sentada na beira da cama, com os pés descalços a apenas alguns centímetros do chão frio, Ayleth fez uma careta. Ela havia recebido ordens para descansar novamente, informada que ela deveria se recuperar adequadamente antes da cerimônia de amanhã à noite. Eles enviaram comida que ela mal conseguia comer, então a levaram embora de novo, e ela percebeu bem perto do pôr do sol que ela era pouco melhor do que uma prisioneira.

Esse pensamento a motivou a atravessar o quarto e tentar a trava. Só para ter certeza de que ela não estava trancada. Ela se abriu com bastante facilidade, mas havia pessoas por toda parte na passagem do lado de fora. Gente extravagante em trajes chiques, convidados do casamento e sua equipe, movimentando-se de um lado para o outro. Ela voltou para o quarto e fechou a porta.

Agora ela estava sentada na cama, olhando fixamente para um brocado decorativo pendurado na parede e sentindo o zumbido dos feitiços de supressão profundos envolvendo Laranta.

Era melhor do que ser dosada com mais sòm, ela supôs. Pelo menos os feitiços de supressão eram familiares e não a colocavam para dormir. E ela

entendia, é claro. Ela não estava ativamente em uma caçada, não estava aqui em serviço venatorial oficial. Ela era uma convidada do príncipe, e uma convidada não poderia ficar sob o teto do príncipe carregando uma sombra ascendente.

Mas ela odiava. Ela odiava tratar Laranta como uma inimiga.

Baixando a cabeça, Ayleth puxou seu cabelo solto, rosnando baixinho. O que ela estava fazendo aqui? Ela não pertencia aqui. E ela não era realmente bem-vinda; tanto Fendrel quanto o rei haviam deixado isso bem claro. Por que eles reagiram a ela com tanta negatividade que ela não conseguia adivinhar. Mas ela suspeitava... muitas coisas. Muitas coisas insondáveis...

Ela realmente iria se sentar por mais uma noite e um dia inteiros apenas para permitir que estranhos a enfiassem em um vestido e a forçassem a ir a um baile? Sério?

— Assombrados, droga! — ela rosnou e se levantou, estremecendo com a frieza aguda das pedras contra suas solas. A escuridão caiu sobre o mundo. Ela não conseguia mais ver os detalhes bordados do brocado na parede. Os sons ocupados do lado de fora de sua porta haviam desaparecido quando muitos membros da nobre companhia se retiraram para suas camas após suas longas viagens. Enquanto isso, nos andares inferiores, a casa do príncipe estava em um alvoroço de atividade fazendo os preparativos de última hora para a cerimônia e celebração que se aproximavam.

Não deveria ser muito difícil escapar. Escapar para os estábulos, encontrar um cavalo, Chestibor, se ela tivesse sorte, e escapar.

Uma parte prática de seu cérebro a lembrava de que ela não tinha comida, nem capa, e nem mesmo botas. Mas nada disso importava. Em sua frustração febril atual, ela sacudiu cada protesto mental como uma camada de

poeira fina. Não demoraria muito para chegar a Milisendis. Ela poderia chegar ao posto avançado antes do amanhecer.

Determinada a ignorar a dor gelada em seus pés frios, Ayleth cruzou o quarto até a porta mais uma vez. Seu coração bateu forte com medo repentino de que talvez alguém tivesse aparecido nas horas desde a última vez que ela a verificou e trancou. Mas a trava cedeu ao seu toque, e ela deu um grande suspiro.

A respiração ficou presa em sua garganta no instante seguinte quando o som de botas pesadas bateu no final da passagem. Ela olhou para fora de seu quarto, lutando para ver no escuro com sua visão mortal limitada. Uma figura entrou em seu campo de visão carregando uma vela cônica em uma das mãos, seu pequeno brilho de chama não era brilhante o suficiente para iluminar um rosto. Ela não conseguia discernir nada mais do que uma forma alta, larga e viril.

O som de botas continuou, e uma segunda figura juntou-se à primeira.

— Dominus. — Uma voz profunda murmurou.

Terryn. O coração de Ayleth disparou.

Quando o outro homem falou, Ayleth reconheceu a voz de Fendrel imediatamente. — Fico feliz em vê-lo de volta, Venador du Balafre. Acredito que seu reconhecimento de Cró Ular foi útil?

— Eu encontrei uma das âncoras de Inren, sim. Estava quebrada. Eu me livrei dela.

— Bom homem. — A chama da vela mudou ligeiramente e agora Ayleth podia ver o rosto duro de Fendrel, o brilho de seus olhos. — Como você sem dúvida observou, a companhia do rei chegou. Preciso que você crie um feitiço de barreira ao redor de Dunloch. Embora Inren esteja morta e desaparecida, e

não tenhamos motivos para suspeitar de novos ataques, não correremos riscos. Não dessa vez.

Um breve silêncio se seguiu. Sem dúvida, os dois estavam se lembrando de quatro anos atrás, a carnificina do casamento do príncipe. Ayleth estremeceu. Eles definitivamente não deveriam se arriscar.

Mas ela precisava sair daqui rapidamente, antes que a barreira fosse levantada. E aqueles dois estavam diretamente em seu caminho.

Parecia que ela estaria escalando pela janela novamente, Deusa a ajudasse!

Ela deu um passo para trás em seu quarto, começando a fechar a porta atrás dela.

— Sobre a venatrix.

Ayleth fez uma pausa. Essa era a voz de Fendrel novamente. Ele quis dizer ela?

— O que tem ela? — Terryyn respondeu.

— Eu quero que você fique de olho nela.

Sem resposta.

— Everild está sob ordens de mantê-la em seu quarto durante todo o dia de amanhã. Mas Gerard colocou em sua cabeça que ele quer que 'a heroína' vá ao baile na noite. — A irritação envolveu a voz de Fendrel. — Você servirá como sua escolta. Não a perca de vista.

Outro longo silêncio.

Então a voz de Terryyn, tensa e abrupta: — Por quê?

— Porque o seu Dominus comanda.

O coração de Ayleth disparou em sua garganta. Ela percebeu que estava prendendo a respiração e lentamente a soltou por entre os dentes cerrados. Movendo-se com extremo cuidado, ela abriu a porta um pouco mais

e olhou para o corredor mais uma vez. Fendrel tinha mudado a vela novamente, e agora ela podia apenas discernir o contorno do perfil de Terryn. Sem expressão, apenas os contornos de seu nariz e queixo, um destaque em uma maçã do rosto acentuada.

Ela viu sua boca aberta, mas um momento se passou antes que ele falasse novamente. — Quem é ela, Fendrel? O que ela é para você?

— Ela é sua competição. — Fendrel respondeu, seus lábios se curvando. — Ela é a garota que impressionou tanto o Príncipe Dourado que ele resistiu a todos os protocolos e a convidou para seu casamento. Ela é a garota que atrapalha tudo que você e eu trabalhamos para realizar. Você honestamente acredita que Gerard vai pensar duas vezes antes de dar Milisendis para aquela garotinha agora que ela se transformou em algum tipo de heroína?

— Algum tipo de heroína? — Terryn balançou a cabeça. — Ela matou Inren di Karel. Estando drogada e ferida, e sem a ajuda de uma sombra ascendente. Quem dera todos nós pudéssemos ser esse tipo de heróis!

Apesar de tudo, a boca de Ayleth se curvou. Um mês atrás, ela nunca teria acreditado que ouviria tais palavras dos lábios de Terryn du Balafre. O calor se acumulou em seu peito, e ela teve que respirar fundo para expulsá-lo novamente.

A luz das velas se movia e dançava, refletida na escuridão dos olhos de Fendrel. Ele deu um passo mais perto, olhando para Terryn por vários centímetros. Seus dentes brilharam quando ele falou. — Cuidado com ela, garoto. Não deixe sua cabeça virar. Observe-a como se fosse sua inimiga mais próxima. E se ela fizer alguma coisa, qualquer coisa imprópria para uma venatrix de Santo Evander, comunique-me imediatamente. Fui claro?

— Sim, Dominus. — Terryn disse e saudou.

— Bom. — Fendrel recuou novamente. — Agora, vá estabelecer a barreira.

Ayleth não esperou para ver se mais palavras seriam trocadas. Ela voltou para o quarto e fechou a porta com cuidado, silenciosamente. O barulho da trava soou alto em seus ouvidos, e ela ficou parada por vários momentos de parar o coração, esforçando-se para ouvir o som de pés pesados se aproximando do lado de fora. Nenhum veio, no entanto. Fendrel não iria visitá-la.

Tudo isso era realmente apenas sobre a competição? As palavras e olhares ameaçadores de Fendrel, o estranho e horrível teste que ele fez em seu olho... a expressão de choque total do rei ao vê-la... Seria tudo simplesmente porque ela entrou onde não deveria estar, chamando a atenção do príncipe e sem a menor cerimônia empurrando Terry n para fora de seu caminho para a glória?

De alguma forma, ela achava que não.

Seus pés pareciam blocos de gelo, e ela bateu forte, tentando aquecê-los. Se Terry n partisse imediatamente para tecer o feitiço de barreira, ele poderia ter todo Dunloch cercado em duas horas. Mas ainda havia tempo para pegar um cavalo e sair, desde que ela não encontrasse nenhum obstáculo. Primeiro, ela precisava sair deste quarto, e agora que ela sabia que Fendrel estava rondando os corredores de Dunloch, ela não gostaria de correr o risco de esbarrar nele.

— Olá de novo, janela. — Ela murmurou tristemente, cruzando o quarto. Ela abriu o vidro forrado de chumbo e olhou para as pedras brancas do caminho lá embaixo.

Ela realmente desceu todo aquele caminho enquanto estava sob a influência de sòm? Foi um milagre ela não ter quebrado o pescoço. No entanto, aqui estava ela novamente.

Com uma série de maldições murmuradas, Ayleth subiu no peitoril e balançou uma perna. Sentiu os dedos dos pés em busca de rachaduras na parede. O luar brilhava por entre as nuvens, o que ajudou um pouco, mas ela desejou novamente, com fervor, a ascensão de Laranta dentro dela. Ela preferia não fazer algo assim sozinha.

Pouco antes de se lançar totalmente para fora da janela e se comprometer com a escalada, ela fez uma pausa. Como se fosse um eco, ela ouviu as palavras de Fendrel novamente: — *Você honestamente acredita que Gerard vai pensar duas vezes antes de dar Milisendis para aquela garotinha?*

Ela sabia desde o início que sua rivalidade com Terryn era impossível. Ela não teve seu treinamento; ela carecia de suas conexões. E ela certamente não tinha a vantagem de ser meio-irmã do príncipe. Ela se jogou na competição com toda a força de vontade que possuía, mas não porque realmente acreditasse que tinha uma chance de tomar Milisendis para si mesma. No fundo de seu coração, ela sempre soube que Gerard escolheria Terryn.

Mas... talvez a conclusão não tenha sido abandonada afinal? Ela havia matado a bruxa. Ela salvou Dunloch. Então talvez...

— Não seja totalmente estúpida. — Sibilou Ayleth. Suas mãos agarraram o parapeito da janela até que os nós dos dedos ficaram brancos. — Você matou Fayline. Você matou seu verdadeiro amor. E você deixou a alma dela ser arrastada para os Assombrados. O príncipe mal consegue olhar para você. Ele não estará lhe dando nenhuma postagem tão cedo.

Ajustando o conjunto de calças mal ajustadas de Everild em volta da cintura, ela escalou o peitoril e começou a descida perigosa. Seus dedos das mãos e dos pés estavam dormentes, mas ela os enfiou nas rachaduras e de alguma forma conseguiu distribuir seu peso de forma que ficasse encostada na parede. Algumas molduras e saliências úteis se apresentaram enquanto ela avançava, e ela conseguiu alcançar o chão sem quebrar nada. Ela teve que se encostar na parede, tirar o cabelo solto do rosto e simplesmente respirar por alguns momentos depois.

A primeira de suas várias tarefas difíceis havia sido cumprida: ela estava fora do quarto.

Agora, pegar seu cavalo... que estava no estábulo do outro lado. Ela mal podia marchar pelo caminho principal e esperar não ser notada, o que significava que ela tinha que circular atrás da enorme fortaleza.

Mantendo-se nas sombras, Ayleth esgueirou-se através de túneis de acesso em arco e ao longo das paredes, contornando as portas com cuidado e se escondendo sob as janelas, evitando armadilhas como valas de drenagem, um monte de composto e o movimentado pátio da cozinha iluminado por tochas. Quando ela alcançou o lado da ilha onde os estábulos estavam localizados, seus pés doíam quase tanto quanto os cortes cicatrizando em seu torso.

Depois de passar pelo túnel de entrega, ela se abaixou em uma alcova na parede do castelo para planejar seu próximo movimento. Sentinelas nas ameias bem acima provavelmente não prestariam atenção a ela, e nenhum guarda patrulhava tão perto da fortaleza, embora ela soubesse que havia muitos vigiando no portão. Como ela iria passar por eles, Ayleth não tinha certeza. Mas ela encolheu os ombros com esse pensamento. Com guardas no

portão ou sem guardas no portão, ela teria mais facilidade para escapar de Dunloch antes que a barreira fosse levantada.

Ayleth disparou por uma área aberta ao lado de um anexo de pedra sem janelas, provavelmente um celeiro. Espiando o movimento no caminho circular, ela se abaixou para a sotavento do prédio, deu a volta por trás dele e finalmente avistou os estábulos. Um espaço aberto bastante longo ficava entre ela e a porta do estábulo mais próxima e, naquele momento inoportuno, a lua apareceu por trás das nuvens, brilhando nos caminhos de cascalho e telhados de ardósia. Ayleth sugou os lábios, temendo o aumento do risco de ser vista ao cruzar sob aquela luz. Mas ela tinha tão pouco tempo...

Ela deu um passo para fora das sombras.

Uma mão a agarrou com força pelo braço e a puxou de volta.

Ela respirou fundo, preparada para gritar, mas o ar explodiu de seus pulmões quando ela foi pressionada repentinamente e com força na porta do celeiro, nas sombras de sua entrada. Alguém se aproximou dela, ainda segurando seu braço com uma das mãos, a outra segurando sua boca. Ayleth torceu-se, contorceu-se, tentou libertar a mandíbula, morder.

— Shhh. — A voz de Terryn rosnou baixinho em seu ouvido. — Silêncio, ou ela vai te encontrar.

CAPÍTULO 9

Ayleth ficou tão assustada que congelou no lugar. Seus olhos mortais se esticaram na escuridão para discernir os traços do rosto tão próximos ao dela, incapaz de acreditar que era realmente a voz de Terryyn que acabava de ouvir.

Antes que ela pudesse fazer sua mente compreender totalmente a situação, outro som chamou sua atenção: esporas chacoalhando nas pedras, cruzando o pátio dos estábulos. Ela se contorceu contra o aperto em seu braço e a mão sobre a boca para ver por cima do ombro de seu captor.

Caminhando sob a luz da lua vinha Venatrix Everild. Ela deveria ter acabado de retornar de alguma missão em nome de seu Dominus, alguma última tarefa que precisava ser feita antes que o feitiço de barreira fosse lançado. Se Ayleth tivesse dado mais dois passos no pátio do estábulo, ela teria acabado diretamente na linha de visão de Everild, sua fuga frustrada antes de começar.

Não que sua situação atual fosse melhor.

Everild continuou passando pelo celeiro sem dar uma segunda olhada. Sua sombra deveria estar profundamente suprimida, caso contrário, sua visão de sombra certamente teria espiado as duas almas pressionadas juntas na escuridão da porta. Ela seguiu quase a mesma rota que Ayleth acabara de usar, dirigindo-se ao túnel que conduzia aos fundos da fortaleza. O eco de suas esporas logo desapareceu atrás dela.

Ayleth soltou um suspiro contra a palma sobre a boca e olhou para o rosto acima dela, ainda incapaz de discernir mais do que sombras. Mas era Terryyn, ela tinha certeza disso. Agora que seu coração havia acalmado suas

batidas frenéticas, ela reconheceu o cheiro dele, aquele cheiro fresco da floresta, tão fora de lugar entre os edifícios de pedra de Dunloch.

De repente, ela percebeu o quão perto ele estava, de como ele se inclinou para ela, pressionando-a contra a porta do celeiro. Seu hálito era quente em sua bochecha, seus lábios pairando perto de sua orelha.

Quando ela balançou a cabeça, ele deixou a mão escorregar de sua boca. — Ela se foi agora. — Murmurou Ayleth. — Hum. Obrigada. — Ela se moveu contra a porta, esperando que ele a soltasse e se afastasse.

Em vez disso, a mão que ele pressionou em sua boca se moveu para descansar em seu ombro, perto de seu pescoço. Parecia quente contra sua pele fria, e ela percebeu que sua camiseta solta tinha puxado para o lado durante a curta briga, expondo seu ombro ao ar cortante do outono.

— Se você está fugindo, di Ferosa. — Ressoou a inconfundível voz profunda como a noite de Terryn. — Alguém poderia aconselhá-la a pegar uma capa. É uma noite fria.

— Alguém poderia enfiar o conselho de volta na própria garganta. — Ayleth rosnou, lançando um olhar que ele provavelmente não podia ver. — Ninguém pensou em me deixar uma capa. Sem capa, sem colete... Assombrados, eu tive que pegar as calças da Venatrix di Lamaury emprestadas!

— Então, você decidiu fazer sua fuga ousada vestindo quase nada? Mas então, você vai para a batalha contra as bruxas usando ainda menos roupas, eu não deveria ficar surpreso.

— Quem disse que estou fazendo uma fuga ousada?

— Acho que isso nem é preciso dizer.

— Estou simplesmente verificando meu cavalo. — Ayleth deixou a mentira escorregar de sua boca, confiante de que, de qualquer forma, ele não

acreditaria. — Quero ter certeza de que Chestibor está sendo bem cuidado. Você nunca pode dizer com esses garotos chiques do estábulo e seus uniformes chiques. Eles não parecem distinguir casco de jarrete. — Ela tentou mudar de posição novamente, se afastar e colocar um pouco mais de distância entre eles. A mão dele em seu ombro relaxou e por um momento ela pensou que passaria por ele.

No momento seguinte, no entanto, a outra mão deslizou em volta da cintura dela, puxando-a para mais perto do que antes, e a mão em seu ombro moveu-se para a nuca, os dedos enredados em seus cabelos. Sua pele corou e mil espinhos de sensação percorreram sua espinha. Por que suas pernas de repente ficaram tão fracas? Havia ainda algum resíduo de sòm em seu sistema?

Seu rosto se virou e, apesar das sombras, embora ela não pudesse ver seus traços, ela de repente, dolorosamente, percebeu o quão perto seus lábios estavam. Lábios cujo formato ela lembrava muito bem. Lábios que ela tinha, não uma, mas duas vezes, pressionado contra os dela, sutis e sensuais e sedutoramente responsivos ao seu toque.

Malditos Assombrados, o que ela estava pensando?

Um grunhido reverberou em sua garganta. Ela puxou as mãos para cima, agarrou a frente de seu colete e, girando seu peso abruptamente, virou-o completamente, para fora da porta, e empurrou suas costas contra a parede de pedra do celeiro. Deste novo ângulo, ela podia ver seu rosto, totalmente iluminado pelo luar. Seus olhos se arregalaram. A mão dele não deixou sua cintura, mas continuou a abraçá-la, perto o suficiente para ela sentir a frieza da fivela de seu cinto através do linho fino de sua camisa. A outra mão dele deslizou pelo pescoço para pressionar entre os ombros, os dedos abertos e firmes.

— Se você fugir agora, di Ferosa, vai parecer culpada. — disse ele, com a voz rouca.

— Culpada de quê? — ela retrucou, recusando-se a deixar seu olhar desviar dos olhos dele para a boca. — Eu não fiz nada. Só matei a bruxa que você falhou em derrubar.

Seus dentes brilharam em uma careta e os músculos de seus braços ficaram tensos ao redor dela. — Se você não é culpada, por que saiu furtivamente pela janela no meio da noite?

A mente de Ayleth girava freneticamente em busca de alguma desculpa, qualquer desculpa. Como ela poderia começar a explicar sua interação com Fendrel? Ou aquele olhar estranho que ela viu passar pelos olhos do rei quando foi apresentada? Não fazia sentido, nada disso. Mas ela precisava dizer algo.

— Eles estão ameaçando me colocar em um vestido. — Ela rosnou. — Devo comparecer à cerimônia de casamento amanhã à noite. E ao baile, Deusa me ajude! Não sou o tipo de garota que gosta de se divertir, caso você não tenha notado.

Sua careta se transformou em um sorriso. — Já reparei. Você ficaria ridícula em um vestido de baile.

Ela estava grata pelo luar prateado para disfarçar o rubor repentino em suas bochechas. A última coisa que ela precisava era que ele visse que seu comentário a afetou. Com esforço, ela fez seus dedos frios soltarem a frente do colete dele, espalmou as mãos contra o peito dele e empurrou. Não foi um impulso particularmente vigoroso, mas ela ainda quase escapou.

O rosto de Terryn se endureceu. Ele se endireitou, afastando-se da parede contra a qual ela o prendeu. A mão em volta de sua cintura pressionou contra a parte inferior de suas costas enquanto a outra mão subia em seu cabelo

mais uma vez, indo para a parte de trás de sua cabeça. Ela se inclinou para trás, reagindo ao impulso do instinto ao invés da vontade consciente, e olhou para aqueles olhos gelados dele, que de repente estavam queimando ao luar, seus centros escuros rodeados por um fogo azul.

— Cuidado, di Ferosa. — ele murmurou, sua voz uma oitava mais profunda do que antes. — Escolha seu próximo movimento com sabedoria.

Se Laranta estivesse ascendente, ela poderia facilmente tê-lo agarrado, levantado por cima do ombro e jogado no chão. Mesmo sem Laranta, ela provavelmente conseguiria se livrar dele se realmente tentasse. E ele sabia disso.

O que significava que ele também sabia que ela não estava resistindo a ele.

Ele se aproximou um pouco mais, e o ar entre eles, embora tivesse estado frio apenas alguns momentos atrás, de repente ficou quente.

Mas Ayleth virou ligeiramente a cabeça para o lado, interrompendo o olhar comum por um momento, apenas o tempo suficiente para reunir seus sentidos. Então ela se virou para ele, seu rosto dividido com um sorriso rápido e feroz. Uma de suas mãos deslizou por seu peito e seus dedos envolveram sua garganta. Ela observou a escuridão de seus olhos dilatar-se, quase obscurecendo o azul.

— Você quer falar sobre culpa, du Balafre? — ela ronronou. Seus dedos se apertaram e seu sorriso se transformou em pedra. — Eu sei que você mentiu para mim. Que você mentiu para todos eles: Fendrel, o rei e até mesmo Gerard.

— Menti? — Seu olhar brilhou para encontrar os olhos dela. — O que você quer dizer? Como eu menti para Gerard?

Ela respirou fundo para se acalmar, as narinas dilatadas. Agora que ela começou seu ataque, ela não podia recuar.

— Ele confiou em você para caçar a Bruxa Fantasma. Você esteve na trilha dela durante semanas, o tempo todo insistindo que não havia encontrado nada. Mas eu sei melhor. Eu descobri seu segredo: eu sei sobre a âncora que você manteve escondida em seu quarto em Milisendis. Fui ao Cró Ular e vi onde ela havia sido ativada recentemente. Você sabia o tempo todo que Inren estava no bairro. E porque você mentiu, boas pessoas, bons venadores, estão mortos.

Os braços de Terryyn se afastaram, seus dedos se desenredando de seu cabelo. Ele pegou a mão que segurava sua garganta e a puxou para longe. Seu treinamento assumiu, e ela inclinou o braço com força, tentando se libertar, e com a outra mão atacou o rosto dele.

Mas seu treinamento tinha sido semelhante ao dela e, ao contrário dela, ele ainda não estava sofrendo os efeitos colaterais da purificação do oblivis. Com uma torção na hora certa, ele agarrou seu pulso, girou-a e prendeu-a, não muito gentilmente, o rosto contra a parede.

Ela bateu nas pedras com a mão livre e, em seguida, empurrou-se de volta, a luta surgindo em suas veias. Ele puxou um pouco mais forte em seu pulso, apenas o suficiente para doer, e ela ficou imóvel.

— Eu não sei do que você está falando. — Ele disse, sua voz sombria atrás dela. — Eu nunca menti para o príncipe. Eu nunca menti para Fendrel. Eu admito que falhei quando se tratava da Bruxa Fantasma, mas se eu tivesse descoberto qualquer coisa que pudesse me fazer acreditar que ela havia escapado da Floresta da Bruxa, eu teria perseguido a pista até o fim.

— Mais mentiras! — Ayleth sibilou.

Sua respiração estava forte e rápida. — Eu não sou o mentiroso aqui, Venatrix di Ferosa. Não sou eu quem tem os segredos. Sempre fui e sempre serei um servo leal de Santo Evander.

Ele parecia tão sincero. Sincero o suficiente para que, apesar de sua posição atual, apesar do calor queimando em suas veias, ela quisesse acreditar nele. Ela queria se virar, olhá-lo nos olhos e ver a verdade brilhando em seu olhar.

Talvez tenha havido algum engano. Talvez a âncora que ela encontrou tenha sido plantada por outra pessoa. Kephán, talvez, sob a escravidão da Bruxa do Ardor, antes de partir para a cura no castra. Ou até mesmo a própria Bruxa Fantasma.

Sentindo sua hesitação, Terryn a soltou e deu um passo atrás. Girando para encará-lo, os dentes arreganhados, ela assumiu uma postura ampla, os punhos cerrados, mas então ela viu a expressão em seu rosto. Confusão. Frustração. E isso era... medo? Ela hesitou, seu lábio enrolado em um grunhido.

— Tudo bem. — disse ela. — Digamos que você esteja sendo honesto. — Ela jogou a cabeça, escovando as mechas de cabelo que caíram sobre seu rosto. — Como você explica a âncora que encontrei em seu quarto?

— Que âncora? Você quer dizer a âncora quebrada que descobrimos entre seus pertences depois que você foi envenenada pelo oblivis?

Isso mesmo. Ela estava com ela durante seu primeiro encontro com a Bruxa Fantasma.

Ela assentiu lentamente. — Sim. Sim, aquela.

— Presumimos que você pegou um pouco antes de sua luta com Inren. Em algum lugar em Cró Ular. Você está me dizendo que a encontrou em outro lugar?

— Eu encontrei no seu quarto. Eu segui o fedor de maldições quebradas até o fundo do seu baú, onde estava escondida em uma bolsa.

Terryn balançou a cabeça. Sua mandíbula se torceu e o músculo de sua bochecha com cicatrizes ficou tenso. — Isso não é possível. Nunca vi uma das âncoras de Inren. Isso é... Encontrei uma em Cró Ular esta noite, mas já estava quebrada e... e... — O músculo em sua bochecha saltou, e ele respirou fundo e virou a cabeça como se estivesse sentindo um lampejo de dor. Ele pressionou uma mão ao lado do rosto, cobrindo a cicatriz.

Ayleth piscou, tentando mudar para a visão da sombra, para olhar para ele em espírito e ver o que seus olhos mortais não podiam perceber. Mas Laranta ainda estava reprimida e incapaz de fornecer sua visão.

Terryn se controlou e se endireitou novamente. Ele afastou um cacho escuro da testa, depois virou a cabeça, estalando o pescoço e se endireitou mais do que antes, elevando-se sobre Ayleth. — Não tenho motivo para mentir para meu príncipe. — disse ele. — Você, entretanto... Você não é nada além de mistério combinado com mistério.

Como ela poderia negar? Ela não sabia quantas das coisas que disse a Terryn sobre si mesma eram mentiras. Ela não sabia quais partes de sua história eram verdadeiras e quais eram invenção de Hollis.

Ela não sabia por que Fendrel olhou para ela daquela maneira.

Nada disso mudava o que ela havia encontrado. Ainda assim, era possível... era bem possível que a âncora de oblidite tivesse sido plantada. Afinal, Inren carregava um Evanescer. Ela poderia ter se infiltrado em Milisendis e guardado sua âncora lá por razões que ninguém jamais descobriria. Ela poderia saber que Terryn estava em seu encalço, poderia ter feito isso para despistá-lo de alguma forma. Era possível.

Por que ela queria acreditar em uma história tão tola? Por que queria tanto que Terryn fosse inocente dessas acusações que acabava de lançar em seu rosto?

Ela puxou a camisa, ajustando as dobras soltas sobre o ombro nu. Sua pele parecia congelada mais uma vez, e ela estremeceu forte. Seus pés eram blocos de gelo.

— Acho que acabamos aqui, du Balafre. — disse ela, e se virou em direção aos estábulos. Ela já havia perdido tempo suficiente.

— Não vá.

Ela parou. Sua pulsação acelerou, zumbindo em seus ouvidos.

— Não deixe Dunloch. Não essa noite. Fique pelo menos durante a cerimônia amanhã. Para o bem de Gerard, se não para o seu próprio.

O vômito agitou-se no estômago de Ayleth. Ela ansiava pela estrada aberta diante dela e o céu se espalhando acima dela. Ela ansiava por nada mais do que as encostas florestais de Drauval Borough, as alturas íngremes e os picos de pedra das Montanhas Skada.

Por que ela foi tão estupidamente impulsiva? Por que ela desobedeceu Hollis e fugiu? Na época, ela acreditava que precisava de respostas como ela precisava de sua próxima respiração. Mas ela nem sabia as perguntas certas a fazer.

O rosto de Gerard passou pelos olhos de sua mente, Gerard como ela o tinha visto pela última vez no salão de entrada, ao lado de seu pai. Ele não parecia um homem na véspera de seu casamento. Seu rosto estava cinza, seus olhos fundos.

E ainda assim, ele não era nada se não o herói orgulhoso e nobre.

Ayleth inspirou cuidadosamente nos pulmões e prendeu-o. Alguém aqui em Dunloch era digno da confiança de Gerard? Ele confiava em Terryn, mas Terryn era um mentiroso. Ele confiava em Fendrel, mas Fendrel estava preso em suas próprias agendas distorcidas. E o Rei Escolhido? Ele estava sob o domínio de Fendrel. Quem estava ao lado do príncipe? Quem o protegeria não

apenas das bruxas, mas também de seus camaradas e conselheiros mais próximos?

Ayleth di Ferosa. Era quem o faria.

Ela soltou um longo jato de vapor branco como fumaça ondulante de seu intestino. Enquanto ela o observava se enrolando e evaporando, a resolução se firmou em seu coração. Ela poderia não ser a venatrix mais devota para fazer os votos de serviço. Ela poderia não confiar totalmente nos ensinamentos do santo; ela poderia lutar sob o jugo da lei evanderiana. Mas ela era leal ao Príncipe Dourado.

— Muito bem, du Balafre. — Sussurrou ela, ainda de costas para Terryn. Ele provavelmente não conseguia nem a ouvir falar. Ela girou nos calcanhares para olhá-lo diretamente nos olhos. — Você venceu.

Com essas palavras, ela passou por ele, passando tão perto que sentiu o calor de seu corpo. A mão dele se moveu, estendendo-se, apenas roçando nas pontas dos dedos dela, e ela se perguntou por um instante de arrepiar o estômago se ele a pegaria novamente, se a pararia, se o fizesse... ela não sabia o quê.

Mas seus dedos apenas tocaram os dela, o mais simples instante de contato. Então ela passou por ele, voltando pelo caminho por onde viera, contornando o celeiro, em direção à grande fortaleza de pedra. Mesmo depois de entrar na passagem sob a ala oeste e estar bem além de sua visão, ela pensou ter sentido o calor de seus olhos na parte de trás de sua cabeça. Na sombra profunda, ela parou para apoiar as costas contra a parede de pedra fria e pressionou a mão contra o coração, que batia rápido demais para seu conforto. Sua pele ainda queimava com seu toque.

Rangendo os dentes, ela correu para o quintal da cozinha, forçando seus pés frios mais rápido. A ala leste de Dunloch esperava, com a janela solitária

aberta. Mas... agora ela não precisava escalar a parede novamente. Agora que ela não estava mais tentando escapar, ela poderia andar pelos corredores do castelo e subir as escadas sem medo de ser descoberta.

Mesmo assim, ela usou uma das entradas da cozinha para evitar o risco de esbarrar em Fendrel no caminho. As cozinhas ainda estavam vivas com os preparativos para a festa de casamento, e ninguém lhe deu sequer um olhar enquanto ela corria pelo caos. Sua pele arrepiou com o calor indutor de suor de muitos fogos brilhantes, e ela estava tentada a demorar um pouco.

Ainda assim, a necessidade de silêncio, a necessidade de paz a impulsionou. Ela caminhou para o corredor frio além das cozinhas, esquivando-se dos criados conforme eles entravam e saíam, e finalmente saiu para a quietude da fortaleza principal, fora do alcance do barulho da cozinha. Voando como um fantasma, ela progrediu por sentido, em vez de certeza, pelos corredores e passagens labirínticos, em busca de uma escada para os níveis superiores.

Um raio de luz chamou sua atenção.

Ela fez uma pausa, virando-se para olhar para uma passagem larga que parecia vagamente familiar. Ela tinha vindo por aqui antes? Algo sobre isso despertou uma memória, embora ela tivesse estado em Dunloch apenas um punhado de vezes nas semanas ocupadas desde sua primeira visita importante. Esses pilares altos e aquela porta... Eles levaram à galeria de retratos?

Uma luz bruxuleante de velas moveu-se além daquela porta.

De repente curiosa, Ayleth caminhou silenciosamente pelo chão polido, escorregou até a porta e espiou para dentro. Uma figura movia-se pelo centro da galeria, carregando uma vela. Uma figura alta de ombros largos. Fendrel? O que ele estava fazendo aqui?

Então o rosto se virou. Ela viu o perfil, não do Venador Dominus, mas do Rei Escolhido.

Sua respiração ficou presa. O que era bobo, ela disse a si mesma. Por que deveria parecer estranho para ela ver Guardin du Glaive vagando pelos corredores da casa de seu filho no meio da noite? Se o rei tivesse acordado durante a noite apenas para ser tomado por um impulso repentino de contemplar os rostos artisticamente representados de heróis, santos e rainhas-sacerdotisas da antiguidade, por que ele não faria isso? Não era assunto dela.

Ela deveria se virar, continuar em busca de seu quarto... mas ela não conseguia desviar o olhar daquela silhueta escura enquanto ela continuava até o final do corredor. O rei ergueu sua vela, e seu brilho iluminou o último dos retratos, pendurado na outra extremidade da galeria, onde ficaria protegido de muita luz do sol desbotando suas cores.

Era o retrato da Rainha Leurona. Ayleth o viu em seu primeiro dia no castelo enquanto vagava perdida nas passagens. Ela tinha reconhecido aquele rosto lindo desde então, reconheceu-o porque era muito parecido com outro rosto que ela conhecia. A imagem da rainha segurava o infante Príncipe Dourado em seu colo. O artista a compôs para parecer uma santa, completa com uma aura dourada como um halo atrás da cabeça, e o bebê ergueu as mãos rechonchudas em um gesto sagrado bastante irreal para sua idade retratada.

Leurona olhava para baixo de sua moldura dourada, encarando o rosto de seu marido com um par de olhos gelados. Olhos tão parecidos com aqueles que, apenas alguns momentos atrás, ardiam com paixões sem nome a meros centímetros dos de Ayleth.

Por algum tempo, o rei ficou parado, olhando para esta imagem. Talvez, com a aproximação do casamento de seu filho, ele tenha percebido que seus pensamentos estavam voltando para seu próprio casamento de curta duração

com aquela linda mulher. Esta mulher que trouxe com ela de seu país natal um filho bastardo, a criança que todos conheciam, mas ninguém reconhecia.

Algo na atitude de Gardin parecia... estranho. Algo na postura em seus ombros. Algo que Ayleth não conseguia nomear. A mão que segurava a vela tremia, e por fim ele colocou o pequeno castiçal de latão no chão.

Em seguida, ele se aproximou da pintura, agarrou a borda da moldura dourada e puxou-a de volta em suas dobradiças ocultas, dobradiças que Ayleth agora se lembrava de ter notado a primeira vez que entrou nesta galeria. A imagem inteira se afastou da parede como uma porta.

Do outro lado, Ayleth vislumbrou uma passagem estreita e escura. Gardin pegou sua vela e entrou. A moldura da pintura se fechou atrás dele, em silêncio, exceto por um clique final.

Ayleth ficou na escuridão, piscando. Imaginando se ela tinha imaginado o que acabou de ver.

CAPÍTULO 10

Terryn a observou até que ela sumiu de vista. E ainda assim ele ficou na porta sombreada, seu olhar seguindo atrás de onde ela tinha ido, meio esperando, meio temendo que ela reaparecesse, que ele visse sua figura alta com aquela camisola de linho solta e calças muito grandes correndo de volta para ele, o luar pegou em seus cabelos negros e o fogo faiscou em seus olhos de meia-noite.

Ele abaixou a cabeça e se forçou a respirar longa e profundamente. Ele esfregou a mão no rosto e uma maldição amarga explodiu de seus lábios. — Malditos Assombrados. Assombrados, maldita seja!

Com um grunhido repentino, ele se virou e bateu na parede com o punho nu. Quando não doeu o suficiente, ele bateu novamente. A pele se rompeu e a dor subiu por seu braço. Ele fez uma careta, fechou os olhos e deixou o braço ficar mole e cair para o lado, o punho cerrado. Ele se concentrou na dor... mas não foi o suficiente.

Não conseguia distrair do fogo aceso dentro dele. Um fogo esperando para consumi-lo.

Ele conhecia a lei. Ele sabia que esses sentimentos não eram sancionados pelo Santo. Se o conselho de Breçar descobrisse, baixaria com força o martelo e sua carreira estaria arruinada. Até agora, ele não fez nada para merecer uma execução legal, mas... mas...

Ele a sentiu em seus braços. Sentiu a proximidade de seu corpo, a força em seus membros, o poder em sua alma. Um poder que parecia se apoiar nele. Foi ele... ele foi um tolo por acreditar...?

Zombando de sua própria idiotice, ele saiu da alcova e caminhou rapidamente em direção ao pátio da frente. Já tinha sido um dia brutalmente longo. Ele estava exausto. Isso era tudo. Apenas exausto. Ele precisava focar sua mente, focar em seu trabalho. Fendrel havia lhe dado um trabalho, e ele não podia se deixar distrair, não por...

— Nenhum de nós pode ter quem realmente queremos.

Terryn parou abruptamente. Sua pele se arrepiou ao som daquela voz, uma voz que ele conhecia muito bem. Sua boca se moveu, começou a formar um nome. Ele girou nos calcanhares.

Mas foi Liselle quem saiu das sombras ao longo da parede do castelo e foi para o luar. — É nossa triste sorte, não é, Venador Terryn? — ela disse.

Sua respiração soprou em uma longa exalação ao vê-la. Foi apenas um truque de nervosismo e exaustão que o fez pensar que tinha ouvido o que não poderia ter ouvido. A voz doce e alegre de Liselle pode estar mais pesada do que o normal, carregada de tristeza. Mas era inconfundivelmente dela.

Ela se aproximou dele ao luar, seus quadris balançando suavemente. Ela agarrou um xale de seda firmemente ao redor dela, mas quando ela se aproximou, ela o deixou cair de seus ombros, revelando o decote aberto de uma camisola fina.

— Senhora. — disse Terryn com voz rouca, endireitando-se e apertando as mãos na parte inferior das costas. — É melhor você voltar para dentro. É amarga esta noite.

— Amarga, sim. — ela murmurou, mas continuou em direção a ele. Seu cabelo caía em cachos soltos e selvagens pelas costas, e seus olhos eram fundos e escuros nas órbitas. Ele não a tinha visto muito nos dias desde o ataque da Bruxa Fantasma. Ele a avistou à distância, perto da margem do lago, durante

a queima dos restos mortais de Fayline no funeral. Caso contrário, ela estava fora de sua vista e, na verdade, fora de seus pensamentos também.

Mas vendo-a agora, enquanto o fogo crepitante ardia em seu intestino ainda furioso e seu punho ainda doía de bater na parede, pensamentos e sensações voltaram de repente. Quase violentamente.

Ela fechou a distância entre eles e inclinou a cabeça para trás para olhar nos olhos dele. Uma mão delicada se levantou e, após um momento de hesitação, descansou levemente contra sua bochecha. — Eu me lembro... — disse ela. — De como costumávamos rir de você. Lembro-me de Fayline dizendo que você era inquebrável, que sua devoção ao seu santo superava todos os seus impulsos naturais. Ela costumava me desafiar para ver o quão longe eu poderia empurrar você.

Ele respirou fundo e deu um passo para trás. Seus lábios se curvaram e, apesar do vazio de seus olhos, um resquício de seu antigo sorriso animado iluminou seu rosto.

— Quão longe, Terryn? — ela disse e, dando mais um passo, colocou os braços em volta do pescoço dele. Sua boca pairou logo abaixo da dele, quente, macia e disposta. — Quão longe?

— Minha senhora! — Ele puxou as mãos dela, mas seus dedos se fecharam em torno de seus pulsos e não a soltaram, segurando seus braços entre seus dois corpos. O calor cresceu dentro dele.

Ela riu e sacudiu a cabeça. — Você se acha tão sutil? Eu vi você com ela. A venatrix, quero dizer. Eu sei o que você está pensando, o que você está sentindo. Eu sei quem você realmente quer. Eu não me importo! Não essa noite. — Ela baixou o queixo e lançou um olhar para ele através dos cílios. — Sua Ordem proíbe intimidade entre membros, não é? Mas todos sabem que

vocês, evanderianos, são mais tolerantes quando se trata de assuntos do coração fora de sua Ordem. Contanto que não haja... risco.

Ele soltou os pulsos dela e deu mais um passo para trás, mas ela apenas se aproximou dele. Ela segurou uma das mãos dele e colocou-a ao redor da cintura. Seu corpo derreteu contra ele. — Venha comigo. — Ela sussurrou. — Vou te mostrar o que quero dizer. E podemos esquecer. Você pode pensar nela, se quiser. E eu vou pensar...

Antes de terminar, ela ficou na ponta dos pés de repente e pressionou a boca na dele. Não havia suavidade naquele beijo, nem sensualidade, nem fascínio. Foi um gesto selvagem e raivoso, ao qual ele respondeu na mesma moeda. Ele agarrou seus ombros com força, os dedos cavando em sua carne nua. Ela agarrou seu cabelo, puxando e puxando. Um dedo arrastou ao longo da cicatriz em sua bochecha, e seu rosto estremeceu em resposta. Mas ela o segurou, beijando-o com mais força. Por alguns batimentos cardíacos selvagens, ele não conseguiu pensar ou sentir nada além de sua forma, seu calor, seu desejo.

Com uma última força de vontade, ele a empurrou. Ela cambaleou vários passos, seu lenço de seda caindo no chão. Sua boca estava aberta, ofegante, e seu peito branco arfou. Ele se virou rapidamente e, porque não confiava em si mesmo, fechou os olhos.

— Senhora di Marin. — Ele disse, sua voz fria e cortante. — Você deve voltar para a fortaleza agora. Tenho trabalho a realizar. Nós... nada vai acontecer entre nós. Não essa noite. Nunca.

Ela estava em silêncio, exceto por sua respiração pesada. Eles permaneceram sem falar no frio e na escuridão, e ele não ousou olhar em sua direção.

— Então é assim? — ela murmurou finalmente. — Você é fiel à sua venatrix. E aqui estava eu começando a duvidar que um homem fiel ainda andasse neste mundo.

Terryn franziu o cenho. Ele quase lançou um olhar pela metade em sua direção, mas parou. Ele não sabia o que ela faria, e ele sabia que tinha muito autocontrole restante.

— Muito bem, Terryn du Balafre. — Ele ouviu os passos dela se aproximando dele, então estremeceu quando a mão dela pousou em sua bochecha marcada. Ela ficou na ponta dos pés novamente e deu um beijo escaldante no canto de sua boca. — Eu honro sua sinceridade. Mas vou guardar uma dança para você amanhã à noite, no mínimo. Não me decepcione, meu velho amigo.

Ele não respondeu. Ele ficou perfeitamente imóvel, ouvindo o som dos passos dela recuando. Só quando teve certeza de que ela estava muito além de seu alcance, ele se atreveu a se virar. Ele vislumbrou sua forma pálida deslizando em uma esquina e fora de vista.

— Assombrados! — Ele murmurou. Mais uma vez, ele esfregou o rosto com força com as duas mãos. Apesar do ar frio, o suor gotejava em sua testa. Ele pensou que já tinha lutado todas as piores batalhas da carne! Ele pensou que tinha aprendido a controlar e conter esses desejos, esses impulsos. Como ele pôde ser tão ingênuo? Ele pensava que era feito de pedra.

Aparentemente, as fendas na pedra eram mais profundas do que ele percebia.

Ele balançou a cabeça e se virou em direção à estrada circular, de frente para a ponte e o portão distante. Ele tinha um trabalho a fazer, um feitiço para trabalhar. Ele deveria se concentrar em seus deveres, seu trabalho. Era a única maneira. Ele partiu com passos largos, deixando o ar invernal esfriar o calor

em sua pele. A cicatriz em sua bochecha dóia com uma dor muito familiar, e ele sentiu o lugar onde a unha de Liselle havia traçado ao longo de suas cristas enrugadas.

Algo estremeceu em sua alma. Algo que ele não conseguia nomear.

CAPÍTULO 11

O dia da Consagração amanheceu e os habitantes de Wodechran Borough acordaram com uma sensação de expectativa. Todos os olhos se voltaram na direção do Loch du Nóiv, e mesmo aqueles muito distantes para ver as torres do Castelo Dunloch à distância sentiram seus corações incharem de esperança. E trepidação.

Afinal, eles haviam comemorado esse dia quatro anos atrás também... e terminou em desastre.

No entanto, a pequena nobreza local, habitantes da cidade, aldeões, criados e trabalhadores, todos vieram para celebrar tanto a festa sagrada da Consagração quanto, em um grau maior, as núpcias de seu Príncipe Dourado. Faixas voavam das janelas e camponesas amarravam fitas nos cabelos e dançavam com lenços de cores vivas. Os padeiros começaram a trabalhar criando pãezinhos do príncipe dourado com pingos de mel e salpicados de correntes, que até o mais pobre agricultor economizava um centavo para comprar. Neste dia, deveriam se entregar, deveriam desfrutar de momentos loucos de extravagância. Nesse dia, o príncipe deveria ser brindado com vinho ou cerveja, e a nova princesa deveria ser abençoada com música.

Um padeiro trabalhava mais freneticamente do que outros. Ele tinha dormido mal na noite anterior e arrastou a filha para fora da cama bem antes do amanhecer e a empurrou, ainda bocejando, em direção à carroça carregada com muitos cestos com tampa de onde emanavam aromas incríveis. Sua filha curvou os lábios, mas subiu obedientemente no banco do cocheiro.

— Aviso de apenas um dia. — Seu pai murmurou sem parar, levantando as pálpebras e verificando seu trabalho. — Apenas um dia de aviso... e nada menos para a festa de casamento do príncipe! Mas se tudo correr bem, isso significará grandes mudanças para nós, Meddy. Então, não perca tempo ao longo do caminho, está me ouvindo, garota?

— Eu ouvi, pai.

— Nada de flertar com os entregadores de leite. Nada de fofocar com as garotas ganso. Você leva este lote para Dunloch e volta logo em seguida. Eu terei o próximo lote pronto para ir então. Aviso de apenas um dia! É uma loucura. Loucura.

O padeiro deu um tapa na anca do burro e a carroça começou a andar. Sua filha se recostou na cadeira, guiando o burro para fora da cidade. Seus olhos brilharam quando ela viu as faixas ondulando, viu os sinais de folia já brotando das janelas e portas. Haveria um baile mais tarde naquele dia, e se ela terminasse esta entrega e a próxima em tempo, ela iria participar. Ela cacarejou para o burro e saiu apressada da cidade, pegando a estrada que levava a Dunloch.

Ela estava bem encaminhada quando um som estranho chamou sua atenção. Franzindo a testa, ela deixou de contemplar a estrada entre os ouvidos do burro e procurou a origem do barulho. Parecia uma criança chorando e... com certeza, havia uma garotinha suja sentada em uma vala no acostamento da estrada, chorando muito.

— Ei, ei. — A filha do padeiro puxou as rédeas do burro, fazendo o carrinho parar com um rangido. À frente dela, a menos de um quilômetro de distância, assomavam as torres de Dunloch. Os pastéis finos de seu pai esfriariam rapidamente em suas cestas, e sua recomendação para que ela não se demorasse ecoou em seus ouvidos. Mas a menina parecia chateada.

Meddy franziu a testa, franzindo os lábios. Ela deveria continuar, ela sabia, mas sua natureza de coração mole levou o melhor sobre ela. Ela desceu do carrinho e foi até a vala, agachando-se para espiar a criança. — Você está com problemas, pequena? — ela perguntou. — Precisa de uma mão?

A menina piscou os olhos enormes e vermelhos de lágrimas para ela. — Sinto muito. — Ela balbuciou, e enxugou o rosto com as costas da mão.

Então, uma voz diferente, uma voz estranha, ecoante e multitudinária, falou através dos lábios trêmulos da criança: — *Por favor, nos perdoe, senhora.*

Meddy se levantou, olhos arregalados. — Você... você está tomada! — ela engasgou, fazendo um sinal de proteção sagrada. — Fique longe de mim!

Ela girou nos calcanhares... e se viu cara a cara com uma mulher alta e angular. Seu cabelo estava solto, sua pele estava marcada por centenas de pequenos cortes e suas unhas curvadas como as de um gato.

— Você parece saudável o suficiente. — disse a mulher, erguendo a adaga.

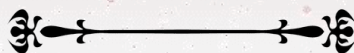
— Não! Não, não, por favor! — a filha do padeiro gritou. Ela viu o lampejo da lâmina e ergueu as mãos...

Mas a lâmina nunca a tocou. Em vez disso, a mulher mergulhou em seu próprio coração, bem abaixo das costelas. Ela desabou, convulsionando de dor enquanto o sangue jorrava em sua boca para sufocá-la e seu coração destruído lutava para bater.

Meddy, ainda gritando, virou-se e saiu correndo pela estrada, deixando seu carrinho para trás. O terror frenético percorreu seus membros, cegando-a para tudo, exceto para a necessidade de escapar. Ela tropeçou, caiu, endireitou-se, correu novamente.

Então parou.

Seu rosto contorcido de medo relaxou, e seu coração desacelerou seu batimento selvagem. Um sorriso curvou seus lábios. — Sim. — Ela murmurou. — Sim, um corpo adorável e saudável.



— Levante, levante, minha senhora! — uma voz aguda falou diretamente atrás da cabeça de Cerine. — Já é hora de deixá-la pronta.

Assustada, Cerine deixou de contemplar a vista da janela de seu quarto. Ela estava estudando a estrada além do portão principal, observando como ela serpenteava ao longe, e sonhando com ela mesma lá fora, correndo para o horizonte distante...

Mas ela ainda estava aqui. Presa neste quarto, enfrentando o dia seguinte. E a noite.

Ela piscou na cara de uma estranha, uma mulher usando um enorme par de brincos de joias que pesavam em suas orelhas até que parecessem flácidos. — Hm. — disse Cerine, e abaixou a cabeça. — Eu... Pedi que a irmã Ducette das Irmãs Siveline viesse. Ela... é ela...

— Minha senhora, você não precisa dos serviços de uma freira hoje! — a estranha gritou. — Você está prestes a se tornar uma princesa. É hora de fazer você parecer uma. — Dizendo isso, ela bateu palmas duas vezes, e mais estranhas apareceram como num passe de mágica de cada lado dela.

Cerine respondeu de maneira adequada e educada às seguintes apresentações. Todas eram damas de posição, escolhidas pelo duque. Muitas delas Cerine conhecera quando menina, e algumas de seus nomes ela reconheceu. Mas ela não conhecia nenhuma delas. Ela nunca havia sido apresentada à corte, mesmo antes de ser encaminhada para Siveline... ao

contrário de Fayline, que teve tempo e oportunidade de fazer amigos entre seus pares.

Embora o nome da irmã não fosse pronunciado, Cerine quase podia sentir as comparações silenciosas e negativas feitas enquanto as senhoras lavavam, poliam e perfumavam seu corpo. Em voz alta, elas fizeram muito por ela, exclamando sobre seus supostos pontos de beleza, suas mãos e pés delicados, seu pescoço comprido, seu queixo delicado. Elas nunca falaram diretamente com ela, apenas sobre ela. Por isso ela estava estranhamente grata. Pelo menos ninguém esperava que ela tivesse uma conversa animada.

À medida que a tarde avançava, o vestido de noiva foi trazido. Cerine, que não tinha visto antes, quase engasgou. Era... enorme. Ela tinha certeza de que iria sufocar em suas dobras numerosas de seda e brocado. Cada centímetro quadrado de seu tecido branco prateado tinha sido bordado com joias e padrões intrincados de fios de ouro, incluindo um sol de ouro ardente espalhado pelo corpete em homenagem ao Príncipe de Ouro. No momento em que a enfiaram na camisola com babados, nas anáguas, nos cestos, no espartilho e no próprio vestido, Cerine se sentia quente e exausta. O vestido foi considerado muito longo, então ela foi obrigada a ficar de pé em um banquinho diante de um espelho alto, enquanto três senhoras rastejavam no chão ao seu redor, cercando jardas e mais jardas de seda.

Cerine olhou para o reflexo de si mesma. Como ela parecia estranha! Seu cabelo estava raspado rente, uma prática Siveliniana, e seus olhos pareciam vazios em sua cabeça. Em seu coração, ela ainda era a irmã Cerine, uma noviça do templo, uma escriba em treinamento. Envolvê-la em sedas e joias não mudava esse fato. O vestido, com seu decote largo e espartilhos para empurrar seus seios claros para cima o mais alto que podiam, fazia uma tentativa

corajosa de transformar sua forma de criança abandonada em algo feminino e tentador.

Tudo o que ela conseguia pensar era em como isso teria ficado muito melhor em Fayline.

Em sua mente, ela ainda via o rosto de sua irmã rodeado por lírios. Pouco antes de as chamas subirem através dos gravetos de sua pira e a consumirem, enviando suas cinzas aos céus junto com os cheiros pesados de incenso sagrado.

Cerine pestanejou e as chamas pareceram lambe-las atrás das suas pálpebras. Só que agora era um fogo diferente queimando em sua memória. O fogo em uma lareira de pedra, devorando o livro da irmã Ilda. Chamas corroendo páginas escritas com esmero, transformando o pergaminho em brasas e depois em cinzas.

Ela havia passado o dia todo se perguntando se o Capuz Negro viria buscá-la, se ele apareceria em sua porta com guardas que a arrastariam para o bloco de corte e o machado. Se ela seria forçada a se ajoelhar, para confessar sua heresia ao Rei Eleito e seu filho. Se ela seria obrigada a se arrepender por ousar compartilhá-la, por ousar acreditar nisso como verdade.

Mas, aparentemente, Gerard decidiu não relatar seus pecados ao tio. Apesar de tudo, ele ainda pretendia seguir adiante com essa farsa de casamento.

Cerine piscou ao ver seu reflexo no vidro. Suas entranhas pareciam vazias.

A porta atrás dela se abriu e, por um momento, o coração de Cerine se ergueu quando a cabeça dourada de Liselle apareceu em seu campo de visão. Sua velha amiga encontrou seu olhar no vidro e ofereceu-lhe um sorriso brilhante. Vestida com sua própria elegância para a cerimônia e o baile, Liselle

era uma visão de prata reluzente com ametistas rodeando sua garganta e cintilando em seu cabelo.

— Lá está ela! Nossa noiva enrubescida. — Vibrou ela, cambaleando entre as damas que esperavam enquanto atravessava o quarto até Cerine em seu banquinho. Ela segurava uma pequena caixa entalhada em suas mãos. — Um presente para você. Do príncipe. — Ela disse, inclinando a cabeça para que seus cachos caíssem suavemente sobre um ombro nu.

— Do... do príncipe? — Cerine ficou boquiaberta. Ela começou a alcançar a caixa, mas uma das senhoras que atualmente está trabalhando em uma costura fez uma careta para ela, e ela congelou. — Você iria... você se importaria, Liselle?

— Claro que sim amor. — Liselle ergueu a tampa e ergueu o conteúdo da caixa para a inspeção de Cerine. Joias. Um enorme colar de ouro cravejado de diamantes e esmeraldas, uma gargantilha e um longo pingente para pendurar entre os seios. Brincos que ela não podia usar, pois suas orelhas não eram furadas. Duas pulseiras de punho que certamente quebrariam seus pulsos e um diadema para envolver sua testa.

No momento em que os viu, Cerine soube que Gerard não tinha escolhido este presente. Esta tinha que ser a escolha de seu pai, e ele colocou o nome de Gerard nele para as aparências.

Liselle colocou a caixa de lado e puxou a gargantilha. — Exótica! — disse ela, e enfiou a gargantilha em volta da garganta de Cerine, prendendo-a com muita força.

Cerine engasgou-se e franziu o cenho. — Liselle, por favor...

— Sinto muito, querida! — Liselle sorriu e ajustou o fecho. Em seguida, prendeu o diadema na cabeça de Cerine e prendeu as pulseiras nos pulsos como duas algemas ornamentadas. — Pronto. Você não está magnífica?

Cerine se atreveu apenas a olhar no espelho e teve que desviar o olhar rapidamente. Era uma visão horrível.

— Oh, venha agora. — disse Liselle com um bufo e um rolar de olhos. — Parece que você está a caminho de sua execução, não de seu casamento. Tente sorrir um pouco! Que noivo quer ver sua noiva com o rosto tão azedo?

Havia aquele tom na voz de Liselle novamente, algo que Cerine não se lembrava de ter ouvido antes. Mas então, Liselle tinha sido próxima de Fayline ao longo dos anos. Cerine baixou o olhar para o chão, envergonhada de encontrar os olhos de sua dama.

Liselle se virou para uma das damas que esperavam trabalhando furiosamente na bainha do vestido. Batendo em sua cabeça, ela disse: — Xô. Eu atenderei nossa princesa. — A senhora ergueu uma sobrancelha, mas se levantou agradecida, esticando as costas e flexionando os dedos antes de entregar a agulha e a linha. Liselle ocupou seu lugar no banquinho baixo, escolheu uma joia piscante de uma cesta próxima e começou a adicioná-la à bainha. Ela trabalhou em silêncio por alguns momentos antes de levantar um olhar astuto para Cerine.

— Sabe, querida, como sua mãe não está aqui, sinto que devo assumir a responsabilidade de oferecer-lhe todos os conselhos que puder. Como viúva, você sabe, tenho alguma experiência com noites de núpcias.

O rosto de Cerine ficou quente, depois frio. Ela não conseguia olhar para Liselle, e seu estômago deu uma volta dolorida em seu intestino.

— Eu sei que você está nervosa. — Liselle continuou. — Eu mesma estava naquela primeira noite com du Marin. Embora eu tivesse tido minha cota de pequenos flertes antes dele, uma noite de núpcias é... um assunto totalmente diferente. Pode ser um tanto indigno, mas pelo menos eu estava preparada

para a maior parte disso. Enquanto você, meu patinho, é tão inocente quanto parece! Então, deixe-me dizer algumas coisas úteis.

Ela passou a descrever em detalhes várias coisas que Cerine nunca tinha ouvido falar tão abertamente discutido. Suas orelhas ardiam e seu pulso martelava em sua garganta enquanto ela tentava assimilar o que sua dama dizia. Quanto mais Liselle falava, mais doente ela se sentia. Ela baixou a cabeça, com vergonha do que estava reservado para ela naquela noite, com vergonha de admitir a verdade... a verdade de seus próprios desejos...

A voz de Liselle sumiu no silêncio, finalmente, e ela acrescentou mais algumas joias na bainha sem falar. Então ela estendeu a mão de repente e apertou a mão de Cerine. — Eu sei o que você está pensando. — Ela disse.

— Você sabe? — Cerine respondeu fracamente.

— É claro. Você está pensando em Fayline. Você está pensando em como ela era linda. Você está pensando no quanto Gerard a amava. Afinal, ele nunca foi feito para ser seu. — Sua mão apertou com mais força, quase forte o suficiente para doer. — Mas não se preocupe, querida menina. Um homem é um homem. Uma vez que ele te desnudar a nada, tudo o que ele verá é carne feminina. Ele vai agir de acordo com seus desejos, sem medo. Todos os homens são iguais assim. Eles sussurrarão de amor, mas quando a noite chegar, suas necessidades serão muito mais simples do que as nossas e suas memórias muito mais curtas.

Cerine olhou para sua dama, com a boca aberta em choque. Nenhuma vez em todos os anos que ela a conheceu ela já tinha ouvido Liselle falar dessa maneira. Ela não percebeu quão profundamente, quão dolorosamente suas palavras cortaram?

— Você... você tem outra para ajudar a se preparar para esta noite, não é? — Cerine perguntou em voz baixa, odiando o quão tímida ela parecia.

A boca de Liselle se curvou em um sorriso muito brilhante. Ela amarrou a última de suas pequenas joias ao longo da bainha. — Sim. — disse ela, cortando a linha e guardando a agulha com segurança de volta em sua caixa. — Eu devo fazer algo razoavelmente feminino com aquela jovem venatrix. Deve ser um desafio interessante! Mas então, veja o que fiz de você, minha querida! Alguém olha para você e quase pode acreditar que vê uma princesa.

Outro corte. Ou era para ser um elogio? Cerine não conseguia decidir. Ela só pôde se sentir grata quando Liselle saltou de seu banquinho e, flutuando em uma nuvem de seda prateada, saiu do quarto. Assim que ela se foi, Cerine percebeu como a gargantilha ainda estava apertada. Ela levou a mão à garganta, lutando para respirar. — Por favor... — ela murmurou para uma das senhoras. — Você se importaria de afrouxar isso para mim?

A senhora fez o que ela pediu e estava apenas exclamando que a gargantilha estava mesmo muito apertada e havia deixado uma marca na pele de Cerine, quando a porta se abriu novamente. O duque d'Aldreda entrou no quarto.

Cerine reprimiu uma maldição.

O duque cruzou o espaço para o espelho sem uma palavra ou um olhar para qualquer um, com os olhos fixos no reflexo de Cerine. Ela viu seus olhos vagarem para cima e para baixo, sua testa franzida em uma linha crítica. Ele próprio estava perfeitamente arrumado, com um gibão ainda mais fino do que o que usava quatro anos antes, o cabelo vibrante penteado em um topete alto que emprestava mais altura a seu corpo esguio.

— Onde estão os brincos? — ele perguntou abruptamente, virando-se para uma das damas que esperavam.

— As orelhas dela não são furadas, Sua Graça. — Uma das senhoras respondeu.

— Então, perfure-as.

Os olhos de Cerine se arregalaram de surpresa. Mas, felizmente, uma das senhoras protestou por ela, declarando que as orelhas recém furadas não deveriam carregar brincos tão grandes, que sangrariam muito e estragariam seu vestido.

Os lábios do duque se curvaram com desgosto. — Faça algo a respeito, então. — disse ele, apontando para o couro cabeludo tosquiado de Cerine.

Mais duas senhoras avançaram, carregando o enfeite de cabeça elaborado e os véus. Sem cabelo para prendê-lo, elas tiveram que prendê-lo sob o queixo de Cerine. Ela odiava, mas o duque, após examinar o resultado final, suspirou e murmurou: — Vai ter que servir. — Ele se virou para encarar Cerine pela primeira vez. De pé em seu banquinho, ela era quase alta o suficiente para encará-lo nos olhos.

— Você honra a Casa de Aldreda. — disse ele. — Você honra a memória de sua irmã.

Cerine balançou a cabeça lentamente, com cuidado para não perturbar os véus. — Não acho que Fayline veria dessa forma.

Seu pai se ergueu mais alto. Seu rosto endureceu e sua mandíbula cerrou. Ele deu um passo mais perto, trazendo seu rosto perto do dela.

— Você vai fazer isso por mim. — Ele sibilou. — Você é a última da minha casa. Você será a mãe dos reis. Meu sangue fluirá nas veias da descendência do Príncipe Dourado. Meu sangue determinará o curso da história.

Cerine recusou-se a desviar o olhar do pai, recusou-se a recuar, recusou-se até a piscar. Ela viu o desespero transbordando logo atrás do aço de sua determinação. Ele imaginava que esse casamento dela de alguma forma lavaria

as manchas de sua escravidão anterior? Ele acreditava que esse triunfo desfaria a vergonha que ele sofreu como brinquedo de Inren di Karel?

Talvez ele tenha visto como ela lia sua mente. Talvez ele percebesse o quanto ela sabia de sua história secreta, uma história que ele havia procurado obliterar nos últimos vinte anos. Seu rosto pálido enrubesceu de raiva repentina. Ele saiu do quarto sem dizer outra palavra ou olhar para ela. Cerine ficou olhando para seu reflexo quase irreconhecível no espelho.

CAPÍTULO 12

A filha do padeiro parou a carroça puxada por burros. Ela ergueu o nariz e seus olhos se arregalaram. Sua cabeça se inclinou ligeiramente para um lado. Dentro deste novo corpo hospedeiro, seus sentidos não naturais clamavam, ainda se ajustando aos limites desses membros estranhos.

Sem todas as cerimônias e procedimentos adequados, o salto corporal costumava ser uma atividade feia. Mas Ylaire tinha feito isso com tanta frequência agora, que ela quase fez uma forma de arte disso.

Canalizando os sentidos de sua sombra com cuidado, ela controlou esta nova hospedeira bem o suficiente. À frente, seus olhos mortais viam apenas mais da estrada pavimentada reta que levava aos portões do Castelo Dunloch, mais dos jardins bem cuidados e parecidos com um parque que cercavam a casa do Príncipe Dourado. Mas suas percepções de sombra detectaram algo mais.

Um feitiço de música. Uma barreira.

Ylaire praguejou, cuspiendo as palavras para o ar. Ao lado dela no carrinho, a pequena Nilly du Bucheron estremeceu e baixou a cabeça. A frente do vestido da criança ainda estava manchada com gotas de sangue do corpo hospedeiro da velha camponesa, que agora estava escondido em uma vala a quatrocentos metros atrás.

A bruxa lançou um rápido olhar para a garota, então se concentrou mais uma vez. Ela não deveria se surpreender com a presença de um feitiço de barreira. Os venadores seriam cautelosos em um dia como este, mesmo se eles realmente acreditassem que Inren estava morta.

Lambendo os lábios carnudos de sua anfitriã, Ylaire considerou. Ela poderia esperar, é claro. Sem dúvida, uma vez que os convidados do casamento saíssem de Dunloch, uma vez que o rei voltasse para sua fortaleza e o príncipe e sua nova noiva tivessem partido em sua jornada de casamento, a barreira seria baixada mais uma vez. Ela poderia esperar até então. Ela esperou todo esse tempo. O que seriam mais alguns dias? Mais algumas semanas?

Muito. Mesmo mais algumas horas seriam muito tempo.

Ela precisava encontrar Inren. Agora.

— Fique aqui. — Ylaire rosnou para a garotinha, sua voz soando estranha em seus ouvidos, saindo daquela boca jovem. Era tão bom estar em um corpo jovem de novo! No passado, ela teria desprezado usar uma moldura tão rude e caseira, mas agora a força e a saúde desses membros sólidos pareciam gloriosas.

Ela desceu da carroça e conduziu o burro para fora da estrada, escondendo o animal, a carroça e a menina atrás de uma sebe densa. — Vou demorar algumas horas. — disse ela. — Tem comida na parte de trás. Coma se estiver com fome. Mas não saia desta carroça, está me ouvindo?

Nilly acenou com a cabeça, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ylaire fez uma breve pausa para considerar, então enfiou a mão no bolso de seu vestido e retirou a âncora de oblidite. Se Inren estava, como Ylaire suspeitava, em algum lugar do outro lado daquela barreira, ela precisaria de uma âncora deste lado para escapar. Ylaire pressionou a bugiganga nas mãos de Nilly. — Segure-se nisso. — disse ela. — Não solte ou seja vista.

Nilly agarrou a âncora com as duas mãos pequenas. Por trás de suas lágrimas, seus olhos brilharam com a luz da sombra enquanto sua sombra

olhava de dentro dela. — *Eu vou cuidar da criança, senhora.* — Ele disse, falando pela boca de Nilly.

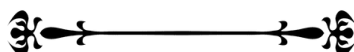
— Bom, Rasanala. — respondeu Ylaire. — Não a deixe fugir. A menos que eu esteja muito enganada, vamos precisar dessa rota de fuga.

Ela os deixou escondidos e rastejou pelos terrenos do castelo, avançando furtivamente para aquele portão. Ela esperava ser capaz de passar despercebida pela ponte enquanto usava este novo corpo e, assim, obter acesso ao castelo através das cozinhas. Agora, no entanto, quando ela se aproximou do portão, esse plano desmoronou em seus ouvidos. A barreira de feitiço era muito forte para ela penetrar, a menos que ela tentasse um feitiço muito grande envolvendo muito sangue, mais do que ela poderia dispensar. E um feitiço tão grande chamaria a atenção dos venadores do outro lado da barreira.

Ela espiou por uma cortina de galhos de salgueiro em direção ao portão à frente. Um venador montava guarda na entrada, inspecionando cada alma em busca de entrada naquele dia. Não qualquer venador, mas um jovem alto de pele escura e olhos azuis brilhantes.

Um sorriso torceu os lábios de Ylaire. — O destino ainda está conosco. — ela sussurrou por entre os dentes.

Então a filha do padeiro saiu do esconderijo e se aproximou dos portões de Dunloch a pé.



Ayleth abriu a janela, a trança caindo sobre o ombro enquanto ela olhava para o chão lá embaixo. Sua respiração ficou presa na garganta. Ela realmente havia descido por esse caminho na noite passada no escuro? E antes disso, dias atrás, meio drogada, para arrancar armas do corpo de um venador morto? Ela

deve estar um pouco louca para ter feito qualquer uma dessas tentativas. Mas ainda...

Ela ergueu o olhar para a estrada circular branca, então além da ponte, através das águas do lago até a margem oposta. Lá ela viu pavilhões com cortinas pontilhando os fundamentos formais de Dunloch, onde aqueles entre os convidados do príncipe não eram nobres o suficiente para merecer quartos dentro da fortaleza em si, atualmente acampavam em semi-luxo. Qualquer um que fugisse do castelo teria que percorrer um caminho por aquela pequena cidade de cortinas de veludo e tapetes de pele.

Primeiro, no entanto, ela teria que encontrar um caminho para atravessar a barreira da música.

Ayleth aguçou os olhos, tentando pegar um vislumbre do cinto mágico com sua visão sombra. Mas com Laranta ainda profundamente reprimida dentro dela, não importa o quanto tentasse, Ayleth podia discernir nem mesmo o menor traço do feitiço que ela sabia que deveria agora cercar Dunloch. A única forma possível era através do próprio portão.

No entanto, se ela não estava muito enganada, era Terryn vigiando no portão. Ela não podia dizer com certeza daquela distância; seu capuz protegia seu rosto. Mas ela reconhecia sua postura e a postura de seus ombros. Ele parecia estar inspecionando pessoalmente cada alma que passava por aqueles portões.

Assombrados, maldito seja tudo! Rangendo os dentes, ela se inclinou um pouco mais para fora da janela, considerando suas o...

— O que você acha que está fazendo?

Ayleth gritou e quase perdeu o controle quando Everild irrompeu no quarto. A venatrix mais velha cruzou o chão até a janela em um piscar de olhos,

agarrando Ayleth por um punhado de camisa de linho e sua longa trança. — Volte para dentro, sua lunática maluca!

— Não posso ir a um baile! — Ayleth gemeu ao ser puxada de volta para o quarto. Laranta rosnou dentro dela, mas os feitiços de supressão a mantiveram abaixada. Quando Everild jogou Ayleth em uma pilha no chão, ela sibilou quando uma dor aguda percorreu os cortes curados em seu torso. Ela franziu o cenho furiosamente para a venatrix mais velha. — Deve haver algum engano!

Everild fez uma careta de volta. — Não há engano. Ordens do príncipe. Senhora di Martin chegará a qualquer momento para ajudá-la a entrar em algum tipo de ordem. A deusa sabe, ela terá um trabalho difícil!

Enquanto Ayleth lutava com dificuldade para se levantar e puxava a camisa amarrotada no lugar, Everild voltou para a janela e fechou-a com tanta violência que Ayleth quase esperou que o vidro se espatifasse. A venatrix mais velha se virou para ela e apontou para a cama. — Sente. Até que Senhora di Martin chegue, você não vai a lugar nenhum.

Everild assumiu uma posição de guarda entre Ayleth e a porta, braços cruzados, rosto fechado. Caída na beira da cama, Ayleth curvou os ombros em derrota. Parecia que nada menos que um milagre poderia salvá-la de ir a este baile. Os minutos se arrastaram em um silêncio doloroso. Várias vezes ela debateu se tentaria atrair a venatrix para uma conversa. Não que ela particularmente gostasse de uma onda de conversa fiada. Mas ela não teria se importado de ouvir outras vozes além daquelas dentro de sua cabeça.

Seus pensamentos giravam como uma tempestade, exacerbados pela proximidade do quarto. Ela continuou vendo o rosto ferido de Gerard, seus sorrisos falhando em mascarar seu desgosto. Ela continuou vendo o lampejo de horror que ela vislumbrou nos olhos do Rei Gardin. Ela não parava de

sentir a mão poderosa de Fendrel forçando-a a deitar-se na cama, mesmo enquanto a sombra dele mantinha Laranta presa e indefesa.

Ela continuava vendo o brilho de uma moldura dourada, a luz de velas tremeluzindo nas bordas enquanto ela se abria em uma dobradiça... e uma entrada para a escuridão além...

Ela baixou a cabeça e pressionou o rosto nas mãos, os cotovelos afiados sobre os joelhos. Ela não pertencia aqui. Muitos mistérios a rodeavam, muitas histórias bizarras e cruzadas, nenhuma das quais ela entendia. E sua própria história era a mais confusa de todas! Ela deveria ter fugido quando teve a chance na noite passada, deveria ter derrubado Terryn, arrastado para as sombras e o deixado inconsciente enquanto ela encontrava um cavalo e fugia de volta para as montanhas e a liberdade...

A porta se abriu. Uma voz brilhante, semelhante a um sino, disse: — Finalmente estou aqui! Desculpe o atraso. Senhora Cerine precisou da minha ajuda, mas estou pronta para um novo desafio. Onde está a venatrix?

Ayleth ergueu os olhos e teve uma visão de cachos dourados e sedas prateadas entrando no quarto, seguida por cinco criadas, com os braços cheios de coisas espumosas. Com babados.

Alguns passos dentro do quarto, Senhora Liselle parou bruscamente, seus olhos se arregalando enquanto eles lentamente observavam Ayleth, de sua trança desgrenhada e camisa de linho solta, até suas calças mal ajustadas e pés descalços sujos. A personificação de todas as coisas rudes e pouco femininas.

Ayleth devolveu o olhar carrancudo e não ofereceu nenhuma saudação.

— Veja sua tarefa, minha senhora. — Everild disse ironicamente. — E que a Deusa tenha piedade de sua alma.

— Ora vamos. — A adorável mulher deu mais alguns passos, fez uma pausa e pressionou um dedo pensativo sobre os lábios. — Hum. Já vi coisas piores. — Ela decidiu finalmente.

— Pior que o quê? — Ayleth rosnou. Mas então a principal criada espalhou algo na cama, e montes de seda vermelha capturaram inteiramente a atenção de Ayleth. Seda brilhante, vermelho-sangue, que brilharia como um farol mesmo nas noites mais escuras. Outra criada colocou algo que parecia uma gaiola na cama ao lado, mas pela forma vagamente feminina da parte superior, Ayleth imaginou que ela deveria usá-la.

Sua boca abriu. Pondo-se de pé, ela foi até a estranha crinolina e cutucou-a com um dedo. Quando a serviçal deu um tapa em sua mão, Ayleth puxou-a de volta e apertou-a contra o peito. Evitando os olhos da bela senhora de cabelos dourados, ela se virou para o rosto impassível de Everild. — Eu não sei como...? Eu deveria...? Você não pode realmente esperar que eu...

— Não se preocupe. — Senhora Liselle se aproximou de Ayleth e segurou seu braço com firmeza. — Estou aqui para ajudar. Posso colocar você em tudo isso e, se necessário, posso ajudá-la a desistir novamente... a menos que você encontre alguém mais interessante para ajudá-la, é claro! — Ela seguiu com uma risadinha sugestiva que enviou uma onda de calor subindo pelo pescoço e bochechas de Ayleth.

A senhora então deu-lhe um beliscão provocador, arrastou-a para o meio do quarto e chamou as criadas para ajudá-la a despir Ayleth. Ayleth lançou um olhar implorante para Everild, mas a venatrix de coração frio cruzou os braços e assumiu uma indiferença de estátua. Apenas a mais leve sugestão de um sorriso no canto de sua boca traia sua diversão.

As mulheres puxaram a camisa de Ayleth pela cabeça e Senhora Liselle se posicionou na frente dela. Ao observar o torso de Ayleth, suas lindas

sobrancelhas franziram em consternação. Os cortes superficiais de adaga praticamente cicatrizaram, deixando cicatrizes feias e enrugadas. — Oh, doces santos acima. — A senhora disse, batendo os lábios novamente, pensativa. — É uma pena que a moda seja para decotes tão abertos. Eu quase gostaria de adicionar um pouco de cobertura de renda, mas não podemos deixar você parecendo a avó de alguém, podemos?

— Eu realmente não me importaria. — disse Ayleth rapidamente, seus olhos disparando novamente para os montes de seda vermelha. Pela primeira vez, ela percebeu como o decote era aberto. Se *decote* fosse mesmo a palavra para isso!

— Mas eu me importo. — respondeu Liselle. Ela estalou os dedos autoritários, e as criadas, entendendo algum código que Ayleth não conseguia decifrar, a engolfaram em uma enxurrada de atividades. Elas soltaram o cabelo dela da trança e a colocaram em um banho que pareceu surgir por puro milagre. Ayleth não conseguia se lembrar da última vez em que se banhou, não um banho totalmente submerso. Quem tinha tempo para tais luxos quando havia circuitos para cavalgar e caçadas para seguir?

Pelos murmúrios das criadas e pelo tsk tsk de Senhora Liselle, fazia muito tempo desde o último. Ela foi ensaboada, esfregada, raspada e esfregada dentro de uma plegada de sua vida. E esses procedimentos eram apenas preliminares. Depois de puxar seu corpo gotejante do banho, envolver seu cabelo molhado e enxugar seus membros, elas começaram a encharcá-la com aromas, pomadas e unguentos que eram tão viscosos na pele que ela estremeceu ao toque.

— Do que, em nome da Deusa, isso é feito? — ela exigiu enquanto uma senhora esfregava agressivamente algo em suas bochechas.

— Excremento de caracol. — Senhora Liselle respondeu alegremente, segurando uma garrafa de cristal lapidado para que capturasse o resto da luz do sol poente. — Eu comprei de um comerciante Suurian. Tão rejuvenescedor. Eles alimentam os caracóis com folha de ouro, e seus excrementos dão à pele um brilho grande! Muito caro. Dizem que a esposa favorita do imperador de Suuria toma banho duas vezes ao dia.

— Você está esfregando fezes de caracol no meu rosto? — Ayleth lançou a Everild outro olhar desesperado. A venatrix estava definitivamente rindo agora, escondendo a boca atrás da mão.

Duas mulheres agarraram as mãos de Ayleth; mais duas reivindicaram seus pés. Elas pegaram, cutucaram e pintaram enquanto a quinta mulher atacava seu cabelo com pentes e pincéis afiados. Alguém aqueceu ferros no fogo, e Ayleth observou horrorizada enquanto longas tiras de seu cabelo eram enroladas em volta deles, transformadas em cachos não naturais. Ela não ousou se afastar por medo de inadvertidamente se marcar.

Enquanto as mulheres se dedicavam a esses trabalhos, Senhora Liselle começou a trabalhar com pastas, cremes e pós, disfarçando as cicatrizes nas clavículas de Ayleth e até mesmo aquela que cortava entre seus seios. Os olhos de Ayleth giraram de lado para a criação em vermelho novamente. Quão profundo era aquele decote?

Logo chegou a hora de descobrir.

O processo não poderia ser uma simples questão de mudança, anágua e vestimenta, é claro. Não, não. Era um vestido de baile, uma invenção de grande complexidade. A roupa torturante para a qual Ayleth não tinha nome estava amarrada na cintura, suspensa sobre as pernas e parte traseira em uma gaiola de osso e seda. Outros itens foram afixados a esta gaiola, criando ainda

mais volume, e então algo foi deslizado ao redor de seu torso e amarrado com tanta força que ela teve que ofegar a cada respiração.

— Você... oof! ...não pode estar falando sério! — ela protestou. — Como vou fazer alguma coisa se estou sufocando lentamente?

— Você não deve fazer nada. — Everild respondeu secamente. — Você deveria se levantar e ser honrada. E não envergonhar ninguém na frente do rei.

Liselle zombou e lançou à venatrix mais velha um olhar de desaprovação. Então ela sorriu para Ayleth, dando tapinhas em seu ombro nu de forma encorajadora. — Não se preocupe; os laços vão se afrouxar um pouco enquanto você dança. Você vai ficar bem.

— Eu deveria dançar?

Laranta, sentindo a aflição de Ayleth, agitou-se fortemente dentro dela, avançando em direção à vanguarda de sua mente. Liselle se virou, alheia, dando ordens às mulheres para ajudá-la com o vestido, mas Everild deu um passo mais perto e colocou um tubo Vocos na mão de Ayleth.

— Sua sombra precisa ser completamente suprimida. — Ela rosnou. — Você vai hoje à noite como uma convidada, não uma venatrix. Se eu sentir o mais leve sopro de sombra em você, vou atirar em você pessoalmente e deixá-la ficar paralisada no meio da pista de dança.

Ayleth quase retrucou que preferia muito mais isso do que dançar, mas algo no olho da venatrix a fez fechar a boca e aceitar os tubos. Everild levantou a mão e as mulheres que esperavam recuaram enquanto Ayleth tocava várias variações da Canção de Supressão.

Não me mande embora, senhora, implorou Laranta enquanto o feitiço a envolvia com força, arrastando-a mais para baixo do que antes. *Deixe-me ficar. Deixe-me estar perto. Eu ajudo, eu ajudo!*

— *Você não pode me ajudar esta noite, Laranta.* — respondeu Ayleth, dando um toque final à melodia. — *Ninguém pode.* — Acrescentou ela tristemente.

O feitiço da música arrastou Laranta ainda mais para a floresta de pinheiros de sua mente, além da consciência de Ayleth. Sentindo-se subitamente muito sozinha, Ayleth fechou o Vocos de duas cabeças e o devolveu a Everild sem dizer uma palavra. Cerrando o queixo, ela enfrentou as mulheres enquanto levantavam o vestido da cama.

Foram necessários três delas para manipulá-lo sobre sua cabeça, e mais três para organizar as camadas de babados e pregas sobre a gaiola em que a haviam prendido. Usando uma espécie de gancho que lembrava muito a Ayleth os implementos de ossos, elas começaram a puxar laços por meio de laços minúsculos e prender coisas com o mais minúsculo dos botões.

Ayleth encolheu os ombros desconfortavelmente e puxou uma manga, tentando puxá-la para o lugar. As mulheres soltaram um suspiro coletivo e uma delas praguejou violentamente. — *Deixe isso pra lá!* — Senhora Liselle disse, dando um tapa na mão de Ayleth com uma ameaça real.

— *Mas... mas não está certo.* — disse Ayleth. Em seguida, acrescentou com uma sensação repentina de afundamento. — *Está?*

— *Essas mangas estão exatamente onde deveriam estar, e nenhum puxão vai mudar isso. Você só vai rasgar o vestido.*

Ayleth olhou para baixo, horrorizada. As mangas não caíam em seus ombros. Deusa que diabos, elas mal conseguiam subir até a metade de seus braços! Uma faixa de renda vermelha se agarrava firmemente em seus bíceps apenas para sair dos cotovelos em uma longa cascata de espuma vermelha enfeitada com mais renda vermelha. O corpete do vestido se agarrava aos seios, mas pouco fazia para ocultá-los. Ayleth de repente torceu para que as

mulheres conseguissem apertar ainda mais os laços infernais, porque, Deusa ajude-a, ela não queria que as coisas caíssem em momentos desfavoráveis!

E ela deveria aparecer em público assim?

— Eu não poderei passar por uma dama. — Ela murmurou enquanto as criadas afixavam um capacete com alfinetes em seu couro cabeludo. Daquela tiara de tecido vermelho, um véu longo e transparente caia sobre seus cabelos, que elas arrumavam em cachos soltos pelas costas. — Eu não serei capaz de me mover nesta coisa. Muito menos dançar ou me curvar ou...

— Reverenciar. — Liselle corrigiu. — Você faz uma reverência em um vestido como este. Você certamente não se curva! — Ela pegou a mão de Ayleth e apertou-a. — Você ficará surpresa com a facilidade com que pode se mover. Dê uma chance.

Uma das mulheres tossiu. Quando Ayleth olhou em sua direção, ela viu um espelho alto que um deles havia produzido em algum esconderijo secreto. Pegando as saias, Ayleth deu um passo. Para sua surpresa, ela não caiu imediatamente de cara. Ela se atreveu a dar outro passo, e a enorme engenhoca se mexeu, quicou e de alguma forma flutuou pelo chão.

Hesitante, ela se aproximou do espelho, não totalmente certa de que queria encontrar o olhar da jovem refletido ali. Ela fixou os olhos em seus pés refletidos. Pés calçados com sapatos macios de seda preta que mal apareciam por baixo da bainha. Ela lentamente ergueu o olhar, notando como a estrutura do vestido a fazia parecer cinco vezes mais larga do que realmente era.

Ela olhou mais alto e estremeceu. A quantidade abundante de pele em exibição era chocante. Mas, novamente, ela não tinha seios fartos, então não era tão chocante quanto poderia ter sido. Ela tinha que se conter para não tentar puxar as mangas para o que ela sentiu que deveria ser o seu devido lugar. Com um olhar de advertência de Senhora Liselle, ela as deixou em paz.

Por último, ela olhou seu rosto. Para seu alívio, ainda era seu próprio rosto. De alguma forma, ela meio que se perguntou se essas mulheres com seus estranhos poderes conseguiriam mudar suas feições. Mas, embora parecesse significativamente mais limpa, ainda era basicamente ela. Sobrancelhas escuras unidas sobre olhos igualmente escuros. Sua pele brilhava com uma pomada de ouro de caracol, e suas bochechas tinham um saudável rubor rosado.

Ayleth fez uma careta. — Eu pareço uma visão.

Senhora Liselle jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. — Minha querida, você parece uma visão! Ora, você iria agraciar as cortes de Telianor esta noite. E você é uma heroína! Os jovens estarão se reunindo, positivamente reunindo-se, eu lhe digo.

— A deusa me ajude. — Sussurrou Ayleth, sentindo-se repentinamente tonta.

CAPÍTULO 13

— Você está atrasada! Meu mestre esperava por você uma hora atrás! — gritou a empregada ao sair correndo pelo quintal da cozinha para cumprimentar a filha do padeiro. Punhos plantados ameaçadoramente em seus amplos quadris, ela fez uma careta para a jovem entregadora. — Isso vai custar a seu pai. — Declarou ela. — Não pagaremos o preço total pelos doces atrasados. — Sempre antes, a filha do padeiro dirigia seu carrinho direto para o quintal da cozinha.

— Onde eles estão? — A empregada da cozinha pressionou por uma resposta. — Você perdeu toda a carreta?

A garota irresponsável apenas deu de ombros e apontou para a galeria em arco que passava sob a ala oeste. Uma trilha de cascalho que conduzia ao lado oeste da ilha e através do túnel permitia as entregas direto para a porta da cozinha.

— Por que no Assombrados você os deixou lá atrás? Sua carroça perdeu uma roda ou algo assim? — a empregada exigiu.

A filha do padeiro apenas deu de ombros novamente e se virou para voltar pelo túnel, movendo-se um pouco instável. Ela provavelmente havia mergulhando na cerveja da Consagração um pouco mais cedo, a pequena vagabunda.

A empregada da cozinha ergueu as mãos e o seguiu a trote. — O quê, sem desculpas? — ela chamou. — Sem desculpas? Seu pai vai te esconder quando descobrir. — A garota a conduziu através do túnel ecoante e ao longo da estrada de serviço da linha costeira até um trecho isolado da trilha entre um

muro de contenção de pedra de um lado e um declive para a margem do lago ladeado de salgueiros do outro. — A que distância está a sua carroça, sua garota idiota? — a empregada bufou.

A filha do padeiro se virou para encará-la mais uma vez. Não havia sinal de carroça ou pastéis em lugar nenhum. A empregada da cozinha parou abruptamente, abrindo a boca para praguejar, mas as palavras morreram em sua língua ao ver o que a filha do padeiro segurava em suas mãos.

O sangue manchava a ponta de uma adaga comprida.

Os olhos da empregada se arregalaram. — O que...

Um grito curto e agudo ricocheteou na parede de pedra do outro lado do lago, engolido pelo vento. No instante seguinte, a empregada correu de volta pela trilha em direção ao castelo. Um respingo de sangue manchou seu corpete, seu pescoço, sua bochecha. Ela abriu a boca para gritar novamente, para gritar por socorro.

Então ela parou. Seu corpo cedeu, relaxou, respirando profundamente várias vezes.

Minutos depois, a empregada entrou no quintal da cozinha.

— Issie? — uma voz chamou, e Gorde, o lacaio, apareceu na porta da cozinha. — Issie, há algo errado?

A empregada ergueu os olhos para ele e sorriu, mostrando todos os dentes. — Não, está tudo bem! — ela disse.

— Os pastéis que faltam já chegaram?

— Não. Nem sinal da garota do padeiro também. — respondeu ela, sacudindo a cabeça.

Ela deu um passo e cambaleou pesadamente. Gorde correu para o lado dela e segurou seu cotovelo, falando enquanto a ajudava em direção à porta.

Ninguém, nem mesmo os guardas nas ameias, viu o corpo da filha do padeiro flutuando de bruços sob os ramos de salgueiro que se arrastavam, as ondas batendo suavemente em vermelho com o sangue de uma ferida aberta em sua garganta.



Assim que teve certeza de que Ayleth estava apresentável, Everild saiu para finalizar os preparativos para a segurança da noite. Quando Ayleth perguntou, a venatrix respondeu brevemente que ela, Fendrel e Terryn compareceriam às festividades de uniforme, misturando-se à multidão, mas mantendo um olhar atento a qualquer sinal de presença de sombra. Nenhum problema era esperado; nenhuma indicação foi encontrada de que a Bruxa Fantasma estava trabalhando com alguém, e nenhuma presença de sombra foi descoberta em um raio de trinta quilômetros de Dunloch. E, é claro, o feitiço de barreira impediria a entrada de qualquer pessoa que não fosse verificada pessoalmente por um dos evanderianos.

Ainda assim, não faria mal ser cauteloso.

Ayleth desejou, desejou desesperadamente, que ela estivesse de uniforme. Ela se lembrou da conversa que ouviu entre Fendrel e Terryn na noite anterior. Fendrel ordenou que Terryn fosse sua escolta à noite. Essa ordem ainda está de pé? Ela seria forçada a suportar a presença desdenhosa de Terryn durante as próximas horas torturantes?

Como ele riria ao vê-la! Bem, não rir, exatamente. Terryn de olhos frios provavelmente não sabia o significado da palavra. Mas ele certamente faria uma dúzia ou mais de comentários zombeteiros.

Ayleth se virou para o espelho, observando os montes de tecido, o enfeite de cabeça, as mangas ridículas e onduladas. Ela estava sozinha no quarto sem ninguém para impedi-la, então...

Com uma carranca, ela segurou primeiro um folho da manga, depois o outro. Eles saíram pelas costuras em torno de seus cotovelos com bastante facilidade. O resultado foram mangas vermelhas justas até os cotovelos, mas sem as ridículas asas batendo. Ela já se sentia melhor. Mas não o suficiente.

Caminhando por montes de seda vermelha, Ayleth conseguiu acessar as tiras que prendiam a gaiola de roupas íntimas em volta da cintura. Algumas tentativas desastradas e toda a engenhoca caiu no chão. Ayleth saiu. As camadas e mais camadas de seda agora pendiam de seus quadris até o chão como uma cachoeira vermelha, em vez de balançar ao redor dela como uma bexiga de porco inflada. Talvez não estivesse na moda, mas ela realmente não se importava.

Nada poderia ser feito sobre o decote profundo ou a cor berrante. Mas depois que ela arrancou o cocar de seu cabelo e o jogou para se juntar à gaiola e aos babados da manga, ela sentiu como se tivesse recuperado um pequeno controle sobre sua vida.

Ela esperou o máximo que ousou antes de finalmente abrir a porta, meio que se perguntando se Terryn estaria esperando do lado de fora, pronto para cumprir seus deveres como escolta. Ninguém estava lá, entretanto, então ela saiu para a passagem, arrastando dobras do vestido vermelho em seu rastro. Rastejando ao longo da passagem, ela se abaixou para um lado e se pressionou contra a parede sempre que grupos de convidados reais passavam em seus trajes ricos. Alguns deles lançaram seus olhares curiosos de passagem, mas graças à Deusa, ninguém tentou falar com ela.

Ela progrediu dessa maneira hesitante e hesitante até que finalmente chegou ao corrimão aberto que dava para o salão de entrada. Lá embaixo, tudo estava iluminado a ouro brilhante por mil velas refletindo nas joias das senhoras e nas fivelas brilhantes dos cavalheiros. Os lindos convidados do casamento circulavam em um denso farfalhar de saias, murmurando conversas educadas enquanto esperavam o início oficial da cerimônia da noite.

Ayleth piscou várias vezes. De alguma forma, ela não conseguia tirar de sua memória a visão de seis dias atrás, quando ela olhou deste mesmo esconderijo para este mesmo vasto espaço. Então, em vez de convidados sorridentes em trajes sofisticados, o chão estava lotado de reféns encolhidos de medo. E a Bruxa Fantasma tinha andado para cima e para baixo entre eles, pronta para matar qualquer um que olhasse para ela do jeito errado.

Mas a bruxa estava morta. Ayleth fechou os olhos com força, virando a cabeça. Quando ela olhou novamente, ela forçou aquelas visões dentro dela. A bruxa estava morta. O príncipe estava seguro. E ela estava aqui como uma convidada, não uma venatrix.

Com uma repentina fanfarra de trombetas, Ayleth se abaixou ainda mais atrás de seu pilar, com o coração batendo forte, e olhou em volta do mármore bem a tempo de ver uma procissão abrindo caminho em direção à escada da ala oeste, em frente a seu esconderijo. Belas damas vestidas de ouro lideraram o caminho, seguidas por um grupo de freiras Siveline com capuzes azuis. Por último, veio a figura alta do duque d'Aldreda, inconfundível com seu cabelo ruivo elegantemente penteado. E em seu braço não poderia estar ninguém menos que a noiva do príncipe, a própria Senhora Cerine.

Ayleth estreitou os olhos. Então ela quase engasgou com um suspiro. — A novata! — ela sussurrou. De todas as pessoas, era a mesma garota de rosto pálido que ela resgatou nas ruínas de Cró Ular. Aquela que ajudou em sua

batalha contra a bruxa. Ela tinha sido a noiva pretendida de Gerard o tempo todo? Bem, isso explicava algumas coisas.

Mas... Ó Deusa acima! Quantas vezes e de quantas maneiras ela conseguiu fazer papel de boba na frente desta senhora? O constrangimento queimou as bochechas de Ayleth, e ela ficou grata pelo pilar para se esconder atrás.

Gerard esperava ao pé da escada, vestido com um terno branco com detalhes dourados de algum tipo, suas vestes combinavam perfeitamente com as de Senhora Cerine. Um elegante diadema cravejado de diamantes e um véu cobriam a cabeça da noiva, e ela certamente não parecia mais um escriba do templo. Ela parecia uma verdadeira princesa, de porte real e régio.

Ayleth observou o duque conduzir a filha escada abaixo e entregá-la ao belo príncipe. Ela continuou a observar enquanto o príncipe conduzia sua noiva através da multidão dividida e a procissão seguia para as portas da frente, liderada por sacerdotisas e portadores de incenso. O próprio rei caminhava à direita de seu filho, e o Capuz Negro acompanhava o passo logo atrás. Eles passaram pelas portas e continuaram para a noite iluminada por tochas, descendo para as margens do Loch du Nóiv, onde a Consagração aconteceria.

Se Ayleth queria testemunhar, ela precisava se apressar. Mas a tentação de ficar onde estava era forte. Certamente Gerard não notaria sua ausência em meio a toda aquela companhia poderosa? Mas, embora Gerard não notasse, Everild certamente o faria. E ela viria caçá-la.

Com um suspiro, Ayleth se recompôs. Gostasse ou não, era hora de ser homenageada.

O saguão de entrada estava vazio quando ela fez seu caminho hesitante ao longo do corrimão em direção ao topo da escada. Todos os convidados

havam saído atrás da procissão de casamento. Talvez ela pudesse se esgueirar e ficar atrás da multidão a noite toda. Talvez depois de assistir a uma ou duas danças, ela pudesse até fugir. Com esses pensamentos reforçando sua coragem, Ayleth ajeitou a frente das saias e deu o primeiro passo para baixo. A escada parecia grande e perigosa, e ela teve uma imagem muito vívida de tropeçar e cair até o fundo.

Laranta, embora estivesse profundamente amarrada, pareceu sentir a imagem e soltou um rosnado baixo e risonho. — *Calma, você.* — Rosnou Ayleth de volta. Estendendo uma mão, ela agarrou o corrimão polido da escada. Um passo, dois.

Alguém se moveu para baixo. Embora devesse ter mantido o foco fixo no próximo degrau, Ayleth desviou o olhar quase contra sua vontade. Terryyn estava na base da escada, olhando para ela. Seus olhos estavam tão frios que ela sentiu seu olhar congelar sua pele. Toda sua pele. Toda sua pele terrivelmente exposta...

— Maldito Assombrados! — ela gritou quando seu pé agarrou a bainha de sua saia e ela cambaleou os próximos dois passos. Agarrando-se ao corrimão, ela sentiu os laços e os ossos do espartilho se esticarem e ouviu um rasgo revelador. Graças a Deus, ela removeu o enorme chassi! Certamente teria arruinado seu equilíbrio e a enviado ao chão abaixo. Ela se endireitou novamente, ajustou a queda de suas longas saias, então treinou uma feroz carranca na direção de Terryyn.

Ele não falou. Ele não se mexeu.

— *Você ficaria ridícula em um vestido de baile.*

A memória de suas palavras na noite anterior ecoou em seu ouvido. Ela sentiu sua pele queimando e só podia esperar que ele a confundisse com o brilho rosado lançado pela luz de velas. Recuperando sua dignidade o melhor

que pôde, ela continuou descendo a escada. Sua confiança aumentava a cada passo.

Quando ela chegou aos três últimos degraus, Terryn fez uma reverência com solene dignidade. O arco elegante de um cortesão, não o arco nítido e preciso de um venador. — Venatrix di Ferosa? — ele disse e ofereceu uma mão enluvada.

Ayleth olhou para a mão, sem fazer nenhum movimento para pegá-la. — O que? — ela exigiu. Sua mente traidora relampejou a memória daquela mesma mão pressionada contra a parte inferior de suas costas, segurando-a perto, tão perto que ela podia sentir a batida de seu coração. Mas ela se certificou de que nenhum traço desses pensamentos aparecesse em seu rosto quando ela ergueu o olhar para ele.

Uma sobrancelha escura se curvou. — É costume que uma senhora como você seja acompanhada em ocasiões formais. — Seus olhos focalizaram fortemente em seu rosto. Demasiado duro. Algo na intensidade de seu olhar a deixou muito mais ciente de toda a pele exposta para a qual ele se recusava a olhar. — Pareceu que você não conseguiria sem ajuda. — Acrescentou.

Ela deu os últimos três passos sem ajuda, olhando fixamente para a frente. Com o rabo do olho, ela pensou ter visto seus olhos se moverem para baixo e para cima novamente, mas ela não lhe daria a satisfação de perceber. — Você não tem um trabalho a fazer esta noite? — ela perguntou em uma voz tão fria quanto a dele.

Terryn respirou fundo pelas narinas. Então, antes que ela pudesse se esquivar fora de seu alcance, sua mão disparou, agarrou a dela e colocou-a sob o cotovelo. — Sim. — disse ele. — Meu trabalho é ficar de olho em você. E pretendo cumprir meu dever com o máximo de minhas habilidades.

Ela puxou, mas ele segurou firme. Ela poderia ter se libertado facilmente. Mesmo sem a força de Laranta, ela conheceu algumas voltas rápidas que o deixariam com o braço torcido e ofegando por misericórdia no chão. Mas Terryn inclinou a cabeça e sibilou em seu ouvido: — Pelo menos tente fazer o papel de uma dama. Pelo bem de Gerard.

Sua respiração fez cócegas em sua pele. A proximidade de seus lábios em seu ouvido enviou um choque direto para seu intestino. Por alguns instantes, ela não conseguiu pensar em nada. Sua mente se confundia com sensações repentinas e inesperadas, sensações para as quais ela não tinha nome.

Ela estremeceu e deu um passo para trás, deixando uma mecha de seu cabelo solto cair sobre o ombro como uma proteção frágil. Ele estava certo, é claro. Ela não conhecia os protocolos e expectativas de uma noite como esta. Terryn conhecia. Caberia a ela seguir seu exemplo. Mas ela precisava manter a cabeça no lugar, precisava manter uma certa distância entre eles.

— Tudo bem, du Balafre. — ela disse, sua voz um pouco mais alta e tensa do que o normal. — Lidere.

CAPÍTULO 14

Cerine estava grata pelo véu que usava sobre o rosto, por mais fino que fosse. Parecia uma proteção contra todos aqueles olhos vigilantes enquanto ela se movia na frente da procissão até as margens do lago. O sol já havia quase se posto, deixando apenas uma mancha de luz avermelhada ao longo do horizonte oeste em suas costas. A companhia do casamento estava voltada para o leste em direção à lua crescente e vermelha sobre as árvores. Ela lançava um brilho cintilante sobre a água, como um caminho para o próprio céu.

Ela sentiu o olhar de Gerard se desviar para o lado de seu rosto. A mão dela tremia em seu aperto, e embora ela quisesse se afastar, para se separar dele, ela dependia de seu apoio. Sem ele, seus joelhos se dobrariam e ela cairia em uma pilha vergonhosa.

A Avó Didienne, como suma sacerdotisa do Templo Siveline, conduzia os Ritos da Consagração. Embora a noite estivesse fria e ela precisasse da ajuda de duas sacerdotisas para ajudá-la, ela desceu direto para as águas do lago. Suas vestes elegantes envolviam seus joelhos gordos e trêmulos, e seu cocar elaborado balançava pesadamente a cada movimento que ela fazia. Mas a velha já tinha experiência com esse tipo de desconforto. Quatro anos atrás, ela havia pisado nessas mesmas águas iluminadas pela lua em uma noite igualmente fria. E ela acenou para Fayline até ela, assim como acenou para Cerine agora.

Cerine largou a mão de Gerard quando os dois se aproximaram da beira do lago e ficaram com a água batendo em seus pés. A ponta de seu vestido de noiva branco estava umedecida, mas ela não se importou. Ela também não

sentiu o vento frio soprando em seu rosto. Ela mal ouviu as orações que avó Didienne cantava por ela e pelo príncipe.

Em vez disso, a atenção de Cerine se concentrou naquele reflexo vagamente oscilante da lua.

Nesta noite, uma vez por ano, as águas do Loch du Nóiv tornavam-se o Poço Sagrado. Foi aqui que a Deusa disse ter descido do próprio céu para falar com sua primeira Rainha Sacerdotisa. E ela pegou a mão daquela jovem e colocou-a nas mãos de seu maior inimigo, o príncipe do reino vizinho, que havia jurado matá-la e a seu povo. A Deusa ordenou que eles se unissem em amor, unindo-se às suas nações. O príncipe, atingido pela glória da Deusa, ajoelhou-se naquelas águas e jurou lealdade a ela e a sua sacerdotisa. Assim, os dois reinos guerreiros tornaram-se um, e Gaulia foi formada. Por séculos depois, a tradição viu as Rainhas Sacerdotisas de Gaulia virem a Loch du Nóiv para serem ungidas no Consagração junto com aquelas consortes que escolheram para si mesmas.

As Rainhas Sacerdotisas não existiam mais. O tempo dos reis estava chegando, uma nova ordem sob a vontade da Divindade Mãe. Mas quando a Grande Sacerdotisa de Liane declarou que o filho de Gardin du Glaive se casaria nessa noite na encosta do Loch du Nóiv, todos ficaram satisfeitos com esse espelhamento de antigas tradições.

Então Cerine ficou no lugar de Fayline, aqui na margem do lago sagrado, onde quatro anos antes ela estava como parte da multidão, murmurando orações responsivas em uníssono com o resto da reunião. Agora, ela ouviu as respostas atrás dela e estremeceu como se ouvisse os sussurros ecoantes de fantasmas vindo do passado.

A cerimônia chegou ao fim. — Enfrentem-se, meus filhos. — disse a avó Didienne, gesticulando bruscamente com as mãos trêmulas.

Cerine voltou-se para o príncipe. Ele se vestia de branco, assim como ela, a cor tradicional de um casamento. Branco enfeitado com ouro, como convém ao Príncipe Dourado. O corte de seu gibão e o contorno de sua elegante meia capa faziam seus ombros parecerem ainda mais largos do que eram, e o cinto largo apenas enfatizava a beleza de sua cintura estreita. Seu cabelo, geralmente jogado sobre o rosto em cachos dourados de menino, estava penteado para trás, expondo sua testa larga e pálida e os ossos finos e bem definidos de suas bochechas e mandíbula. Ele parecia mais velho do que seus vinte e dois anos.

E por trás de seu sorriso ela podia ver a tristeza nunca distante.

Cerine baixou rapidamente o olhar e se concentrou no queixo dele. Mas ela sentiu a intensidade de seus olhos fixos nela.

Por fim, Mãe Didienne bateu palmas e entoou: — O que a Deusa acha adequado juntar, não deixem que nem a alma nem a sombra separem!

Cerine viu a mandíbula de Gerard apertar. Essas mesmas palavras foram ditas sobre ele e Fayline... e horas depois, enquanto dançavam em celebração de sua união, ela foi arrancada de seus braços, para nunca mais ser recuperada.

Mas a assembleia no gramado cantou *Amém* em coro, quase abafando o murmúrio de Didienne: — Agora alguém me tire deste lago. Onde está meu manto? — Os instrumentos sagrados começaram a tocar o hino solene ao qual Gerard levaria sua noiva de volta para dentro para o início das festividades. Gerard pegou a mão dela, mas ela apenas o deixou tocar as pontas de seus dedos enquanto se virava para enfrentar a multidão.

Ela chamou a atenção de seu pai. O duque d'Aldreda, com a boca sorrindo, o olho bom duro como pedra, proferindo injunções silenciosas a cada respiração.

Você tem um dever para com sua família.

Você deve honrar o voto de sua irmã.

Você tem um propósito nesta vida.

Legado de reis... promessa da Deusa...

Cerine ergueu o queixo e moveu-se ao lado de Gerard no meio da multidão. Eles passaram de volta para um castelo aceso com centenas de velas moldando as molduras e as janelas em uma névoa dourada. Guirlandas de flores de papel os guiaram pelas passagens para o próprio salão de baile. As portas ficaram escancaradas para recebê-los e Cerine ouviu os acordes dos músicos aquecendo seus instrumentos.

Eles entraram no salão sob os lustres forjados de ouro cintilantes, suas imagens refletidas no alto polimento do piso incrustado. Cerine fez uma pausa junto à porta. Em sua mente brilhou uma memória muito recente: a memória de sua irmã dançando no meio daquele chão, sua cabeça jogada para trás de tanto rir.

Então sangue.

Então gritos.

E um raio de escuridão pura e venenosa.

— Cerine? — Uma voz gentil a chamou de volta ao presente.

Assustada, Cerine piscou e se forçou a encontrar o olhar de Gerard.

— Você me daria a honra de uma dança? — ele perguntou. Seu sorriso era tão doce como um amanhecer de primavera.

Cerine acenou com a cabeça sem palavras, mas não conseguiu encontrar forças para responder ao seu sorriso com um sorriso. Sentindo seu desconforto, Gerard pegou as mãos dela, apertando suavemente enquanto a conduzia para o meio do salão.

— Está tudo bem. — Ele sussurrou. — Nós apenas temos que passar pela primeira dança. Isso é tudo.

Os convidados entraram no salão, forrando as paredes, preenchendo os espaços entre os castiçais altos e as mesas de refrescos. Cerine sentiu o peso dos olhos deles sobre ela. Como ela ansiava pela quietude bolorenta do scriptorium do templo! Como ela ansiava pelo conforto de proteção de seu capuz de noviça. O fino véu que ela usava sobre o rosto não oferecia proteção real contra todos aqueles olhos.

Uma música começou a tocar, cadenciada e doce. Gerard colocou a mão em volta da cintura dela, conduzindo-a no primeiro padrão pelo chão. Suas saias farfalhavam suavemente sobre seus pés, disfarçando quantos passos ela perdeu enquanto seguia o exemplo de seu príncipe. Já fazia tanto tempo que ela não dançava! Mas Gerard, gracioso como uma lufada no ar, conduziu-a agilmente, compensando suas deficiências com sua experiência.

Com o primeiro padrão completo, Gerard moveu Cerine para o segundo, o que os aproximou, um de frente para o outro. Ela encontrou seu olhar por um instante antes de abaixar os olhos para estudar o padrão de bordado em seu peito. Seu pé errou um passo e ela tropeçou, mas ele a segurou e a firmou... e puxou-a para mais perto.

Cerine empurrou apressadamente, colocando distância entre eles. Seu coração martelou em sua garganta, e ela enfiou os dois lábios entre os dentes, mordendo com força.

A voz de Liselle flutuou na parte de trás de sua cabeça: — *Não se preocupe, querida menina... uma vez que ele despir você a nada, tudo o que ele verá é carne feminina. Ele vai agir de acordo com seus desejos, sem medo.*

— Cerine. — A voz de Gerard era um tom baixo sob a luz, música crescente. — Cerine, eu quero que você saiba... Eu preciso que você saiba...

Ela balançou a cabeça, franzindo a testa. Por que ela não conseguia parar as batidas frenéticas de seu coração? A mão do príncipe pressionou contra suas

costas, puxando-a para perto o suficiente para que ela quase acreditasse que podia sentir o batimento cardíaco dele também. Ela sabia que deveria resistir, mas não conseguia suportar. Ela o deixou atraí-la, deixou que ele colocasse a cabeça perto da dela.

— O que quer que você pense de mim... — ele sussurrou. — Quer você acredite que eu seja uma fraude ou uma farsa... Quero que saiba que não sou mentiroso. Eu quis dizer cada palavra daquela carta que escrevi.

O padrão da dança exigia que ele a girasse. Cerine ofegou para respirar enquanto girava para fora em uma enxurrada de saias. Mas então ela foi puxada para perto mais uma vez, o alívio muito curto.

— Por favor, Cerine. — disse ele, tentando chamar sua atenção. — Eu entendo se você não sentir o mesmo depois... depois de tudo. Mas eu quero que você acredite...

— Não. — Cerine se forçou a olhar para ele, a encontrar seu olhar firmemente. — Não diga mais nada. Agora não.

A dor passou por seus olhos. Mas ele a girou novamente, e quando a puxou suavemente de volta, seu rosto era uma máscara perfeita e agradável.

A música terminou. Os convidados aplaudiram. E o príncipe curvou-se enquanto sua noiva fazia uma profunda reverência. Então, graças à Deusa acima, ele a conduziu até uma cadeira e a deixou sentar. Ele se afastou no meio da multidão, fora da vista dela, e Cerine cruzou as mãos, baixou a cabeça e fechou os olhos... e orou à Deusa para que ela tivesse forças para resistir.

Ela não ousou acreditar nas declarações de Gerard. Elas não podiam ser verdadeiras. Não importa o quanto ela desejasse, elas não podiam ser verdadeiras. Cerine agora era sua esposa e ela seria uma boa esposa. Ela seria leal, fiel e amorosa na medida em que ousasse. Em poucas horas, ela se

permitiria ser conduzida para o quarto dele, conduzida para a cama dele, e ela cumpriria tudo o que era exigido dela.

Mas ela nunca deveria se permitir acreditar que Gerard amaria alguém além de Fayline. Ou seu coração certamente se partiria em dois.

CAPÍTULO 15

Avó Didienne se acomodou na cadeira fornecida, ofegando e gemendo enquanto seus membros frágeis rachavam em protesto. — Onde está a irmã Julene? — ela retrucou quando uma irmã mais nova cujo nome ela não lembrava entrou no salão, carregando um lindo e, mais especificamente, seco, roupão no braço.

A jovem irmã acenou com a cabeça respeitosamente e colocou o manto de lado nas costas de uma cadeira próxima. — Irmã Julene está indisposta esta noite. — disse ela. — Eu irei atendê-la no lugar dela. Você gostaria de estar pronta para o baile, avó?

— Eu gostaria de estar pronta para a cama. — Didienne respondeu com um grunhido. Ela ergueu um braço esquelético e flácido para a jovem sacerdotisa ajudá-la a tirar suas encharcadas vestes cerimoniais. Ela estava ficando velha demais para esse tipo de coisa. Era melhor o príncipe continuar casado desta vez, porque se ela tivesse que voltar e realizar mais uma cerimônia da Consagração, certamente seria a morte dela. — Mas vou homenagear o Rei Escolhido e fazer uma aparição, eu suponho. — ela murmurou.

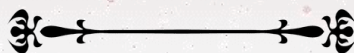
A jovem irmã ajoelhou-se a seus pés com uma toalha para secar qualquer umidade residual. Didienne olhou para ela com os olhos turvos. As rugas em sua testa se juntaram em uma carranca.

— Isso é... jovem, é sangue que eu vejo na sua mão?

A irmã ergueu a mão, sua expressão surpresa. Então ela piscou para a mulher mais velha e sorriu fracamente. — Acho que sim. Sim, é, avó. Você olharia isso?

Um lampejo de aço e uma adaga escorregaram das profundezas de sua manga.

— Deusa nos salve! — Didienne gritou, pondo-se de pé.



Ela iria morrer. Devagar. Dolorosamente. E em breve.

A música, o brilho, a pressão das pessoas, a mistura de mil perfumes. Era demais! Os sentidos de Ayleth se revoltaram e ela parou como se estivesse congelada na porta do salão de baile, com o coração batendo tão furiosamente que ela não conseguia encontrar vontade de se mover.

Acima, lustres dourados gotejavam luz e contas de cera branca. O piso de mármore era polido com tal brilho que refletia o movimento dos dançarinos como um espelho. As janelas altas ao longo de uma parede estavam abertas para deixar entrar uma brisa, caso contrário, o calor de tantos corpos pressionados uns contra os outros teria sido demais, principalmente para as senhoras que, como Ayleth, se esticavam contra os laços sob seus vestidos lindos.

— Não fique pasma. — Sussurrou Terry, sua boca mais uma vez muito perto de sua orelha para seu conforto. Ela estremeceu, mas se obrigou a não recuar. — Sorria e siga minha liderança. — Para sua surpresa, ele acrescentou: — Você vai ficar bem.

Isso foi um incentivo real? De Terry du Balafre? Esta era uma noite de milagres!

Ele a levou para o salão de baile, passando por vários grupos de senhores e damas, que a olharam com leve curiosidade. Apesar da extrema vermelhidão de seu vestido e da superabundância de pele que exibia, Ayleth percebeu que

se adaptava muito bem à companhia. Muitas das mulheres usavam vestidos muito mais reveladores do que os dela, e riam, flertavam e dançavam sem pensar, chamando a atenção para si mesmas com os olhos piscando e encolhendo os ombros delicadamente. Se ela mantivesse a boca fechada e se agarrasse às sombras, ela poderia desaparecer.

Isso se ela pudesse se separar de Terry. Porque, embora ela conseguisse deslizar para as sombras e desaparecer, Terry se destacava como um girassol entre margaridas em seu uniforme de venador. Ele já era muito mais alto do que a maioria dos homens no salão, e seu uniforme incluía uma faixa vermelha dramática no peito, que atraía todas as mulheres que passavam. Vários daqueles olhares femininos também se fixaram em Ayleth, avaliando a garota que se agarrava ao braço do belo venador.

Uma irritação desconfortável se formou no estômago de Ayleth. Cada uma dessas mulheres presumia que ela era apenas outra senhorita vestida de babados competindo pela atenção de Terry. Nenhuma delas a via pelo que ela realmente era: a competição de Terry e uma ameaça viável para seu futuro.

Ayleth largou o braço de Terry e arrancou sua mão de seu aperto, usando um pouco mais de força do que ela desejava para se libertar. Ele a olhou atentamente, abrindo a boca para protestar. Antes que ele pudesse dizer uma palavra, uma mão brilhante com anéis pousou em seu braço.

— Venador Terry! Nos encontramos novamente. — Senhora Liselle jogou os cachos dourados para trás de seus ombros brancos imaculados enquanto deslizava para perto de Terry. Ela deu um sorriso para Ayleth, olhando-a de cima a baixo. — E a venatrix, é claro. Parecendo... não exatamente como eu te deixei. — Uma leve carranca enrugou sua sobrancelha quando ela notou a queda das saias de Ayleth, notando a falta de roupas

íntimas em forma de gaiola. Mas ela disfarçou a carranca rapidamente, exibindo outro sorriso. — Você está achando esses sapatos confortáveis? Você será leve como uma pena para dançar.

— Oh, eu não vou dançar. — Ayleth respondeu rapidamente, balançando a cabeça.

Liselle balançou a cabeça e riu, os olhos brilhando, embora, pela vida dela, Ayleth não conseguisse descobrir o que ela havia dito para inspirar tanta alegria. — Mas e você, Venador Terryn? — disse a senhora, voltando-se para a escolta de Ayleth. — Você está igualmente determinado a ficar perto da parede esta noite? Ou você vai mostrar a todos esses meninos bonitos do palácio o que um homem de verdade pode fazer quando a música certa está tocando?

Terryn olhou de soslaio para Ayleth. Ela olhou para trás, erguendo as sobrancelhas, e notou como a pele escura dele corou. Então. Esta Senhora Liselle e ele... se conheciam. Ayleth inclinou a cabeça ligeiramente, sua boca se curvou em um sorriso. Interessante.

— Venha, Terryn. — Liselle persistiu enquanto os músicos tocavam outra melodia. — Esta é uma das suas favoritas, se bem me lembro. Venha dançar comigo.

— Eu, uh... — Terryn olhou para Ayleth novamente. Mas Senhora Liselle aplicou um pouco de força em seu aperto e Terryn cedeu, permitindo-se ser conduzido para a pista de dança. Ayleth o observou partir, a boca ainda sorrindo. Ela se sentiu como se tivesse acabado de dar uma olhada na vida privada de seu concorrente, uma vida complexa que envolvia pessoas e lugares sobre os quais ela nada sabia. Era interessante. Era...

Seu sorriso se transformou em uma carranca. Era estranho. Estranho descobrir o quão pouco ela realmente conhecia este homem com quem ela lutou e caçou e serviu e lutou nas últimas semanas. Estranho perceber que

havia outras mulheres neste mundo com quem ele compartilhava a história. Mais história do que existia entre os dois, isso era certo.

Percebendo que deveria tirar proveito de sua liberdade atual, Ayleth se esgueirou por entre a multidão, buscando abrigo atrás de um vaso de árvore. Uma vez acomodada em segurança atrás de seus ramos guirlandas, ela olhou de volta para seu nêmesis na pista de dança, girando em um padrão complexo com sua adorável parceira de dança.

Se Ayleth havia considerado seu próprio vestido revelador, o de Liselle estava praticamente caindo. Ayleth não conseguia se imaginar confortável em público usando um conjunto de espuma e nada, mas de alguma forma Liselle fazia com que parecesse fácil. Ela se movia com a maior graça e confiança, totalmente ciente de seus atributos, totalmente ciente de como cada homem no salão lutava para não olhar para onde não deveria, e usando isso a seu favor.

O olhar de Terryn se fixou firmemente no rosto de sua parceira, em sua testa, se Ayleth julgava corretamente. Liselle falava animadamente e Ayleth o viu acenar com a cabeça e oferecer respostas. Ele a girou para fora dele em uma enxurrada de saias prateadas, então a puxou de volta para perto.

O estômago de Ayleth se revirou.

Ela franziu a testa e desviou o olhar rapidamente. Nervosismo, ela disse a si mesma. Ela estava apenas um feixe de nervos esta noite. Ela precisava de algo estabilizador. Uma mesa de refrescos acenou, e ela decidiu arriscar deixar o abrigo de sua árvore para se mover ao redor da periferia do salão. Soldados se alinhavam nas paredes em intervalos, homens solenes em uniformes com suas lanças afiadas bem exibidas. A guarda pessoal do rei, homens não tomados que não podiam esperar enfrentar uma sombra, mas companheiros de aparência feroz, no entanto. Eles emprestavam o salão um repentino ar de solenidade, apesar da música, das risadas, da boa comida e do vinho. Ayleth

passou por um dos guardas e, para sua surpresa, viu-se bem perto de Senhora Cerine.

A jovem estava sentada calmamente em uma cadeira um pouco afastada da multidão, com as mãos cruzadas no colo. Ela certamente não parecia a noiva que era, recém-casada com o Príncipe Dourado, destinada a ser a rainha da nação. Sua expressão estava fechada por trás de seus véus, e seu olhar fixo em suas mãos cruzadas. Diamantes e ouro brilhavam ao redor de sua garganta, mas de alguma forma pareciam mais com grilhões do que joias.

Ayleth parou. Ela deveria falar com a senhora? Elas se encontraram várias vezes, embora nunca oficialmente. Uma vaga lembrança de agarrar as saias de uma mulher e fazer ameaças arrastadas apareceu no fundo da mente de Ayleth. Ela apressou-se a afastar isso, mas não conseguiu reunir coragem para se aproximar. Em vez disso, ela se retirou para sua árvore e olhou ao redor em busca de outro ângulo que pudesse adotar para alcançar os lanches.

O rei estava olhando para ela.

Ayleth encontrou seu olhar por todo o salão, através do padrão giratório de dançarinos. Gardin sentava-se acima da multidão em um estrado elevado na outra extremidade do salão. Dominus Fendrel estava ao seu lado, severo, estudando os dançarinos como se qualquer um deles pudesse se transformar em um inimigo em um piscar de olhos. Mas o rei observava Ayleth.

Seu sangue se transformou em gelo. Ela não deveria estar aqui. Ela não deveria estar no salão que este homem. O que quer que ele tivesse contra ela, o que quer que viu quando olhou para ela... ela não queria saber.

— Eu acho que isso é honra o suficiente por uma noite. — Ela murmurou, e se virou para a porta com a metade de vontade de deixar o baile por completo, se livrar deste maldito vestido de Assombrados, fugir para os estábulos e escapar uma vez e para todos. Ela precisava...

— Você parece uma senhora que precisa muito de uma dança.

Assustada, Ayleth se virou e se viu cara a cara com um jovem, suas feições emolduradas por cachos desgrehados perfeitamente. Ele sorriu para ela, seu sorriso largo o suficiente para preencher todo o salão, e seus olhos brilharam enquanto se moviam obviamente e com admiração por sua figura. Ayleth mal se impediu de cruzar os braços sobre os seios.

— Não creio que ainda nos conhecemos. — disse o jovem com uma reverência cortês, abanando uma das mãos. — Eu sou Srian, Conde du Landriard. E a quem tenho o prazer de me dirigir? — Ele pegou a mão dela enquanto falava, levando os dedos dela aos lábios. Ela queria se afastar. Mas ela era uma convidada do príncipe. Ela deveria pelo menos tentar agir como uma dama.

— Ayleth. — Ela respondeu, e no impulso acrescentou: — Venatrix di Ferosa.

— Venatrix? — O jovem não largou a mão dela, embora sua voz estivesse surpreendida. Então ele sorriu novamente, e seu polegar moveu-se para cima e para baixo nos nós dos dedos. Com facilidade praticada que falava de muitos anos de experiência em intrigas da corte, ele a puxou gentilmente em sua direção. — Eu nunca dancei com uma venatrix antes. Diga-me, você está armada com uma dúzia de venenos letais enquanto conversamos?

O queixo de Ayleth caiu. — Onde eu colocaria venenos em um vestido como este? — ela deixou escapar. E então corou. Como ela deveria navegar em tal encontro? Ela não conhecia nenhuma das regras. Ela deveria flertar? Como alguém flertava, exatamente? Pessoas não tomadas geralmente olhavam para ela com terror no momento em que descobriam o que ela era.

Sentindo que a conversa não era seu ponto forte, o jovem escolheu uma abordagem diferente. Ele colocou uma mão familiar em volta da cintura dela e

a guiou em direção à pista de dança, ainda sorrindo, ainda falando com facilidade. — Já ouvi muitas histórias interessantes sobre as leais seguidoras de Evander ao longo dos anos. — disse ele. — Mas eu nunca ouvi falar de nenhuma venatrix ser tão fascinante. Se eu conhecesse as possibilidades, eu mesmo deveria ter me alistado na Ordem!

Ayleth enrubesceu novamente. Era uma linha terrível, mas ela não se conteve. O calor subiu por seu pescoço. — Não é assim que funciona. — Ela murmurou. Mas isso não parecia importar para o jovem. Em uma espécie de torpor, Ayleth se viu conduzida direto para a beira da pista de dança e, em mais alguns passos, ela seria atraída para a dança.

O medo de uma variedade inteiramente nova floresceu em seu coração. Ela parou como se seu companheiro estivesse tentando arrastá-la para a beira de um abismo. Ela tentou se afastar, mas o aperto dele era persistente. Cinco maneiras diferentes de aplicar pressão nas juntas dele e fazê-lo cair de joelhos passaram por sua mente em rápida sucessão. Mas ela não poderia fazer isso... ela poderia? Não, não, este homem era o convidado do príncipe!

— O que há de errado, gentil venatrix? — perguntou o jovem conde com outro sorriso que ameaçava cegá-la com seu brilho. — Essa música não te agrada?

Nada a agradava, absolutamente nada. Mas embora ela abrisse a boca, ela não conseguia encontrar uma desculpa. O que ela poderia dizer? Como ela poderia admitir que não tinha ideia de como dançar essa ou qualquer uma das danças que viu sendo realizada? Todos aqueles passos intrincados, voltas e tramas para dentro e para fora...

— Sinto-me um pouco tonta. — disse ela. Não era totalmente mentira. O medo daquela pista de dança a agarrou com mais força ainda do que o

incorrigível conde, e os laços de seu vestido pareceram de repente muito apertados.

Seu companheiro não se convenceu tão facilmente. — Não seja tímida. — disse ele com outro puxão forte. — Vou guiá-la pelos passos e logo você verá...

— Eu acredito que a senhora disse que ela estava tonta.

A voz gelada disparou sobre a cabeça de Ayleth para perfurar o Conde du Landriard entre os olhos. O jovem enrubesceu e largou-a, olhando para cima e por cima do ombro dela.

Ayleth queria praguejar. Ela conhecia aquela voz. Era a última voz que ela queria ouvir vindo em seu socorro.

— Perdão, Venador du Balafre. — o jovem conde disse, curvando-se, desta vez sem nenhum floreio. — A senhora e eu estávamos...

— O suficiente. — Terryn deu um passo mais perto. Ela podia sentir sua presença iminente atrás dela, o calor de seu corpo contrastando com a frieza de sua voz. — Vá encontrar outra pessoa para incomodar.

O conde lançou um último olhar para Ayleth, mas foi breve. No instante seguinte, ele estava caminhando levemente pela pista de dança como a rota mais direta de fuga, esquivando-se entre os casais e se dirigindo para o outro lado como um cavaleiro a cavalo atravessando um rio furioso.

— Eu não precisava da sua ajuda. — Ayleth murmurou sem se virar. Se ainda tivesse sorte, Terryn se afastaria tão silenciosamente quanto ele se aproximou por trás dela. — Eu tinha a situação sob controle.

Em vez de remover sua presença ofensiva, Terryn deu um passo para o lado dela. Ele se levantou facilmente em seu uniforme de gala, a mão direita segurando o pulso esquerdo na parte inferior das costas. Se ao menos uma

senhora pudesse assumir essa postura! Ayleth não conseguia descobrir o que ela deveria fazer com os cotovelos.

— Você deve dançar esta noite. — disse ele. — Será muito visível se você não fizer isso.

— Não vejo por que todos estão tão preocupados se eu danço ou não. — Ayleth respondeu secamente. — Ninguém vai notar de uma forma ou de outra.

Os músicos na galeria terminaram sua melodia. Ayleth observou os casais girando no chão em uma última configuração complexa, os braços erguidos e cruzados em um padrão que ela teria de observar de cima para entender. Ela se perguntou se poderia deslizar até a galeria para ver melhor.

— Aí que você está enganada. — disse Terry.

— O que? — Ayleth ergueu os olhos para ele. Enquanto os dançarinos saíam do chão, passando pelos dois, ele deu um passo mais perto para não se separar dela pela repentina pressão das pessoas. Ele ficou tão perto que seus braços se tocaram, e quando ele olhou diretamente para ela, ela pôde ver o brilho do fogo no centro de suas pupilas negras.

— Eu disse que você está enganada. — Ele repetiu. No súbito fluxo de conversa dos dançarinos, Ayleth teve que estudar seus lábios, lendo as palavras que ele falava em vez de ouvi-las. — Você está enganada se pensa que vai escapar da atenção. Você não pode deixar de atrair todos os olhares neste salão.

Ayleth não conseguiu pensar em nenhuma resposta. E os olhos dela ainda estavam fixos em sua boca.

Uma nova música desceu fluindo de cima. Começou em uma cadência baixa e lenta, como sombras da noite atraídas por instrumentos de sopro. Uma melodia que chamava as profundezas da alma, como uma canção

mágica. Apenas esta canção era de criação mortal, destinada aos ouvidos mortais, almas mortais. E encantamentos mortais.

Terryn segurou sua mão. Para sua própria surpresa, Ayleth não resistiu enquanto ele a conduzia entre os outros casais que se alinhavam na pista de dança. Seus olhos nunca deixaram os dela, e quando ela deu um suspiro repentino, percebendo onde estava, ele disse: — Não se preocupe. Esta é bastante simples. Eu guiarei você.

O tambor começou uma batida rítmica e suave, mas profunda, em sincronia com os sopros. Em seguida, um alaúde arrancou as notas graves cantante para os passos da dança. Terryn segurou ambas as mãos de Ayleth nas suas, levantando-as enquanto ele a conduzia na primeira curva. Suas saias cheias chamejavam como asas ou chamas sem as roupas íntimas de gaiola para mantê-las recatadamente no lugar, e Ayleth se sentiu repentinamente transformada em algo selvagem e perigoso. Um pássaro de fogo.

E isso fazia de Terryn o caçador tentando pegá-la em sua armadilha?

Ayleth sorriu de repente, ferozmente. A música dançante fluiu em sua alma como uma canção Vocos, e ela entendeu seu chamado. Não era uma convocação de controle, mas um chamado para a batalha. E ela nunca desistia de uma luta.

Seus pés encontraram os passos, guiados por Terryn, mas apenas na primeira volta. Então ela começou a improvisar, afastando-se dele. Ela quebrou o padrão seguido pelos outros dançarinos, mas não importava. Eles continuaram sem ela, e ela criou seu próprio novo design, entrelaçando-se entre eles, asas vermelhas voando. Ela disparou, flutuou e voltou para Terryn, desta vez sem tocar sua mão, peito com peito, cara a cara, uma mera polegada de ar entre eles.

A música chamou. Ela se virou para responder, mas ele a pegou pela cintura, puxando-a de volta para ele antes que ela quebrasse o padrão novamente. E eles de repente estavam sozinhos no centro da dança, virando no ritmo da batida dos tambores, uma mão segurando-a na parte inferior das costas, a outra erguida.

Uma vitória para ele. Mas não por muito.

O sorriso de Ayleth aumentou. Ela viu sua expressão vacilar com a visão. Ele sabia que havia conhecido um combatente digno. As outras senhoras, elas não entendiam esta dança. Nenhuma outra alma a entendia. Elas se entregavam voluntariamente às guias de seus parceiros, flutuando graciosamente como muitas pipas em suas cordas. Mas Ayleth não era uma pipa. Ela era um pássaro de fogo e voaria livre.

A música acelerou de repente em uma explosão de escuridão, pontuada por alfinetes de cordas da luz das estrelas. Ayleth ergueu os braços sobre a cabeça e, com um único giro, se livrou do aperto de Terryn. Ele não a libertou completamente de sua órbita, no entanto, movendo-se primeiro na direção oposta a ela e depois de volta ao padrão. Os outros dançarinos formaram círculos e Ayleth se juntou a um deles, deixando o ritmo fluente levá-la para longe de Terryn. Mas um círculo deve voltar eventualmente.

E lá estavam eles de novo, cara a cara no momento em que as notas finais da música irromperam como uma explosão de sol através da melodia sombria e terminaram em um glorioso aplauso de brilho.

O peito de Ayleth arfava com o esforço enquanto seus pulmões lutavam contra os laços apertados. Para sua surpresa, Terryn parecia sem fôlego também, respirando com dificuldade pelas narinas dilatadas. Um rápido olhar de um lado para o outro disse a ela que os outros dançarinos não haviam achado a dança tão extenuante. Eles aplaudiram educadamente, sorrindo para

seus parceiros, os homens oferecendo às mulheres seus braços enquanto as conduziam para fora do salão.

Terryn não ofereceu seu braço. Ele falou com uma voz que soava mais profunda do que o tambor: — Não é assim que essa música deve ser dançada.

— Talvez não. — respondeu Ayleth, sorrindo maliciosamente para ele através de sua respiração difícil. — Mas é assim que eu danço.

Sua batalha vencida, ela girou nos calcanhares e o deixou onde estava.

CAPÍTULO 16

Ladeada por duas sacerdotisas vestidas com trajes sagrados e lindos, a avó Didienne entrou no salão de baile. Os convidados reais se separaram diante dela, curvando-se como se fosse uma rainha, e ela se moveu com grande dignidade através deles, acenando com a cabeça aqui, fazendo um sinal de bênção ali. Tendo deixado sua bengala de sorveira para trás em seu camarim, ela se apoiou no braço de uma irmã, amaldiçoando silenciosamente a fragilidade de seu corpo a cada passo que dava.

Ela deveria ter encontrado um hospedeiro mais jovem e mais forte. Mas nenhum hospedeiro em Dunloch era menos provável de atrair a suspeita daqueles malditos venadores de Assombrados.

Sua pequena procissão fez seu caminho para o estrado onde o Rei Guardin estava sentado em glória acima dos foliões. Ao seu lado estava seu irmão, Fendrel du Glaive. O velho coração enrugado escondido dentro do peito da avó Didienne latejava de ódio ao vê-los.

Silêncio, ela sussurrou para aquele poder secreto que ela mantinha suprimido profundamente no âmago de seu espírito. *Não atraia a atenção do nosso inimigo. Não estamos aqui por vingança. Não essa noite.*

O espírito dentro dela obedeceu, curvando a cabeça e se enrolando em uma espiral silenciosa de nada, pequena demais para atrair a atenção até mesmo do venador mais perspicaz.

— Avó. — disse o Rei Guardin, estendendo uma mão graciosa para a velha sacerdotisa enquanto ela se apresentava diante de seu trono. — Você e as Irmãs de Siveline nos honram esta noite com sua presença. Agradeço

pessoalmente que você tenha viajado tanto para celebrar o casamento de meu filho.

— Tudo para a glória do Rei Escolhido e sua casa. — respondeu Avó Didienne, embora as palavras fossem venenosas em sua língua. Ela curvou a cabeça profundamente, em seguida, apertou o braço da sacerdotisa que ela segurava, instando-a a afastá-las do estrado mais uma vez.

Um assento havia sido preparado para a suma sacerdotisa à esquerda do estrado do rei, e ela afundou-se nele com gratidão, descansando seu corpo cansado. Amaldiçoando silenciosamente na privacidade de sua cabeça, ela jurou se livrar dessa casca envelhecida na primeira oportunidade. Mas por agora... por enquanto, o disfarce era bom demais para ser ignorado.

Recostando-se na cadeira, ela olhou para fora com os olhos turvos, estudando os foliões no salão. Seus olhos foram atraídos especialmente para uma figura alta na pista de dança, bonito em uma faixa vermelha e uniforme. Seus lábios se curvaram em um sorriso amargo.

— Meu lindo escravo. — Ela murmurou.

— O que foi isso, avó? — Uma das sacerdotisas que estava ao lado dela fez uma reverência, o rosto levemente preocupado. — Você precisa de algo?

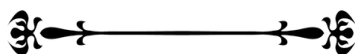
— Não, não. — Didienne acenou para a mulher se afastar e se acomodou mais confortavelmente em sua cadeira. Embora seu olhar continuasse voltando para o jovem, ela se forçou a estudar todos os outros rostos naquele salão.

Onde você está, Inren?

Aquilo que se escondia dentro do corpo mortal de Didienne tinha pensado longa e profundamente sobre as palavras arrancadas da boca relutante de Terryn. Ela se recusou a acreditar. Inren, dominada pela filha do duque d'Aldreda, atacando imprudentemente os hóspedes do castelo e depois

sendo morta por alguma jovem venatrix verde? Não. Inren era muito inteligente, muito astuta. Sim, ela poderia estar temporariamente sobrecarregada com a alma da filha idiota do duque. Mas a própria Inren não iria para uma luta sem as devidas precauções.

Você está aqui em algum lugar, a Bruxa do Ardor sussurrou bem no fundo de seu corpo de hospedeiro murcho. Eu sei que você está aqui. Saia do esconderijo e se revele para mim...



— Seu amigo está cheio de surpresas esta noite, não é, bom príncipe?

Gerard se assustou um pouco com a voz falando de repente ao seu lado, desviando sua atenção da pista de dança. Ele olhou para Senhora Liselle, que lhe ofereceu um sorriso. Ele acenou com a cabeça em resposta, então voltou seu olhar para a dança, observando Ayleth girar em uma tempestade de tecido vermelho enquanto Terryn se mantinha firme, puxando-a de volta toda vez que ela parecia pronta para voar livre. Havia uma expressão nos olhos do venador que Gerard não se lembrava de ter visto antes. E o rosto de Ayleth... agora, isso era uma visão, de fato!

— É preciso um homem corajoso para dançar com uma venatrix. — Gerard disse com um sorriso irônico, encostando seu ombro contra um pilar envolto em guirlanda. — Um homem mais corajoso do que eu, isso é certo.

— Não tenho certeza se corajoso é a palavra que eu usaria.

Algo no tom de Liselle atraiu os olhos de Gerard de volta para o rosto dela. Ela ficou de perfil para ele e, embora seus lábios carnudos ainda sorrissem, uma linha inegável de tensão puxava sua boca e esticava ao longo de sua mandíbula. Gerard franziu a testa. Ele conhecia Senhora Liselle há

muitos anos na corte do rei em Telianor. Ele a tinha visto passar por flertes com abandono despreocupado, tanto antes de seu casamento quanto após sua viuvez. Anos atrás, ele a viu fazer um jogo valente pelos afetos de Terryn, e por um tempo lá, ele pensou que ela iria ganhar. Ele nunca esteve inteiramente certo do que havia acontecido entre eles. Terryn não era homem para falar de boa vontade, ou absolutamente, sobre assuntos do coração.

Mas Liselle balançou a cabeça um pouco e se virou para Gerard. — Eu tenho uma mensagem para você. — Ela disse, sua voz mais uma vez tão brilhante quanto os lustres cintilantes acima. — Sua linda noiva achou a salão muito quente e lotada para o seu gosto e se aventurou a dar uma volta no lago. Ela me pediu para convidar você para se juntar a ela.

— Sério? — O olhar de Gerard travou mais uma vez com o de Liselle. Ele soube que se traiu naquele momento, soube que ela sentiu a onda repentina de seu coração. As sobrancelhas de Liselle se juntaram levemente, e Gerard rapidamente baixou o olhar. Liselle era a dama de Cerine, sim, mas ela tinha sido a dama de Fayline primeiro. E sua amiga mais querida. — Eu... obrigado pela mensagem. — Ele disse, dando a ela um aceno rápido.

Liselle, com uma sobrancelha ligeiramente levantada, fez uma profunda reverência quando ele passou por ela. Gerard correu ao longo da periferia do salão, caminhando até as portas. As pessoas tentaram parar e falar com ele quando ele passou, e ele foi obrigado a fazer uma pausa, apertar as mãos, sorrir e falar amabilidades superficiais a cada poucos passos, até que pensou que fosse enlouquecer.

Ele estava se aproximando da saída quando uma figura sólida entrou em seu caminho.

— Tio. Muito bem. — Gerard disse com um sorriso forçado. — Se você me der licença...

Fendrel estendeu a mão e pegou Gerard pelo ombro. Ele era possivelmente o único homem no salão que iria parar fisicamente o príncipe em seu caminho. Os olhos de Gerard brilharam, e ele fez tudo o que pôde para não bater na mão de seu tio.

Quando ele encontrou o olhar de Fendrel, ele hesitou. Fendrel parecia um homem que acabara de ter um vislumbre de sua própria morte.

— Gerard. — disse o Dominus, sua voz muito baixa, quase impossível de ouvir sobre a música dançante voadora. — Qual é a natureza da relação de Terryyn com esta Venatrix di Ferosa?

— O que? Terryyn e Ayleth? — Gerard olhou por cima do ombro para onde seu venator e venatrix giravam em um floreio de dança assim que a música alcançou seu crescendo. — Eles são... concorrentes. — disse ele com um encolher de ombros não convincente. — Pelo que eu sei, nada mais.

— Tem certeza?

Gerard se voltou para seu tio, encontrando aqueles olhos duros de ferro dele. — Por que isso importa? — ele perguntou. — Se você está tão preocupado, pergunte a Terryyn você mesmo.

Os dedos de Fendrel apertaram seu aperto. Ele deu um passo para mais perto de seu sobrinho e, quando falou, sua voz era um rosnado. — Nós trabalhamos muito pelo seu futuro, Gerard. — ele disse. — Não jogue tudo fora. Você me ouviu? Você não sabe o que tudo que fizemos para colocá-lo neste caminho.

Uma sombra fria caiu sobre a alma de Gerard. Ele viu novamente, em um breve lampejo atrás de seus olhos, o rosto de Cerine erguido para o dele, seus lábios formando palavras que ela mal ousou falar: — *Está vendo? Você entende?*

Ele entendia. Ele sabia o tempo todo que não era quem diziam que ele era. Ele sempre soube que era uma mentira.

Mas ele sabia também que era uma mentira da qual nunca poderia escapar.

Gerard segurou o pulso de Fendrel e arrancou-o de seu ombro com um puxão violento. — Eu acho que sei. — ele respondeu, seus lábios se curvando. — Não se preocupe, tio. Eu ainda sou o seu maldito Príncipe Dourado.

Assustado com o veneno na voz de Gerard, Fendrel piscou e deu um passo para trás. Gerard aproveitou a oportunidade para passar por seu tio e deslizar pelas portas externas do salão de baile para a passagem à luz de velas além.

Por vários passos, ele não conseguiu se lembrar por que havia escapado, tão quente estava o sangue fervendo em suas veias. Ele queria... ele não tinha certeza do quê. Ele queria bater com o punho na parede do castelo e derrubar Dunloch inteira. Desmoronando sobre as cabeças de seu pai, seu tio, o duque d'Aldreda... todas essas pessoas que haviam se apoderado de sua vida e a firmado em seus moldes preconcebidos, o prendiam de forma tão cruel que ele não conseguia adivinhar quem ele poderia ser sem o trabalho deles. Até Terryn, em quem ele confiava mais do que qualquer outra pessoa no mundo, se recusava a vê-lo como qualquer outra coisa que não o Príncipe Dourado. Haveria alguém neste mundo que pudesse olhar para ele e ver a verdade?

— Cerine.

O nome dela escapou de seus lábios quase inconscientemente. Ele ergueu a cabeça, endireitou os ombros e correu pelo corredor, dirigindo-se às portas traseiras abertas que davam para os jardins e para o passeio do lago.

Cerine era a única que o conhecia. Quem realmente o conhecia. Melhor do que Terryn. Certamente melhor do que Fayline jamais tivera. Cerine via

através do artifício, via através dos véus, e ela conhecia Gerard du Glaive, o homem, não o príncipe.

Mas ela poderia amá-lo? Sabendo o que ela sabia?

O vento soprava pela passagem e Gerard apressou-se a entrar, aliviado por sentir aquele toque frio em seu rosto corado. A lua estava alta e ainda estranhamente vermelha no céu quando ele emergiu no pátio pavimentado de pedra e correu pelo gramado até a margem ondulante do lago. Seu olhar percorreu abaixo ao longo da passagem na beira da água, mas ele não viu Cerine ainda. Talvez ela tivesse contornado o lado oeste das torres norte, além de sua visão.

Ele desceu correndo os degraus, o coração batendo forte de ansiedade. Os acordes musicais do baile diminuíram e o mundo ao seu redor ficou quieto naquela noite fria. Seria possível que Cerine realmente quisesse sua companhia? A noite de seu casamento. Em poucas horas, eles seriam conduzidos para seus aposentos, e esperava-se que ele cumprisse seu dever de príncipe, de herdeiro, garantindo a continuação da linhagem do Rei Escolhido. E Cerine, ele não tinha dúvidas, se submeteria humildemente à vontade que a forçou a esta posição.

Gerard cerrou os dentes com força, a mandíbula doendo. Ele não podia fazer isso com ela. Ele não iria. Seus legados fossem condenados aos Assombrados, ele não transformaria Cerine em algum tipo de objeto útil. Ele não a trataria como sua mãe havia sido tratada, forçando-a a gerar filhos que existiam apenas para servir ao propósito estabelecido por outros.

Mas e se ela respondesse às perguntas que ele fez naquela carta tola e boba dele? E se ela atendesse, e sua resposta refletisse o que ele às vezes acreditava ter visto em seus olhos? E se... e se...?

Ele não ousou terminar o pensamento.

Ele se apressou ao longo da caminhada do lago, seus olhos procurando ao luar por algum vislumbre de seu vestido debruado de ouro. — Cerine? — ele chamou suavemente.

— Gerard, meu amor.

Gerard parou no meio do caminho. Seu coração caiu e seus joelhos viraram água. Ele parecia ter esquecido como respirar.

Ele conhecia aquela voz. Ele conhecia aquela voz.

Uma figura se aproximou ao longo da passarela. Ela passou pelas sombras profundas lançadas pelo muro de contenção e pisou em um retalho de luar, que brilhava sobre um rosto adorável emoldurado por uma massa de cachos dourados.

— Meu querido, finalmente! Você me reconhece? — Fayline disse, falando pela boca de Senhora Liselle.

CAPÍTULO 17

Terryn saiu do salão de baile para recuperar o fôlego. Ele não podia se afastar por muito tempo; falando oficialmente, ele estava de plantão. Sob as ordens de seu Venador Dominus para ficar de olho em Venatrix di Ferosa durante as festividades da noite.

Mas se ele ficasse de olho nela por mais um momento sem algum tipo de adiamento, ele iria enlouquecer.

Então, ele escapuliu da luz das velas e da música para as sombras mais silenciosas do grande salão vazio por uma chance de recuperar o fôlego. Escondidos dentro de seu uniforme estavam todos os tipos de dardos envenenados, e ele até usava um escorpião decorativo, mas totalmente funcional, em um coldre em sua coxa. Ele se ocupou em verificar o escorpião agora, tirando-o do coldre e girando-o nas mãos, determinado a focar sua atenção em qualquer coisa que não fosse a memória dos olhos brilhantes de Ayleth, de sua mão tocando levemente a dele. Dessas cicatrizes apenas vagamente escondidas sob camadas de cosméticos, arrastando-se por suas clavículas e descendo entre seus seios pálidos...

Seu rosto queimou e ele se concentrou fortemente no escorpião, seus movimentos rápidos e eficientes enquanto testava o mecanismo de disparo, o aperto da corda do arco, os fechos que o prendiam à braçadeira ornamental. Quando não havia mais nada para fingir verificar, ele o guardou no coldre e passou a contar os dardos guardados em sua pessoa, então fechou os olhos e enfiou a mão lá dentro, testando a força do feitiço de Supressão que ele havia usado em sua sombra. Um feitiço complexo, que mantinha o espírito

profundamente subjugado, mas era mantido no lugar por um único fio de magia, que ele poderia quebrar se necessário, atraindo poder a qualquer momento se necessário. Tudo estava como deveria estar, e...

O rosto dela, vermelho de triunfo, apareceu diante dos olhos de sua mente.

Estremecendo, Terry'n se concentrou em seu escorpião mais uma vez, puxou-o do coldre e o ergueu para uma inspeção mais próxima. Embora seus olhos se fixassem intensamente nas complexidades da arma, sua atenção estava muito voltada para outro lugar. Ele viu novamente o modo como as saias dela caíam nos quadris, não suspensas por roupas íntimas estruturadas, mas flutuando perto de sua figura feminina. Ele viu novamente a maneira como seus ombros nus se moviam em um ritmo sensual enquanto a música enchia sua alma. Ele se lembrou de como ela parecia em seus braços na noite anterior, quando o empurrou contra a parede do celeiro, as mãos contra o peito dele, o rosto tão perto do dele. Seu estômago se agitou com um fogo crescente que era inebriante e excruciante.

Com uma mão fechada em punho, Terry'n bateu em sua testa. Ele deveria dominar a si mesmo, dominar esses sentimentos. Ele era melhor do que isso! Um verdadeiro evanderiano, dedicado aos ensinamentos do santo. Sim, ele sofreu sua cota de tentações carnavais, a memória dos lábios macios de Senhora Liselle e as curvas desejosas o atormentaram vez após vez ao longo dos anos. Como ela o empurrou, provocou e enfraqueceu, tentando quebrar a resolução de seus votos sagrados!

Mas ele triunfou no final. E ao longo dos anos, os pensamentos sobre Liselle haviam desaparecido. Usando o calor que uma vez queimou com tanta agonia dentro dele, ele refinou uma vontade de ferro. Nunca mais ele se permitiria dançar tão perto do precipício do pecado. O fogo da carne mortal

não poderia vencer o fogo sagrado de uma alma totalmente devotada ao serviço da Deusa.

Até agora.

Ele tinha que tirá-la da cabeça. Antes de ir mais longe. Ela era sua oponente. Sua inimiga. Ela se interpôs em seu caminho, tanto em seu caminho para a verdadeira santidade quanto em seu caminho para o sucesso. Ele precisava... ele precisava...

Ele precisava beijá-la antes que o vulcão dentro dele explodisse.

— Venador.

Era a última voz que ele queria ouvir naquele momento.

— Assombrados, droga! — ele sibilou. Mas ele se virou e ofereceu uma saudação nítida. — Dominus. — disse ele, com o queixo erguido e o rosto mascarado de atenção.

O trovão se acumulou na testa de Fendrel enquanto ele caminhava pelo chão, o estalo dos saltos das botas ecoando nas paredes. A luz da sombra cintilou em seus olhos e Terryn percebeu que a sombra do Dominus estava lutando contra suas amarras. Isso era diferente do que o Fendrel que Terryn conhecia, que normalmente mantinha sua sombra em perfeita ordem. Mas o Fendrel que Terryn conhecia nunca precisou usar três pontas de ferro em seu braço esquerdo.

Fendrel foi até Terryn, rosnando ao falar: — O que você pensa que está fazendo?

— Senhor? — Terryn olhou suavemente para o espaço por cima do ombro de seu antigo mestre.

— Não banque o tolo. — Fendrel pegou Terryn pelo braço e o arrastou pela passagem mais próxima, indo para as partes mais calmas do castelo, mais longe do baile. O instinto saltou nos músculos de Terryn e ele quase arrancou

a mão do homem mais velho. Mas ele manteve a postura, respeitando seu superior, até que Fendrel o arrastou para a longa galeria de retratos e o empurrou rudemente alguns passos para longe. Terry n se endireitou, reassumindo sua postura atenta, com as mãos atrás das costas.

— Você não pode dançar com aquela garota. — disse Fendrel. Ele andava de um lado para o outro como um animal enjaulado.

Terry n pigarreou. — Você me ordenou ou não que a acompanhasse e ficasse de olho nela durante a noite?

Os olhos de Fendrel brilharam. — Não jogue minhas palavras de volta em mim, garoto. Eu disse para olhá-la, não a bajular como um idiota apaixonado.

Um fragmento de gelo frio desceu pela espinha de Terry n. Ele se endireitou mais do que nunca.

— Vou providenciar para que ela seja removida deste bairro. — Continuou Fendrel. — Vou acabar com esta competição ridícula. Mas enquanto isso, você deve evitá-la. A todo custo. Chega disso... — ele acenou com a mão furiosa e vaga. — O que quer que eu tenha testemunhado agora. Você deve se lembrar de quem você é; você deve se lembrar para onde está indo. Você deve se lembrar dos planos que tenho para você. Eu não quero você arrastado diante do Conselho, acusado de se deitar com sua própria irmã de caça. Eles exigirão sua cabeça por isso, e nenhum poder neste mundo irá salvá-lo, seja seu corpo ou sua alma.

O olhar de Terry n se fixou no mais próximo dos retratos pendurados na parede em frente a ele, a imagem da Rainha Leurona, seu príncipe bebê sentado em seu colo. Seus frios olhos azuis se fixaram nos de Terry n como uma imagem no espelho.

— Entendeu? — Fendrel se plantou na linha de visão de Terry, interrompendo sua visão da rainha. — O que você tem a dizer sobre você?

Terry esperou um pouco antes de falar. Mas ele precisava saber. — Quem é ela?

As narinas de Fendrel dilataram-se e a luz da sombra faiscou em seus olhos.

— Quem é ela? — Terry persistiu. — Você a conhece. Você a conheceu antes. Mas como, por que, quando ou onde, não posso adivinhar. Eu te conheço desde que me lembro, Fendrel. Servi ao seu lado a maior parte da minha vida, mas não sei como você e ela estão conectados.

— Não importa. — A voz de Fendrel estava áspera em sua garganta.

— Ela importa. — Terry apertou seu pulso esquerdo com força, lutando para controlar seu temperamento. — Porque de onde estou, Ayleth, Venatrix di Ferosa, salvou duas vezes a futura Rainha de Perrinion de uma bruxa. A mesma bruxa que conseguiu frustrar você uma e outra vez. Ela provou ser fiel à Ordem, atirando-se nas próprias garras da morte por causa daqueles a quem serve. E não é só desta vez, Fendrel; eu a vi fazer isso inúmeras vezes.

Fendrel se virou, os ombros arqueando. Uma aura perigosa gotejou do centro de seu espírito, forte o suficiente para fazer Terry hesitar. Mas Terry estava muito zangado agora. Ele continuou, independentemente.

— Ela é a mais habilidosa, a venatrix mais bem treinada? Dificilmente. Mas ela é a mais dedicada à proteção de seu bairro do que qualquer pessoa que já conheci. O próprio Santo Evander não conseguia encontrar falhas em sua coragem, em sua paixão, e ainda assim você, você Fendrel, parece considerá-la uma espécie de demônio. E porquê? É só porque ela está no meu caminho? — Com essas palavras, Terry

se plantou na frente de Fendrel, tentando forçar o homem a encontrar seu olhar. — É assim que você tão pensa pouco de mim?

Fendrel não se virou, mas desviou os olhos, olhando para o lado em vez de olhar para Terry.

— É assim que você pensa tão pouco das minhas habilidades? — Terry persistiu, cada palavra tensa com raiva de modo que sua voz profunda ameaçou quebrar. — Você duvida que eu possa provar que sou digno de Wodechran aos olhos de Gerard? Você duvida que eu possa tomar Milisendis por meu próprio mérito? Então deixe-me dizer uma coisa: eu também duvido. Porque eu não posso começar a me lançar em cada caçada com metade da paixão que vejo em Venatrix Ayleth!

— Esse é um discurso bastante ardente vindo de você. — Fendrel retumbou. Mas havia algo estranho em sua voz agora. Não a raiva que Terry havia sentido antes. Algo mais. Alguma emoção poderosa que não fazia sentido. Algo como... como tristeza. Isso perturbou Terry, e ele retrocedeu um passo, cruzando os braços defensivamente.

Fendrel suspirou e passou a mão pelo rosto. — Eu conheci uma venatrix uma vez... — ele disse. — Que lutou tão ferozmente como você acabou de descrever. Ela daria sua vida em um piscar de olhos pelo bem de outro. Mas uma paixão assim... é perigosa, Terry. Pode levar à queda de reinos se não for controlada.

Terry franziu o cenho. — Fendrel... — ele disse. — Você precisa me dizer a verdade. Quem é Ayleth e porquê que você deva temê-la?

— Eu não tenho medo dela. — A cabeça de Fendrel se ergueu e a luz da sombra brilhou novamente. — Eu nunca vou temer ela ou qualquer um de sua espécie. Eu coloquei todos eles sob meu calcanhar e irei moê-la

também. Porque, Terryn, aquela garota, aquela criatura com quem você estava apenas dançando, ela é...

Sua voz foi sumindo. Seus olhos se arregalaram. Terryn, aguentando aquele silêncio, esperando com o coração na garganta pelas próximas palavras que seu antigo mestre falaria, quase estendeu a mão e pegou o Dominus por seu gibão, quase o sacudiu até que seus ossos chocalharam. Mas Fendrel se virou e olhou para trás ao longo da galeria.

— Você ouviu isso? — ele disse.

Terryn inclinou a cabeça. Ele não ouviu nada, não com seus ouvidos mortais. Mas estendendo a mão provisoriamente para dentro, sob o cantarolar da música Supressão, ele acessou os sentidos de sua sombra e os lançou fora de maneira penetrante.

Um grito. O grito de uma mulher. Uma voz que Terryn reconheceu imediatamente.

— Fayline. — Ele murmurou.

Ele estava em movimento primeiro, mas Fendrel estava apenas uma fração de segundo atrás. Eles desceram a galeria, saíram para a passagem e correram pelo corredor repleto de guirlandas em direção às portas dos fundos. Quando eles irromperam no ar noturno aberto, outro grito assaltou seus sentidos, tanto sombra quanto mortal.

Então a voz de Gerard gritou: — Longe de mim! Cai fora!

— Você não me vê? Você não me conhece? Diga meu nome! Diga meu nome, meu amor!

Terryn quase caiu dos degraus da caminhada para o lago em sua pressa, e apenas a mão de Fendrel agarrando seu cotovelo o impediu de cair na água. Os dois derraparam e se viraram, avistando a cena em andamento.

Liselle, desabada em uma pilha de saias aos pés de Gerard, puxou seu cabelo, rasgou seu rosto até que o sangue jorrou de longos cortes e manchou suas unhas. — Sou eu, Gerard! Sou eu! Eu voltei por você. Tem ideia do que sofri para estar com você de novo? Você sabe os horrores que eu vi?

— Você não pode ser ela. — Gerard respondeu. Uma de suas mãos agarrou a sua, e ele lutou desesperadamente para se libertar. — Ela está morta. Ela se foi. Foi para os Assombrados.

— Oh, eu estive nos Assombrados. — A voz que saiu da boca de Liselle ficou sombria e terrível, dificilmente humana, mas ainda pertencia reconhecidamente a Fayline. E do centro de sua alma brilhou o brilho de uma sombra Evanescer, quase cegando em sua potência. — Eu experimentei aquele inferno. E eu nunca vou voltar, eu te digo! Mas eu não posso viver neste mundo sem você, Gerard. Você deve vir comigo agora. Eu vou te levar embora comigo. Ainda estamos casados um com o outro, lembra? Aqueles votos que você falou esta noite nada mais são do que palavras, pois nossos votos ainda estão de pé! Mas iremos embora juntos, mesmo como sempre fomos feitos para...

— Solte-o, Inren!

A voz de Fendrel rugiu pela noite. A sombra virou-se com um assobio, e o dardo de Fendrel zuniu no ar. Ela desapareceu, e o dardo voou para a água. Mas o grito de Fendrel tinha servido ao seu propósito, pois ela havia soltado o príncipe antes de desaparecer.

Terryn alcançou a dobra secreta de seu uniforme de gala, retirando a Morte Gentil. Ele não tinha um veneno de Evanescer nele, pois aquela sombra deveria ter sumido. A própria Ayleth disse a ele que a vira ser engolida pelos Assombrados. Ela mentiu para ele? Ou simplesmente entendeu mal o que viu?

— Abaixese! — Fendrel gritou, pegando Terryn pelo braço e puxando-o no momento em que um raio de escuridão explodiu no ar onde ele estava. Liselle entrou, seus olhos brilhando com magia e malícia, sua boca risonha torcida em um olhar malicioso horrível. Com um grito desumano, ela se lançou contra Fendrel. Ele afastou a mão esquerda dela, mas a direita agarrou sua camisa.

— Venha comigo, Venador. — disse ela.

Fendrel engasgou.

— Não! — Terryn gritou e atacou a sombra. Mas outra explosão de escuridão o derrubou. Liselle e Fendrel desapareceram nos Assombrados.

CAPÍTULO 18

O rei estava olhando para ela novamente. Nenhum lugar no salão de baile lotado parecia estar a salvo de seus olhos.

Ayleth conseguiu segurar um copo de algo fresco da mesa de refrescos e disparar de volta para trás de sua árvore, mas cada vez que espiava da tela de seus galhos com fitas, ela se via encontrando o olhar de Gardin. Ele se sentou ereto em sua cadeira semelhante a um trono no estrado, as mãos apoiadas nos braços, sua atitude relaxada. No entanto, havia uma lâmina de tensão em seus olhos, traindo seu verdadeiro estado de espírito. Embora sua sombra estivesse suprimida, Ayleth não precisava dos sentidos de Laranta para sentir a energia do campo de batalha que emanava da alma de Gardin. Energia que se concentrava em cada movimento seu.

Ela deveria se sentir lisonjeada? Possivelmente... se ela conseguisse acreditar que a fixação do Rei Escolhido por ela era devido ao seu heroísmo ou mesmo à sua beleza. Mas ela não conseguia afastar a memória daquele lampejo cheio de terror em seus olhos quando ela se curvou diante dele no dia anterior.

Ela recuou para trás da árvore novamente. Quanto tempo ela deveria ficar neste baile, afinal? Ela tomou outro gole de seu copo e olhou através das folhas, examinando a multidão e planejando mentalmente sua rota de fuga. Se seus olhos se desviaram em busca de uma certa figura alta com uma faixa vermelha, ela os controlou rapidamente. Porque ela se importava para onde Venador Terryn tinha ido? Ou Senhora Liselle também, para falar a verdade. Eles estavam sem dúvida escondidos juntos em algum canto escondido do jardim, ou...

Ayleth balançou a cabeça bruscamente e deu um passo para trás, para trás de sua cortina de vegetação. Seu pé pisou em uma saia dela... ou assim ela pensou até que ouviu alguém suspirar.

— Assombrados! — Ayleth sibilou e se virou para se encontrar olhando para os enormes olhos de Senhora Cerine por trás do véu fino.

Cerine piscou rapidamente. — Eu sinto muito! Não percebi que havia alguém aqui. Eu... Eu só estava tentando...

— Se esconder?

A senhora apertou os lábios em um sorriso fino e encolheu os ombros. — Talvez.

Ayleth puxou para o lado uma faixa de suas saias abundantes para abrir espaço para as de Cerine. — Há muito espaço. Além disso, estou planejando minha fuga.

— Você não gosta de danças, Venatrix?

— Hum. Não. — Ayleth olhou para Cerine. — Nem você, eu suponho.

Desta vez, a senhora abriu um sorriso verdadeiro, embora breve. — Não. Sinto falta do meu scriptorium, para ser honesta. Eu estava treinando para ser um escriba, antes... — Ela acenou com a mão vagamente para a nobre companhia, as luzes, a exibição de riqueza, a música. — Antes de tudo isso.

Lembrando-se da noviça que conheceu nas ruínas de Cró Ular, Ayleth assentiu. Apesar de seus melhores esforços, ela percebeu que gostava de Senhora Cerine d'Aldreda. Ela tinha toda a intenção de não gostar de quem estava amarrado em uma coroa e joias para se casar com o Príncipe Dourado. Ninguém, ela acreditava, poderia ser igual a ele. Mas essa garota era mais do que uma linda boneca envolta em diamantes e sedas. As lembranças de sua última luta com a Bruxa Fantasma eram fracas e confusas, mas Ayleth

manteve uma imagem particularmente vívida da noviça de cabelo raspado de pé sobre ela com pedaços quebrados de um penico nas mãos.

Cerine tinha coragem. Mais do que isso, ela tinha verdadeira coragem onde importava. Ninguém jamais seria igual a Gerard. Mas talvez... talvez essa jovem pudesse chegar perto.

Sem saber o que mais poderia dizer, Ayleth deu um último gole em seu copo e olhou de volta para o salão. Ousando um olhar na direção do trono do rei, ela estremeceu ao encontrar seu olhar sobre ela mais uma vez. Deusa lá em cima, ele não poderia esquecê-la por um instante? Já passava da hora de partir.

Ela deu o primeiro passo para se atirar para fora da folhagem, mas antes de dar o segundo, Cerine segurou-a pelo cotovelo. — Sinto muito, Venatrix, mas eu tenho que perguntar... Você viu o príncipe?

Em toda a sua confusão e desconforto, Ayleth percebeu que havia perdido a noção do paradeiro de Gerard. Ela se virou agora, examinando a multidão novamente, tentando ignorar o olhar constante de Gardin. — Eu não vejo...

Um grito cortou os sons festivos do salão de baile. Ayleth quase pulou fora de sua pele. Outras vozes gritaram em resposta à primeira, tornando a cacofonia tão avassaladora que Ayleth não conseguiu discernir a fonte do terror.

A multidão na pista de dança se espalhou, caindo sobre si em seu desespero para fugir. No epicentro de sua fuga, uma nuvem de fios oblivis entrelaçados se dissipou enquanto se espalhava, revelando Senhora Liselle... e, deitado a seus pés, Fendrel, seu gibão ainda agarrado em sua mão, as costas arqueadas dolorosamente contra seu aperto.

Por um momento, Ayleth ficou paralisada, incapaz de acreditar no que via. Por um segundo fôlego, ela percebeu que não apenas sua sombra estava

suprimida, mas ela não tinha armas, nem tubos... Assombrados, droga, ela nem tinha um par de calças!

Na terceira respiração, ela entrou em ação.

Ignorando como as costuras sob seus braços se rasgaram, Ayleth se lançou por entre os foliões gritando e se jogou na mesa de refrescos. Ela tinha visto um leitão exposto em uma bandeja de prata e tinha quase certeza de que uma faca de trinchar estava ao lado dele. Em sua pressa, ela bateu na mesa, derrubando pratos balanceados, copos e jarras de água e vinho. Lá estava a faca! Ela a agarrou pela lâmina, sacudindo-a rapidamente no ar e agarrando-a pelo cabo. Então ela girou para enfrentar a pista de dança.

Everild já estava lá.

A venatrix mais velha, vestida com seu uniforme de gala, tomou uma posição de tiro do outro lado do salão, mirando seu escorpião nas costas expostas de Liselle. Assim que ela deu o tiro, um senhor em fuga empurrou seu cotovelo e sua pontaria foi aberta. O dardo estalou e deslizou inutilmente pelo chão.

A Liselle tomada pela sombra, vendo o dardo, largou Fendrel e girou para enfrentar Everild. Um sorriso terrível apareceu em seu rosto. Os olhos de Everild se arregalaram e ela cuspiu uma maldição antes de dar dois passos à frente no momento em que a sombra desapareceu em outra explosão de escuridão. Everild caiu de joelhos, evitando por pouco os braços agarradores de Liselle enquanto ela cambaleava para fora do vazio atrás dela. A venatrix balançou seu braço esquerdo, a ponta de ferro em sua braçadeira assobiando no ar. Mas ela não foi rápida o suficiente.

Liselle saiu do mundo e voltou, desta vez diretamente na frente de Everild. Ela pegou a venatrix pelo cabelo curto e bateu com o rosto no chão. Everild ficou mole como uma boneca.

Ayleth rugiu e deu um passo. Seu pé ficou preso nas dobras de seu maldito vestido de Assombrados, e ela caiu pesadamente de joelhos. A faca escorregou de seus dedos e deslizou, girando pelo chão, de volta ao vaso de árvore onde ela se refugiou momentos atrás. Puxando-se para cima, tropeçando, Ayleth lutou para alcançar sua arma, mesmo quando outra onda de movimento atraiu seus olhos de volta para a pista de dança.

Os guardas que haviam permanecido tão solenemente ao longo das paredes agora inundaram o estrado, doze fortes, todos com armas erguidas em um escudo eriçado de aço afiado. O Rei Guardin já estava na metade da escada e se jogou nas costas dos dois guardas que estavam em seu caminho, gritando: — Não! Deixe-me passar! Meu irmão!

Sua palavra como rei foi ineficaz contra seus homens. Embora ele lutasse, três deles o agarraram pelos braços e pelas costas de suas roupas finas, puxando-o para longe e para fora por uma das janelas altas, Guardin lançando maldições e ameaças a cada passo.

Foi um gesto de coragem por parte daqueles guardas. Se a tomada pela sombra estivesse interessada neles ou em seu mestre, todos poderiam ter sido arrastados para os Assombrados em instantes, sem defesa, nada que pudessem fazer para revidar. Mas os espíritos dentro de Liselle não pouparam mais do que um olhar de passagem para o rei. Em vez disso, uma figura se aproximando da pista de dança chamou sua atenção, uma figura vestindo roupas verdes e douradas berrantes.

O rosto do duque d'Aldreda estava mais pálido do que Ayleth jamais vira, totalmente branco sob o topete vermelho e o tapa-olho bordado. Ele olhou nos olhos de Liselle tomada pela sombra.

— Inren. — disse ele. — Eles me disseram que você foi banida para os Assombrados, onde você pertence.

Liselle inclinou a cabeça de forma atraente, jogando seu cabelo dourado como uma criança. — Oh, querido pai, eu não sou ela. Você realmente deseja ver sua filha mais velha vinculada aos Assombrados?

O único olho do duque se arregalou. — Fayline. — Ele murmurou. Uma luz semelhante à esperança encheu seu rosto, uma luz muito distorcida pela tristeza para ser real, e ele deu um passo em direção a ela. — Fayline, é você mesmo?

— De fato. Infelizmente, não na carne. Minha carne estava estragada, arruinada. E então você foi e a queimou. Eu precisava encontrar um novo hospedeiro, e o corpo da querida Liselle se apresentou no momento oportuno. Eu tinha providenciado para que ela ainda tivesse uma das âncoras da bruxa nela, então quando nossos espíritos foram soltos, fomos capazes de usar o que restava de nossas forças para retornar àquela âncora e reivindicar o corpo disponível. — Ela encolheu os ombros e baixou os olhos brevemente. — Infelizmente, não havia espaço dentro para a pobre Liselle. Então, nós a expulsamos.

— Você não... — disse o duque, embora se afastasse um pouco e sua voz tremesse. — Você nunca tiraria a alma de sua amiga. Liselle era como uma irmã para você.

— Sim, bem, irmãs não significam tanto para mim como antes. — A tomada da sombra rosnou. — Falando nisso, onde está aquela garotinha de véu de noiva? Ela e eu devemos ter uma palavra.

O duque sacou da bainha a espada decorativa que usava. Era uma coisa dourada e enfeitada com joias, mas seu aço era verdadeiro. Ele o segurou firmemente diante dele, seu olhar firme. — Você não é Fayline. — disse ele em uma voz tão terrível que poderia partir corações. — Ela nunca falaria de sua

irmã com tais palavras. Eu te conheço, Inren. Eu fui seu escravo por muito tempo para não a reconhecer.

— Eu não sou Inren! — Liselle gritou. Então ela se lançou para a frente, como se fosse se jogar com o coração na lâmina do duque. Ele investiu, todo o seu corpo se estendendo para o impulso. Mas antes que a ponta de aço acertasse seu seio nu, a sombra entrou no caos da escuridão.

O duque cambaleou e caiu sobre um joelho. Seu único olho se ergueu para encontrar o de Ayleth do outro lado do salão. Ele olhou para ela sem reconhecê-la, piscando, boquiaberto.

Liselle reapareceu atrás dele e o pegou pelo cabelo no topo de sua cabeça. Rangendo os dentes para que o sangue e a saliva voassem, ela arrancou uma adaga escondida nas dobras de seu vestido volumoso e a cravou na garganta do duque.

Seu grito foi interrompido abruptamente em um jorro de sangue. O vermelho respingou em uma mancha brilhante sobre seu colete perfeitamente cortado. Ele largou a espada com estrépito, pressionando as duas mãos no ferimento. O sangue jorrou por seus dedos adornados com joias, uma fonte imparável. Seu corpo se contorceu e ele sufocou, lutou e caiu... e morreu.

Um grito horrível saiu da boca de Liselle, e ela balançou a cabeça freneticamente, olhando para o corpo quebrado de d'Aldreda. — Eu não queria! Eu não queria, pai! — ela chorou. Então ela sorriu o sorriso de um lunático. — Mas Inren sim, e oh! Oh, como ela está feliz!

Ayleth, observando tudo isso como se acontecesse em um mundo distante, sacudiu-se com força. O suficiente. Sua mão buscadora encontrou a faca e ela se levantou. Com um corte rápido, ela cortou uma longa fenda na frente de seu vestido de seda. Ela ainda estava presa no espartilho apertado e não tinha Laranta, mas não aguentaria mais um minuto.

— Fayline! — ela gritou.

A cabeça dela virou bruscamente, e o rosto adorável de Liselle se contorceu de fúria. — Maldita. Eu deveria ter matado você.

Ayleth jogou sua faca. Ela não se importou naquele momento se ela causasse uma morte violenta. Ela colocou toda a força de seu braço naquele arremesso, e a faca assobiou no ar e cortou a nuvem de oblivis girando onde o olho de Liselle estivera um instante antes.

Ayleth praguejou e se atirou ao chão, preparando-se para o reaparecimento da sombra ao lado dela. Que outra arma ela poderia encontrar? Um prato quebrado derrubado da mesa atraiu sua atenção, e ela cambaleou em direção a ele, pensando talvez em usar a borda afiada.

— Pai?

A voz trêmula chamou a atenção de Ayleth. Cerine estava parada na porta do salão de baile, o véu retirado do rosto, a pele branca como a de um fantasma. Ela foi pega no meio da multidão de pessoas correndo em terror para fora da sala, mas lutou para voltar. Seus olhos se fixaram no cadáver caído em uma poça de sangue.

— Minha senhora, saia daqui! — Ayleth gritou. A sombra poderia reaparecer a qualquer momento.

Mas Cerine, surda ao grito de Ayleth, cambaleou pelo chão polido onde, poucos minutos antes, dançarinos giravam de alegria. Ela se ajoelhou ao lado do corpo de d'Aldreda. — Pai, pai! — ela gritou, agarrando seus ombros. — Pai, levante-se!

A pequena tola. Ela não percebeu o perigo em que estava? Ayleth agarrou seu pedaço de prato quebrado e ficou de pé, pronta para correr até Cerine e arrastá-la fisicamente para fora do salão. Mas para onde ela poderia

levá-la? Onde ela estaria segura quando a sombra poderia aparecer em qualquer lugar, a qualquer momento?

Uma batida de passos, e ela se virou para ver Gerard na porta, sem fôlego, seu cabelo caindo em seu rosto. Terryyn chegou dois passos atrás do príncipe, seu escorpião já estava de pé, seu corpo assumindo uma posição de tiro.

— Cerine! — Gerard gritou, então parou de andar, observando os corpos caídos: Fendrel, Everild, o duque. Emudecido, ele só conseguia olhar.

Terryyn, entretanto, percebeu a situação em um instante. Ele pegou Gerard pelas costas da camisa, puxando-o pelo chão para um canto da sala cavernosa. — Fique lá! — ele latiu, apoiando-se em uma postura ampla na frente do príncipe. — Ela não pode aparecer atrás de você se você estiver de costas para a parede.

Ayleth percebeu imediatamente a sabedoria dessa manobra. Gerard deve ter entendido também, pois ele recuou até a parede, pressionando com força contra o canto. Apenas sua frente permaneceu acessível, e Terryyn ficou lá como um escudo humano. — Cerine, venha até mim! — Gerard chamou sua noiva.

Ainda chorando sobre o corpo do pai, Cerine parecia não o ouvir. Ayleth agarrou seu prato quebrado e foi em direção à garota, com a intenção de pegá-la e empurrá-la para aquele canto junto com Gerard.

A voz de Terryyn a interrompeu no meio do passo. — Venatrix, arme-se! — ele latiu.

Ayleth se virou e encontrou seu olhar, sem saber o que ele queria dizer. Seus olhos se voltaram para o corpo caído de Everild, não muito longe de onde ela estava. É claro!

Pegando as saias com as duas mãos, Ayleth correu para o lado de Everild e se agachou ao lado dela. Quando ela rolou a venatrix de costas, ela engasgou de surpresa e alívio ao perceber que Everild respirava. O rosto da mulher era uma massa de sangue, seu nariz quebrado, mas ela estava viva.

Com os dedos trêmulos, Ayleth desamarrou o escorpião decorativo, mas funcional, do braço direito de Everild, depois pegou várias aljavas e venenos. A venatrix tinha pensado em trazer um veneno Evanescer com ela? Não, por que ela iria? A única sombra Evanescer conhecida foi presumivelmente banida para os Assombrados.

Em vez disso, Ayleth agarrou a Morte Gentil e se levantou, assumindo uma posição defensiva. Algum instinto a fez olhar para a venatrix caída uma última vez. Os tubos Vocos em sua bainha no cinto de Everild atraíram seus olhos, e sua mão alcançou o instrumento.

Outro raio de escuridão, apenas à sua esquerda.

Ayleth girou agachada, seus dedos agarrando o Vocos. Ela levantou o escorpião armado com a Morte Gentil, mas suas ações foram muito rápidas, seu objetivo não era certo. O dardo voou longe, errando a Liselle tomada pela sombra por um pé ou mais, e se chocou contra um pilar.

A bruxa enfrentou Terry n no canto, mas olhou além dele para Gerard. — Meu amor, você se esconde de mim? — ela disse, sua voz quebrando com lágrimas. — Não me olhe assim, Gerard! Eu sou um monstro para você?

— Não responda a ela. — Rosnou Terry n, dando um passo para trás, deixando quase nenhum espaço entre ele e o príncipe. Gerard olhou para Liselle por cima do ombro do venador, seu rosto ferido.

Seus olhos se moveram. E o que possuía o corpo de Liselle seguiu seu olhar e viu Cerine agachada sobre o corpo de seu pai, congelada como um rato sob o olhar do gato.

— Não, não, não. — Sibilou Ayleth, procurando outro dardo. Antes que ela pudesse carregar sua arma, a tomada de sombra desapareceu novamente, e desta vez Ayleth sabia exatamente onde ela reapareceria. Ela lançou a Morte Gentil no escorpião e girou-o, apontando-o para o espaço vazio logo atrás de Cerine, que se sentou ereta, afastando-se do pai morto e começou a recuar.

O mundo se abriu e, através da lágrima, apareceu Liselle tomada pela sombra em uma nuvem de oblivis. Ela tinha se posicionado perfeitamente, em um ângulo que o corpo de Cerine servia como um escudo bloqueando qualquer chance de um tiro certo de Ayleth ou Terryn. Cerine reconheceu sua posição vulnerável e se lançou para frente, tentando acertar um tiro para os venadores. Mas Liselle a agarrou pelo braço e, torcendo-se dolorosamente, puxou-a para cima, puxando-a contra o peito.

— Mova um dedo, qualquer um de vocês, e ela morre!

Ayleth congelou. A adaga de Liselle, ainda manchada com o sangue de d'Aldreda, apontou para a garganta de Cerine.

— O que você me diz, irmã minha? — A voz de Fayline sibilou através do sorriso de Liselle enquanto ela fazia cócegas na ponta da adaga para cima e para baixo na pele de Cerine, ao longo de sua mandíbula e descendo até a clavícula. — Você gostaria de fazer uma jornada para os Assombrados? Eu poderia deixar você lá com bastante facilidade.

— Pare!

A voz de Gerard ecoou pelo salão, atraindo todos os olhos para o canto onde ele estava. Terryn se endireitou, tentando se tornar uma barreira impenetrável entre o príncipe e a sombra, mas Gerard empurrou o cotovelo de seu venador, uma mão estendida.

— Fayline... — ele disse, sua voz suave e gentil. — Fayline, chega disso. — Seu olhar voou em direção à pista de dança onde o duque d'Aldreda jazia

em sua poça de sangue, onde Everild e Fendrel esparramavam-se inertes, mas ele rapidamente voltou a concentrar sua atenção na sombra. — Fayline, isso não é obra sua. Eu sei que não. Você não é perversa; você não é cruel.

A Liselle da sombra deu um puxão mais forte no braço de Cerine e a garota choramingou. — Você não sabe o que eu sou. — disse Fayline pela boca de Liselle. — Você não sabe o que eu tive que me tornar. Tudo para que eu pudesse voltar para você! Mas o que eu encontro ao retornar? — Ela pressionou o gume da lâmina com mais força e o sangue escorreu pela pele branca de Cerine, acumulando-se na cavidade da clavícula.

— Pare, por favor. — Gerard disse, sua voz apenas ligeiramente trêmula. Embora Terryn estendesse um braço, tentando contê-lo, ele sacudiu a cabeça e forçou a passagem pelo venador. Dando três passos cuidadosos, ele nunca desviou o olhar da sombra. — Minha... minha querida, deixe-a ir. Ela não merece...

— Não merece o quê? Morrer? — A sombra riu horivelmente, mas puxou a lâmina da garganta de Cerine para acená-la em um gesto amplo. — Essa pequena prostituta traidora que roubou você de mim? Enquanto eu estava sofrendo na escuridão da Floresta da Bruxa, enquanto meu próprio corpo me traiu, enquanto minha alma era esmurrada e torturada e quase expulsa na escuridão, ela entrou e cortejou você com suas palavras astutas e sua inocência venenosa. Ela não podia esperar até que eu fosse embora para que ela pudesse fazer sua jogada! E você ousa ficar aí e me dizer que ela não merece tudo que eu posso dar a ela?

— Ela não importa. — Gerard balançou a cabeça lentamente. O músculo sob seu olho se contraiu, mas sua voz estava firme. — A única que importa é você, Fayline. Você é a única que eu já vi. — Ele estendeu a mão direita, virou a palma para cima, estendendo a mão para ela como se pedisse uma dança. —

Por favor meu amor. Leve-me. Leve-me com você e iremos embora juntos. Você e eu, como sempre fomos feitos para ser. Deixe Cerine e me dê sua mão. Dê-me sua mão, Fayline.

Os olhos de Ayleth se moveram para Terryn. Ela viu como ele se concentrou, viu que se a sombra soltasse Cerine, mesmo que por um segundo, ele atiraria. Ela silenciosamente pediu que ele ficasse quieto, para não chamar atenção para si mesmo.

Mas a sombra não se moveu. Ela esperou enquanto Gerard se aproximava cada vez mais. Ayleth queria gritar, queria avisá-lo para não se aproximar mais! Suas costas agora bloqueavam diretamente a linha de visão de Terryn, e Terryn teria que mudar sua posição para disparar, o que lembraria imediatamente à sombra de sua presença.

— Que quadro interessante.

O choque de uma nova voz falando no meio da tensão quase arrancou um grito dos lábios de Ayleth. Embora ela odiasse desviar o olhar da sombra de Liselle, ela se virou, olhando para as sombras do estrado, onde uma figura curvada e murcha emergiu, arrastando gloriosas vestes douradas.

A velha avó sorriu como se abençoasse todos os presentes. — Parece que estamos em um impasse aqui, meus queridos. — disse ela.

CAPÍTULO 19

— Quem é você? — Fayline exigiu, zombando do rosto de Liselle para a velha. Ela puxou Cerine de volta contra ela com mais força do que antes. — Eu conheço você?

A velha sacerdotisa saiu das sombras para a luz dourada dos lustres. Seu pescoço flácido parecia estremecer em seu esforço para sustentar o adorno de cabeça ornamentado empoleirado no topo de sua cabeça, e seus braços magros estavam sobrecarregados pelo bordado dourado de suas vestes. Quando ela era mais jovem e mais forte, ela deve ter sido uma visão inspiradora, mas agora havia algo grotesco em sua figura gorda e cambaleante envolta em roupas tão lindas.

Ela se endireitou. Os ouvidos sensíveis de Ayleth ouviram um suspiro e ela olhou para Terry. Seu braço de disparo baixou e o sangue foi drenado de seu rosto, deixando-o mortalmente pálido.

— Ah. — A sacerdotisa disse, gargalhando deliciada. — O venador me conhece. Mas, novamente, ele deveria... meu doce bichinho de estimação de tempos passados.

— Ylaire. — disse Terry, e balançou seu escorpião de volta à posição, mirando ao longo de seu comprimento. — Apodreça no inferno! — Mas ele não atirou. Ele ficou parado como se estivesse congelado, o braço tenso, todos os músculos tensos, os olhos saltando do crânio.

A velha sacerdotisa estava de pé em frente a ele, com o braço erguido e os dedos tensos. E embora Laranta ainda estivesse reprimida dentro de Ayleth

sob os feitiços da música, ela quase podia sentir o poder pulsante dos fios de maldição. A sacerdotisa foi tomada por uma sombra.

— Ylaire. — Sussurrou Ayleth em eco de Terryn. Como um trovão, o reconhecimento atingiu: a Bruxa do Ardor.

Ela não parou para pensar em seu próximo movimento. Ela agiu em um suspiro, naquele último suspiro que ela tinha antes de a Bruxa do Ardor se virar contra ela. Empurrando o Vocos em sua boca, ela soprou o mais forte que pôde, uma nota única, curta, horrível e penetrante.

O som estilhaçou seus sentidos, gritando em cada cabeça naquele salão. Bruxa do Ardor, Fayline, Cerine, Gerard, sombra ou não, todos eles gritaram e se afastaram daquela explosão como lâminas cortando as orelhas. Apenas Terryn permaneceu congelado onde estava, incapaz de reagir.

Ayleth largou os canos, com os braços abertos, a cabeça jogada para trás, os olhos fixos no teto, mas não vendo nada. Nada além do turbilhão selvagem de puro poder dentro de sua cabeça.

Laranta se levantou. A magia correu logo abaixo da pele de Ayleth, primeiro quente, depois mais quente, depois abrasadora. Um redemoinho de força sobrenatural, brilho e dor explodiu em cada veia de seu corpo, surgiu em cada cabelo, cada molécula. Que tola ela era ao pensar que poderia controlar isso! Que tola ela era ao imaginar que estaria segura! Sua alma certamente se desprenderia de seu corpo e voaria como uma bandeira arrancada de seu mastro em um vendaval.

Laranta brotou da cabeça de Ayleth e manifestou-se diante dela no chão do salão de baile, grande como um cavalo, os olhos como carvão em brasa, as presas cintilando. A sombra virou sua enorme cabeça e olhou Ayleth diretamente nos olhos.

Qual a necessidade, senhora? ela rosnou.

Ayleth caiu de joelhos, quase incapaz de suportar o peso do poder dentro dela. No entanto, ela percebeu, sua alma permaneceu ascendente. Todo o poder e força de Laranta fluíram através dela, mas ainda estava sob seu comando.

Qual necessidade? Laranta perguntou novamente, rosnando em sua ânsia sanguinária.

— *A Bruxa do Ardor!* — gritou Ayleth, tanto em sua cabeça quanto em sua boca mortal. — *Pare a Bruxa do Ardor!*

Laranta se voltou para focar seu olhar ardente na forma trêmula da velha sacerdotisa. Com o poder de sua sombra em chamas em sua cabeça, flamejando por todo seu corpo, Ayleth viu a terrível forma do espírito ascendente dentro daquela hoste murcha. Um anathema horrível entrelaçado com a alma da bruxa, uma coisa se contorcendo, sangrenta, como uma cobra.

A bruxa gritou, açoitando o ar com uma mão nodosa. Um raio da maldição Anathema disparou do espírito em seu núcleo, correndo direto para Laranta. Atingiu a sombra do lobo com força e Laranta cambaleou com o golpe. A dor ondulou de volta ao longo de sua corrente de alma compartilhada, derrubando Ayleth de seus pés como se o raio tivesse sido apontado diretamente para ela.

Ayleth se levantou novamente em um instante. — *Para mim, Laranta!* — gritou ela, atirando-se diretamente contra a velha.

A Bruxa do Ardor estendeu uma das mãos para afastá-la, mas a próxima maldição que ela lançou não era dirigida a Ayleth. Em vez disso, ela enviou um raio de magia ao longo de um fio diferente. — *Mate o príncipe!* — guinchou a Bruxa do Ardor.

Embora o poder de Laranta surgisse dentro dela, incitando-a a se lançar contra a bruxa, a despedaçar a velha com as próprias mãos, Ayleth parou e se virou. Seus olhos se arregalaram.

Um fio de maldição afiado como uma navalha mergulhou diretamente na alma de Terryn, ancorado pelo sigilo ardente sob a cicatriz em seu rosto. A luz vermelha cegante do sigilo queimou através de sua pele, mas esta agonia não era nada comparada com a própria maldição perfurando seu próprio núcleo. Uma ordem, uma compulsão que ele não podia desobedecer.

No entanto, algo dentro dele resistiu. E sua alma começou a se partir em duas.

Terryn gritou. Era um som totalmente desumano. Ele caiu de joelhos, caiu sobre as mãos, os cotovelos, ainda gritando, a cabeça enrolada no peito.

— Terryn! — Gerard gritou e deu um passo em sua direção.

— Afaste-se! — Terryn rangeu os dentes que de repente se tornaram afiados, rasgando seus próprios lábios. Sua espinha se dobrou, curvou-se e saliências pontiagudas de osso romperam seu uniforme.

O horror agitou-se na alma de Ayleth. Ela conhecia esta maldição. Ela já tinha visto isso antes e sabia o que estava acontecendo. Terryn estava se tornando um monstro.

Ayleth mostrou os dentes, voltando-se para consertar a Bruxa do Ardor com a força de seu olhar. — Deixe-o ir! — gritou ela, e saltou pelo salão de baile. O poder avassalador de Laranta a percorreu de forma que seus pés mal tocaram o chão e suas mãos se estenderam para agarrar a bruxa pelo pescoço. Um instante. Isso é tudo que ela precisava, um instante, e ela quebraria o pescoço do corpo hospedeiro, e a Deusa salvaria todos eles dos espíritos desencadeados pela violência!

Pouco antes de seus dedos se fecharem em torno da velha garganta da bruxa, uma explosão de escuridão apareceu à sua direita. Uma delicada mão branca saiu da escuridão e a agarrou pelo pulso.

— Não toque nela! — uma voz desconhecida rugiu da boca de Liselle.

Ayleth torceu o braço bruscamente, usando a força de Laranta para quebrar o aperto da sombra. Ela se abaixou a tempo de evitar ser pega pela outra mão, e Liselle tomada pela sombra desapareceu. Sabendo que ela tinha poucos momentos antes que o Evanescer reaparecesse, Ayleth se lançou novamente contra a Bruxa do Ardor. Mas a sacerdotisa tomada pela sombra já havia disparado para longe e estava torcendo o fio de maldição que prendia Terryn. Embora seu corpo fosse frágil, os espíritos dentro dele eram potentes e cruéis.

Terryn gritou novamente, então se ergueu mais alto que sua altura humana, um monstro surgindo e crescendo, seus membros deformados, espinhas explodindo em suas costas, ombros, pescoço.

— O príncipe! — gritou a Bruxa do Ardor, puxando o fio da maldição como se puxasse a coleira de um animal de estimação. — Mate o príncipe!

A cabeça de Terryn se virou, pesada, mutante, sua mandíbula aberta para expor horríveis dentes longos, e seus olhos brilhantes fixos em Gerard. O príncipe recuou um passo, dois. Ele estava desarmado, não que qualquer arma pudesse salvá-lo contra tal poder. Ele ergueu as duas mãos.

— Terryn. — disse ele. — Terryn, você me conhece...

Ayleth saltou. A força de Laranta brilhou em seus membros, impulsionando-a através do salão de baile para envolver os braços ao redor da barriga de Gerard, derrubá-lo e carregá-lo a vários metros de distância. Com segurança longe da explosão de pura energia branca que fluiu da garganta de

Terryn, quebrando e derretendo o chão onde atingiu com uma explosão de força mortal.

As costas de Ayleth bateram na parede, seus braços ao redor de Gerard, seu corpo o protegendo do impacto. Eles se espalharam onde pousaram, ambos lutando para colocar os pés de volta sob eles. — O que aconteceu com ele? — Gerard gritou.

Ayleth não teve tempo de responder. As pontas de seu cabelo solto chamuscaram e chiaram com o calor daquela explosão. Terryn permaneceu de pé, ainda derramando cada grama de poder destrutivo naquela única explosão no chão, ainda sem perceber que sua presa havia escapado. Ela olhou para ele, iluminado por sua própria chama letal, e mal conseguia reconhecer Terryn. Ele havia se tornado um monstro, alguma criatura de antes do alvorecer da civilização, anormalmente esmagado na forma de um homem. E dentro daquela forma física ela viu a pulsação de sua sombra Arcana enquanto lutava contra suas amarras, lutando contra o controle da maldição da Bruxa do Ardor.

Em um lampejo, ela percebeu o que deveria ser feito.

Com um grito selvagem, ela se jogou nas costas espinhosas. Laranta voou com ela como uma sombra de lobo ao seu lado e um espírito poderoso dentro dela. Ayleth segurou uma espinha que se projetava da base do crânio de Terryn e envolveu o braço em volta da garganta espessa e coberta de escamas.

— Terryn! — ela gritou, esperando contra a esperança de que ele pudesse ouvi-la através da dor estrondosa e da maldição latejante. — Terryn, solte sua sombra! Isso vai te ajudar! Isso vai parar!

Seu braço longo e disforme balançou para trás, tentando agarrá-la, arrancá-la de suas costas. Ela rapidamente balançou para o outro lado, apenas evitando seu alcance, e reajustou seu aperto em volta do pescoço. Seu corpo

estava quente, derretendo, e as escamas agudas estourando através de sua pele cortaram seus seios e ombros expostos. Ela mostrou os dentes e segurou com mais força.

— Solte, Terryn! — ela gritou novamente. — Solte sua sombra!

— Não! — ele gritou, sua voz distorcida e horrível, um rugido de agonia através de suas presas. Ele a rasgou novamente. Desta vez, a mão dele agarrou o braço dela e a puxou de suas costas.

Mas ela tinha toda a força de Laranta dentro dela agora. Pegando seu braço, ela pressionou tudo o que tinha em seu cotovelo, empurrando contra sua curva natural. Ele pode ter se transformado em um demônio infernal, mas seu corpo ainda respondia à dor.

Ele gritou, e outra explosão de energia disparou de sua boca, quase acertando seu rosto. Ela bateu na cadeira do estrado, quebrando-a em um milhão de pedaços. Ela o pegou pela garganta, fechando sua mandíbula. Seus dedos pressionaram com força, e ela derramou o poder de Laranta em seu aperto, recusando-se a deixá-lo abrir a boca novamente, recusando-se a permitir que outra explosão escapasse. Mas ela viu a magia quente se contorcendo crescendo em seus olhos. Isso iria explodir para fora dele de uma forma ou de outra, iria despedaçar seu corpo.

— Terryn! — ela gritou. — Por favor!

Ele piscou. Por um instante, ela pensou ter visto um lampejo de azul, pensou ter visto um vislumbre de reconhecimento.

Então todo o seu corpo estremeceu, cada músculo espasmando. Ele cambaleou para o lado, arrastando-a com ele, e caiu pesadamente sobre um joelho. Uma mão crescida na espinha agarrou sua saia, mas ela se soltou com facilidade, e ele desabou, esparramado de barriga para baixo com os membros estendidos.

Um dardo estremeceu na nuca.

Ayleth acompanhou a trajetória do dardo de volta à sua origem: Fendrel du Glaive, apoiado em um cotovelo, o rosto pálido e contraído. Seu braço de escorpião ainda estava levantado, tremendo com o esforço necessário para mantê-lo firme. Seus olhos se encontraram por um momento.

Então o Venador Dominus gemeu e baixou a cabeça no chão, incapaz de suportar seu peso por mais tempo.

Ayleth recuou do Terryyn caído. O veneno Arcano ainda o dominaria por horas; ele não era mais uma ameaça direta ao príncipe. Ela girou rapidamente, verificando se Gerard ainda estava parado perto da parede onde ela o havia deixado. Ele a olhou fixamente, a boca aberta, a pele brilhando de suor, o peito arfando enquanto tentava recuperar o fôlego. Mas ele estava vivo e ileso. Por agora...

Ayleth se virou, seu olhar percorrendo o salão de baile. — *Laranta? Laranta!* — ela gritou dentro de sua cabeça. — *Laranta, para onde as sombras foram? Onde estão as bruxas?*

A forma maciça de Laranta apareceu em seu campo de visão, correndo para cobrir cada centímetro do chão, seu nariz se contraiu, seus olhos ardiam. Mas Ayleth podia sentir a verdade mesmo sem as percepções de sua sombra. A Bruxa do Ardor e a Bruxa Fantasma se foram.

E Cerine também.

CAPÍTULO 20

O que ela poderia fazer? Ayleth ficou pasma, olhando ao redor do salão. A luz da sombra faiscou em seus olhos. O que ela poderia fazer? O que ela poderia tentar?

Percebendo as perguntas frenéticas de Ayleth, Laranta redobrou seus esforços, apressando-se em cada remendo de morte em redemoinho onde Liselle tomada pela sombra havia entrado e saído dos Assombrados, mergulhando seu nariz de lobo nas gavinhas venenosas, em busca de algum cheiro que pudesse seguir.

Mas não havia nada. A Bruxa Fantasma tinha evanescido, tendo ambas Ylaire e Cerine com ela. Sem deixar rastro.

A urgência da caça bateu no espírito de Ayleth sem alívio. Quando ela choramingou, o som ondulou ao longo da corda de alma fortemente amarrada que a conectava a Laranta, e sua sombra choramingou também, impotente e frustrada.

— Terryyn!

A voz frenética rompeu a névoa latejante em sua cabeça. Ayleth girou, seu vestido de baile arruinado esvoaçando como as pétalas de uma rosa desfiada. Gerard se ajoelhou ao lado do amigo; sua mão alcançou o dardo Arcano.

— Pare! — Ayleth saltou ao longe e agarrou o pulso de Gerard, puxando seu braço para trás.

— É... é a Morte Gentil? — Gerard exigiu, olhando para ela com os olhos tão cheios de horror que ela quase não conseguiu encontrar seu olhar.

Ayleth abanou a cabeça. — É uma paralisia, nada mais. Isso suprimirá sua sombra e lhe dará tempo para se recuperar.

Gerard baixou o olhar para o corpo deformado de seu amigo. Os terríveis espinhos que se projetavam das costas de Terryn começaram a se retrair e desvanecer, não deixando nada além de buracos em suas vestes. A mão estendida perto dela no chão ainda estava retorcida de dor, mas era uma mão humana, não mais as garras selvagens de alguma besta primitiva.

— O que aconteceu com ele? — Gerard perguntou.

Antes que Ayleth pudesse tentar uma resposta, um movimento chamou sua atenção. Seus instintos ainda estavam tensos, ela girou. Laranta rosnou e saltou para o lado dela, maciça e ameaçadora. Mas até Laranta se encolheu ao ver Fendrel se endireitando, balançando os pés e abrindo as pernas. Sua sombra agitou-se violentamente em sua alma, distorcendo a visão de Ayleth tão dramaticamente que ela teve que lutar para usar seus olhos mortais e ver o homem humano sob a substância espiritual.

Sua sombra, aquele estranho espectro se contorcendo, estava lutando por ascendência.

A mão de Ayleth foi para o seio, mas descobriu pele nua demais e um vestido rudemente usado, em vez das aljavas de venenos que ela esperava encontrar. Seu olhar disparou para Everild inerte, calculando a distância, perguntando-se se a venatrix mais velha tinha um dardo Anathema nela que poderia ser forte o suficiente para suprimir a força crescente da sombra em Dominus Fendrel.

Ela estava se recompondo para dar um salto quando Fendrel destravou a mola de sua braçadeira de braço esquerdo e as três pontas de ferro dispararam de volta, cravando-se diretamente em seu braço. Uma explosão de dor irradiou de seu núcleo, dor física transformada em tortura espiritual. A

visão sombria de Ayleth percebeu isso como uma onda de choque escura de magia, e ela ergueu os dois braços como se para se proteger enquanto ele rolava para fora do Dominus.

— Tio, você está bem? — Gerard perguntou de seu lugar ao lado de Terryn. Ele não conseguia perceber a batalha entre o espírito de Fendrel e o de sua sombra. Ele viu apenas o uso das pontas e o sangue vermelho escorrendo pelo braço de seu tio de três pequenos ferimentos.

Fendrel não respondeu. Os tendões em sua garganta se destacaram como cordões enquanto ele lutava para suprimir um grito. Mas ele não caiu, não vacilou. Ele deixou as ondas de dor rolares sobre ele. Ayleth observou enquanto sua sombra recuava cada vez mais fundo, caindo para trás sob as supressões até que Fendrel estava mais uma vez totalmente sob controle.

Só então Dominus deixou as pontas pularem de volta nas dobradiças, uma respiração trêmula de alívio deslizando por seus lábios. Ele pressionou a mão nas feridas, estancando o fio de sangue. Com os pés instáveis, ele deu um passo, depois outro, caminhando até onde Ayleth e o príncipe estavam agachados sobre a forma caída de Terryn.

Ayleth o estudou com atenção enquanto ele se aproximava. — Como... como você não está infectado com o oblivis? — ela deixou escapar. — Ela arrastou você para o Assombrados! Como você sobreviveu?

Fendrel balançou a cabeça pesadamente e falou com as mandíbulas contraídas pela dor. — Há muito tempo estabeleci uma maldição que poderia usar para agarrar Inren, impedindo-a de fazer comigo o que a vi fazer com tantos de meus irmãos. Ela não poderia me deixar nos Assombrados, não poderia me carregar lá por mais de um instante sem arriscar sua própria segurança.

Deve ser uma maldição poderosa, pensou Ayleth. Não admira que sua sombra tenha subido tão ascendente. Fendrel deve ter cavado fundo para acessar essa quantidade de energia bruta.

O dominus ajoelhou-se, soltou seu braço esquerdo ferido e pressionou dois dedos ensanguentados contra o pescoço de Terryn, procurando o pulso. Satisfeito, ele tocou a feia cicatriz na bochecha de Terryn, seu rosto um estudo de severa concentração sob a película de dor.

Ayleth sabia, sem perguntar, que a maldição da Bruxa do Ardor sobre Terryn não fora quebrada. Com Laranta ascendente, ela podia vê-la, ainda viva e pulsando com magia, embora atualmente subjugada. Poderia ser reativada a qualquer momento.

— Algo pode ser feito por ele? — Perguntou Ayleth.

Os olhos de Fendrel ergueram-se para os dela por um instante. Então ele se levantou, agarrou seu ferimento novamente e rolou brevemente o pescoço. — Cuide dele. — ele rosnou. — Ele vai acordar desorientado e com dores. Não o deixe se mover muito rápido ou muito cedo.

Esta não foi uma resposta à sua pergunta. No entanto, parecia ser a única resposta que ela obteria, já que Fendrel se virou e começou a caminhar em direção à porta aberta do salão de baile.

— Espere! — Gerard gritou, saltando para correr atrás de seu tio. — Precisamos encontrar Cerine! Elas a levaram, Fayline e a sacerdotisa. As bruxas. Elas levaram Cerine. Você tem que me ajudar a encontrá-la.

Fendrel colocou sua mão direita ensanguentada no ombro de Gerard e apertou. — Nós vamos. — Ele disse. — Faremos tudo ao nosso alcance para recuperar sua noiva. Mas agora devo falar com seu pai. E você deve colocar sua casa em ordem, Gerard. Encontre alguém para cuidar de Everild. Cuide de seus convidados. Acalme seus medos, se possível, mas mande-os embora

daqui sem demora. Incentive-os a não falar sobre os eventos desta noite e reprima todos os boatos que puder.

O rosto de Gerard estava ferido. Ele balançou a cabeça e acenou com a cabeça, respirando fundo. Não havia mais nada que ele pudesse fazer. Ele sabia tão bem como qualquer pessoa que a bruxa não deixava nenhum rastro perceptível.

Fendrel deu um tapinha no ombro do sobrinho novamente antes de se virar mais uma vez para a porta. Ele fez uma pausa. Enquanto Ayleth observava, ele soltou a braçadeira com pontas de ferro do braço e, com um único movimento fluido, puxou-a e jogou-a direto para ela. Ayleth a pegou, evitando habilmente as pontas afiadas das pontas ainda manchadas com o sangue manchado pela sombra de Fendrel. Ela encontrou os olhos do dominus.

— Use-a. — disse ele.

Com isso, ele passou pela porta e desapareceu na passagem. Ayleth o ouviu gritar para chamar o guarda da casa, mas sua atenção se fixou naqueles pregos. Fendrel sabia que ela havia liberado o poder de Laranta. Ele podia sentir o poder ascendente de sua sombra. A lei de Evander ditava o uso de dor de ferro para suprimir uma sombra totalmente ascendente.

Isso era ridículo. Não havia necessidade de infligir tanta dor a si mesma ou a Laranta. Laranta não a dominaria, nunca expulsaria sua alma de seu corpo. Laranta...

Ela olhou para cima, encontrando o olhar de sua sombra de lobo, que estava tão grande e tão cheia de magia a apenas alguns passos dela.

Laranta inclinou a cabeça para o lado. *Senhora...* — ela disse. — *Qual a necessidade? Qual a necessidade?*

Ayleth fez uma careta. Ela poderia pegar o Vocos de Everild novamente e tocar a Canção da Supressão. Ela poderia usar os feitiços de supressão com bastante facilidade e sabia que Laranta obedeceria.

Mas... ela sabia com certeza? Laranta, neste estado ascendente, poderia resistir às canções e vencer. E uma vez que tivesse provado aquela força, aquela supremacia, ela se submeteria novamente ao controle de Ayleth?

Gerard a observou. Ela sentiu o olhar dele ao lado de seu rosto, estudando-a, esperando para ver se ela obedeceria a seu Dominus como uma boa venatrix. Usando uma dobra da saia, ela limpou o sangue de Fendrel das pontas. Então, lenta e metodicamente, ela prendeu a braçadeira no braço esquerdo.

Senhora, disse Laranta, dando vários passos em sua direção. *Senhora, o que você fará comigo?*

Ayleth ergueu os olhos cheios de lágrimas, encontrando o olhar de sua sombra de lobo. — *Sinto muito, Laranta.* — disse ela.

Então ela acionou o mecanismo e enfiou as três pontas na carne até o osso.

CAPÍTULO 21

Corpos foram encontrados. Muitos corpos, escondidos em quartos não usados, enfiados debaixo das camas, amontoados em baias vazias. Cinco foram encontrados antes do amanhecer, mas mais ainda poderiam ser descobertos. Uma delas, enfiada em um barril de batata vazio no porão da cozinha, foi identificada como uma irmã Siveline, uma das atendentes mais próximas de avó Didienne.

Aconteceu novamente.

Em uma névoa de horror, Gerard falou com seu guarda, falou com seu chanceler, falou com cada um de seus convidados por vez. Ele manteve a superfície calma. Ele diminuiu o terror que havia acontecido, refutou categoricamente coisas que sabia serem verdadeiras, proferiu promessas que não se lembraria em dez minutos... Ele preservou a paz, restabeleceu a ordem. Ele forneceu prova física e visual de que o reino existia, de que o poder da casa de seu pai permanecia firmemente no lugar, de que a vontade da Deusa prevaleceria.

E o tempo todo, martelando em sua cabeça o pensamento: *Aconteceu de novo. Isso vai continuar acontecendo. Elas nunca serão paradas. Elas nunca serão saciadas.*

A deusa seja condenada. As bruxas destruiriam o legado do Rei Escolhido com as mãos nuas e ensanguentadas.

Elas destruiriam Cerine...

Ele não se atreveu a pensar no nome dela. Toda a falsa fachada de força que ele utilizou para se apoiar se desintegraria, deixando-o fraco e quebrado nos escombros.

As horas avançaram, uma sucessão interminável de tarefas impossíveis. O sol nasceu e subiu no céu, e quando atingiu seu zênite, os pavilhões que pontilhavam o gramado de Dunloch estavam todos demolidos. Os vários grupos de viajantes e foliões se apressaram em deixar para trás as malditas paredes do castelo no lago sagrado. Apenas a comitiva do duque d'Aldreda e as irmãs Siveline permaneceram. Gerard já havia entregado o corpo do duque para seu povo, mas as irmãs... ele não podia enfrentar. Como ele poderia suportar dizer a elas que sua alta sacerdotisa, sua avó, tinha sido tomada por uma sombra? Por uma bruxa, nada menos.

Por fim, quando não aguentou mais, Gerard expulsou todos de seu escritório e ordenou ao Chanceler Yves que fechasse a porta. Por alguns momentos, pelo menos, ele abaixou a cabeça, pressionou a palma das mãos nos olhos e se concentrou em nada mais do que respirar.

Rostos apareceram na escuridão por trás de suas pálpebras, Terryn, deformado e monstruoso com as devastações de uma maldição; Liselle, transtornada com o desgosto de Fayline, vomitando veneno com cada palavra que falava; Fendrel, duro e perigoso com convicção reforçada por terror permanente.

Cerine...

Cerine olhando para ele do outro lado do salão. Seu braço torcido atrás dela, uma adaga em sua garganta.

— Deusa amaldiçoe todos nós. — Gerard sibilou. Isso foi culpa dele; ele deveria enfrentar a verdade antes que ela o esmagasse sob seu peso. Tudo isso era culpa dele: o sequestro de Cerine, a maldição de Terryn, a morte de

d'Aldreda, a posse de Liselle. O tormento de Fayline. Se ele tivesse recusado a insistência do duque para que tomasse Cerine como esposa no lugar de Fayline, nada disso teria acontecido. Mas ele era fraco. Tão fraco.

Ele esfregou as mãos no rosto, enxugando a única lágrima que escapou. Seria muito fácil afundar no desespero, chafurdar, amaldiçoar os céus. Mas isso não traria Cerine de volta. Ele precisava se recompor, precisava definir um plano razoável.

Terryn e Ayleth ajudariam. E Fendrel. E seu pai. Ele não podia deixar as coisas correrem como estavam há quatro anos. Ele não podia deixar Cerine se perder... ou Fayline também.

A alma de Fayline ainda estava presente neste mundo, não expulsa para os Assombrados. — É possível. — disse ele, rangendo as palavras entre os dentes. — Ela ainda pode ser...

Sua voz foi sumindo quando algo chamou sua atenção sob uma pilha de papéis em sua mesa. Um pedaço de escrita que ele reconheceu imediatamente. Ao longo dos anos, ele havia guardado e estudado suas muitas cartas com frequência suficiente para reconhecer a caligrafia de Cerine em um relance.

Mas esta não era uma de suas cartas. Não, este pedaço de papel foi queimado nas bordas. Quando ele o retirou de entre os outros na pilha, ele meio que esperava que se desintegrasse. Mas ele se manteve firme, e quando ele o ergueu para o rosto, seus olhos se arregalaram de horror quando ele percebeu o que era.

Um grande veneno se espalhará pelo coração do meu povo, dando origem à Falsidade reinando em nome da Verdade. Mas vou mandar um campeão. Enviarei aquele a quem escolhi para cortar a cabeça do Falso e conduzir o povo de volta para

mim. Unidos em fraternidade, tanto os tomados à sombra quanto os não tomados permanecerão juntos, estabelecendo um novo legado sob Meu Nome.

Como pode ser isso? Ele queimou o livro inteiro e depois raspou as cinzas na lareira, não deixando nenhum vestígio das heresias de Cerine, nada que pudesse incriminá-la, nada que pudesse levá-la ao bloqueio. Como esse papel sobreviveu às chamas?

E como em nome da Deusa acabou aqui em sua mesa? Esta página tinha voado de alguma forma livre do resto? Cerine, em sua luta frenética, conseguiu salvá-la?

Ou havia outros poderes em ação neste mundo e determinou que ele não se escondesse da verdade?

Gerard olhou para aquelas palavras, tão perto do *Seion-Ebathe* que ele havia sido treinado para recitar enquanto ainda estava em seu berço, e ainda assim tão perigosamente diferente. Seus lábios se moveram quase contra sua vontade, e ele sussurrou: — *Unidos em fraternidade, ambos tomados pela sombra e não tomados...*

A porta se abriu.

Gerard bateu com a escrita de Cerine na mesa, escondendo-a sob sua mão. Então ele se levantou de sua cadeira, afastando-se da mesa. — Tio.

Fendrel entrou no escritório e fechou a porta atrás de si. Ele tinha a aparência de um animal caçado em seus olhos enquanto se movia pelo escritório em direção a Gerard. Seu braço estava amarrado por causa do ferimento que infligira a si mesmo no salão de baile, seu rosto estava abatido após o uso do poder de sua sombra.

Gerard não sentiu simpatia. Ele observou o rosto cinzento de Fendrel como ele observaria o rosto de seu inimigo mais próximo e querido. Ele se

mantinha muito ereto e alto, recusando-se a ser o primeiro a quebrar o silêncio entre eles.

Fendrel deu um longo suspiro irregular e finalmente falou. — Você cuidou de seus convidados então, meu príncipe?

— Eles foram mandados embora. — Gerard disse. — Venatrix Everild abriu a barreira por algumas horas no final desta manhã. Até os pavilhões foram destruídos.

Os olhos de Fendrel percorreram a figura de Gerard para cima e para baixo. Ele ainda usava as roupas de casamento da noite anterior, embora tivesse desabotoado o gibão de um lado, deixando-o abrir para revelar a camiseta de seda. — Você já dormiu? — Perguntou Fendrel.

Gerard balançou a cabeça. Ele estava tão exausto que temia que um passo errado o fizesse cair no chão. Mas ele sabia que se deitasse a cabeça, se fechasse os olhos, só veria o rosto aterrorizado de Cerine a fitá-lo por cima do gume de uma adaga. Ele apenas ouvia a voz de Fayline tornada hedionda com desgosto e ódio, cada palavra que ela derramava em seu ouvido misturada com traição.

Não. Ele não tinha dormido. Ele se perguntou se algum dia voltaria a dormir.

Fendrel suspirou, seus ombros largos caindo de repente, e ele apoiou os nós dos dedos na mesa, apoiando-se pesadamente neles. De alguma forma, parecia errado para Fendrel exhibir até mesmo essa fraqueza momentânea. Ele era o Venador Dominus. O Capuz Negro. Ele foi o herói da Guerra das Bruxas. Como ele ousava, depois de tudo o que tinha feito, revelar alguma vulnerabilidade?

Gerard engoliu em seco, fez uma careta e desviou o olhar, fixando o olhar em sua própria mão, que ainda cobria o pedaço de escrita de Cerine. — E quanto a Terryn? — ele perguntou, sua voz grossa. — Ele já acordou?

Fendrel balançou a cabeça.

Bem, pelo menos alguém estava descansando um pouco. Embora Gerard duvidasse que o sono envenenado de Terryn fosse pacífico.

— O que vai acontecer com ele? — ele perguntou. — Pode... a maldição pode ser quebrada?

Um longo silêncio foi sua única resposta. Gerard mal se atreveu a olhar para seu tio, não querendo ler sua expressão. Ele sabia o que Fendrel diria se pudesse encontrar as palavras. A maldição da Bruxa do Ardor deveria ter sido quebrada. Vinte anos atrás, o próprio Fendrel a havia esculpido do rosto de Terryn. Mas agora que esse esforço se provou ineficaz, o que o futuro reservava para Terryn? A maldição poderia ser quebrada? Ou foi plantada muito profundamente? Ele viveria para sempre sob o domínio de uma bruxa?

Não. Tal vida era inaceitável. Certamente era inaceitável na Ordem de Santo Evander. Se a maldição não pudesse ser quebrada, realmente quebrada desta vez, Terryn receberia a Morte Gentil. E isso seria o fim de tudo.

— Eu convoquei a Phasmatrix Domina. — disse Fendrel. — Vários dias atrás, eu mandei uma mensagem. Ela estará aqui em breve. Ela testará Terryn então.

— Você tem que salvá-lo, tio. — Gerard disse.

Fendrel não falou.

— Você tem que fazer alguma coisa... — o príncipe persistiu. — É... é Terryn.

— Eu sei.

O que mais pode ser dito? Fendrel sabia o que Terryn significava para Gerard. E Gerard sabia tudo o que Fendrel havia planejado para Terryn, ele sabia como Terryn era vital para todos os planos futuros que seu tio tinha em mente. O vínculo entre os dois, meio-irmãos que deveriam ser inimigos

predestinados, fora criação de Fendrel. Se o pai de Gerard tivesse feito o que queria, Terryn teria sido enviado de volta para Talmain no final da guerra, certamente não trazido para o círculo familiar interno, sempre seguindo os passos de Fendrel, sempre acompanhado pelo jovem príncipe.

Sim, Gerard pensou amargamente, até mesmo essa amizade era uma mera invenção forçada aos dois. Não exatamente contra sua vontade; simplesmente independentemente de suas vontades. Mesmo assim, o vínculo era mutuamente genuíno e sincero.

O príncipe baixou a cabeça, que de repente parecia muito pesada. Mais por uma necessidade desesperada de mudar a direção de seus próprios pensamentos do que qualquer outra coisa, ele perguntou: — E meu pai? Como ele está aguentando tudo isso?

Fendrel ergueu a cabeça e encontrou o olhar de Gerard, seus olhos eram como duas pontas de aço. — Seu pai é a razão de eu estar aqui. Eu vim para levar você até ele. É hora disso... — Ele fechou a boca com força, como se tentasse engolir as próprias palavras. Sua mandíbula se mexeu e os músculos de sua garganta se moveram dolorosamente. — É hora de você saber a verdade, Gerard.

— A verdade? — Gerard repetiu, franzindo a testa. A inquietação se contorceu em seu intestino, embora por nenhuma razão que ele pudesse nomear. — O que você está falando?

Mais uma vez, Fendrel fechou a boca. Desta vez, ele balançou a cabeça. Fios de cabelo claro escaparam das tranças apertadas que os prendiam para trás de seu rosto e caíram em mechas esparsas em sua testa. — É melhor se eu te mostrar. — disse ele.

Gerard queria discutir. Ele estava tão cansado de ambiguidades, tão cansado de meias-verdades e jogos. Quando Fendrel se endireitou e começou

a se virar em direção à porta, Gerard quase o parou com uma demanda afiada que seu tio, pela primeira vez em sua vida maldita nos Assombrados, simplesmente lhe contasse a verdade.

Como se ouvisse o discurso silencioso do sobrinho, Fendrel fez uma pausa e olhou para ele. Apenas uma olhada, nenhuma palavra. Mas havia algo em seus olhos...

Gerard mordeu com força uma maldição. Mas ele saiu de trás de sua mesa, deixando o pedaço de escrita de Cerine onde estava. Ele acompanhou Fendrel para fora do escritório.

Os corredores de Dunloch estavam estranhamente silenciosos. Muitos dos funcionários da casa, Gerard sabia, haviam fugido junto com os convidados do casamento, escapando pela abertura temporária do feitiço de barreira. As vozes da Irmandade Siveline ecoaram de longe, na capela onde cantavam sobre o cadáver do duque d'Aldreda, assim como haviam cantado para sua filha há menos de uma semana.

Gerard esperava que Fendrel o conduzisse aos aposentos de seu pai, que ficava a não mais do que duas voltas dos aposentos de Gerard. Em vez de prosseguir para a ala oeste, no entanto, Fendrel desceu por uma escada nos fundos até o andar térreo. Eles emergiram, para a surpresa de Gerard, no corredor de pilares do lado de fora da longa galeria de retratos. Fendrel continuou sem pausa, entrando na galeria, e Gerard correu atrás.

Mas a galeria estava vazia. Nenhum sinal do rei em lugar nenhum.

— Tio. — Gerard latiu, sua voz ecoando contra o teto alto.

Fendrel não parou nem se virou. Ele avançou decididamente ao longo da galeria, sob os olhos daqueles heróis, santos e rainhas-sacerdotisas de antigamente. Ele marchou até o final da galeria, onde a luz da tarde vinda das janelas voltadas para o leste revelava os rostos da rainha Leurona e de seu filho

pequeno. Quando Fendrel deu um passo à frente de modo que parecia que iria entrar diretamente na pintura, Gerard quase chamou por ele novamente.

Antes de abrir a boca, seu tio estendeu as duas mãos, segurou a moldura dourada e puxou. A imagem alta balançou nas dobradiças que Gerard não tinha percebido que existiam, revelando uma porta estreita, um conjunto de degraus e além... Trevas.

Gerard, no meio da galeria, parou. Depois de todos os horrores da noite anterior, depois de todas as revelações e todo o medo, algo assim não deveria fazer seu coração bater tão dolorosamente, até que seu pulso batesse sob sua mandíbula. Mas esta era Dunloch. Esta era sua casa. Ele tinha sido o mestre aqui nos últimos cinco anos. Ele pensava que conhecia todos os segredos do castelo, cada cômodo, cada passagem, cada sótão e porão.

Como ele nunca percebeu o que havia além daquela pintura?

Fendrel parou na porta, olhando para Gerard. — Venha. — disse ele. — Seu pai está esperando. — Então, virando seus ombros maciços até que eles passassem por aquela abertura estreita, ele entrou, descendo rapidamente e desaparecendo de vista.

Um choque percorreu os membros de Gerard. Galvanizado em movimento, ele correu atrás de seu tio, parando na porta para tentar ver o que o esperava abaixo. As sombras eram tão densas que ele nem conseguia ver Fendrel, embora o homem mais velho pudesse estar apenas alguns passos à frente. Foi como sair deste mundo. Como atravessar uma fenda na realidade para o desconhecido.

A verdade esperava do outro lado?

Gerard começou a descida. A três passos, ele mal conseguia ver a própria mão na frente do rosto. Em quatro, ele não conseguia ver nada. Ele se movia pelo tato e pelo som; suas mãos deslizavam ao longo das paredes frias

esmagando-se de cada lado dele, e seus ouvidos se esforçaram para ouvir o rangido das botas de Fendrel à frente.

— Criamos uma sala de segurança aqui logo após a Guerra das Bruxas.

— A voz de Fendrel soou repentinamente na frente dele. Assustado, Gerard quase perdeu o equilíbrio. Ele pressionou as mãos com força nas paredes, os dedos tensos, mantendo-se em pé.

Fendrel continuou, sua voz estranhamente casual, estranhamente calma em contraste com a pulsação de Gerard: — Eu coloquei proteções de sangue poderosas ao redor da porta e nas paredes, proteções que eu reforço todos os anos para ter certeza de que permanecerão tão fortes quanto no dia que coloquei elas. Elas impedem que qualquer um, exceto aqueles de sangue du Glaive, entrem na câmara.

Gerard tentou uma ou duas vezes responder antes de encontrar sua voz. — Foi aqui que meu pai se escondeu na noite passada durante o ataque? — Nenhuma resposta veio, e Gerard seguiu sua pergunta com outra, falada com mais força. — Por que não fui informado sobre este lugar?

Ainda sem resposta, apenas o baque das botas na pedra. Então, finalmente. — Cuidado com o pé. A escada termina aqui. Vire à esquerda e me siga.

Era sua imaginação ou as paredes estavam se fechando mais apertadas? A respiração de Gerard engatou, e ele desceu os últimos degraus mais rapidamente do que antes, sacudindo seus ossos quando não encontrou nenhum passo final e seu pé pisou com força em solo nivelado. Ele girou para a esquerda; seu coração saltou de alívio ao ver um raio de luz no final de uma passagem de teto baixo. Ele não conseguia medir a distância corretamente, mas ele não achava que era longe.

Entre ele e aquela luz, a sombra de Fendrel se moveu. Gerard correu atrás dele. Mais cedo do que esperava, seu tio pisou em uma porta, sua silhueta bloqueando momentaneamente a maior parte da luz antes de passar por ela. Gerard, não querendo ficar sozinho na passagem, acelerou o passo. Ele deu um passo para a porta.

Ele parou.

Parte de sua consciência reconheceu a forma de seu pai se levantando de uma cadeira em um lado da câmara. Ele ouviu a voz de Gardin exclamar: — Não! Fendrel, não! O que ele está fazendo aqui?

Ele ouviu seu tio responder: — Está na hora. Ele precisa saber a verdade. Toda a verdade.

Mas Gerard não conseguia reagir a essas vozes, não conseguia olhar para nenhum daqueles homens. Seu olhar, sua mente, toda sua consciência fixada no que estava no centro da câmara, espalhado em estado fúnebre sobre uma laje de pedra fria.

Era um cadáver sem cabeça. Uma corrente de ferro rodeava sua garganta, mas sangue fresco escorria lentamente da ferida, não um jorro quente de vida escapando, apenas um fluxo constante e gorgolejo que se agrupou ao redor do corpo, mas nunca fluiu pela borda da laje, como se estivesse preso para sempre um momento de looping do tempo. O corpo em si estava vestido com o que poderia ter sido uma túnica magnífica de preto com pedras preciosas, mas agora eram pouco mais do que farrapos queimados, e os braços nus cruzados sobre o peito também estavam queimados.

Sobre uma mesa, um pouco afastada da laje, uma cabeça repousava sob uma cúpula de vidro. Boca aberta. Língua inchada, flácida e roxa. Olhos semicerrados. A pele em carne viva e enegrecida, principalmente o topo da cabeça, que foi queimado até o crânio.

Gerard sabia quem era. Ele não tinha que adivinhar; ele não precisava perguntar. Ele simplesmente sabia. Embora tudo dentro dele insistisse que ele deveria resistir ao conhecimento, clamava para que ele o negasse.

Cada impulso em seu corpo explodiu, dizendo-lhe para fugir, mas ele ficou parado naquela porta, as mãos agarrando ambos os lados de sua moldura, e só conseguia olhar.

— Venha aqui, Gerard. — Fendrel parou do outro lado da laje de pedra e acenou. — Venha conhecer o Veneno de Perrinion. Venha conhecer Terrível Odile.

CAPÍTULO 22

Ayleth se equilibrava nas pernas traseiras da cadeira, o pé apoiado na beira da cama de Terry, o joelho ligeiramente puxado para cima enquanto o observava dormir. Ainda vestida com os trapos de seu vestido de baile, ela aninhou o braço esquerdo ferido, tentando afastar a dor.

Por mais que tentasse, por mais que fingisse, não conseguia afastar a dor que vira lampejar no espírito de Laranta pouco antes de sua sombra ser dominada pelo veneno de ferro e profundamente cravada dentro dela. Em todos os anos de sua parceria estranha e forçada, Ayleth nunca havia usado tanta crueldade para controlar Laranta.

Agora, este momento sempre estaria entre elas. Será que algum dia elas recuperariam a facilidade natural de relacionamento que uma vez desfrutaram?

Até mesmo fazer essa pergunta na privacidade de seus pensamentos era uma heresia.

O que Terry diria se ele pudesse ler sua mente? A pergunta a atormentou enquanto ela estudava seu rosto inconsciente. Gerard a ajudara a carregá-lo para o quarto na noite anterior, uma tarefa que ela poderia ter feito sozinha com a ajuda de Laranta, mas que nunca poderia ter realizado sozinha com o braço ferido e sangrando. Depois de ajudá-la a deitar Terry em sua cama estreita, Gerard disse apenas: — Fique com ele, Ayleth. — antes de escapar para lidar com o que quer que os príncipes tenham de lidar em tais circunstâncias.

Seu príncipe emitiu uma ordem. Então Ayleth ficou. As horas passaram lentamente, e o sangue de suas três feridas de punção encharcou camadas de bandagem embrulhada às pressas rasgada da bainha de seu vestido de baile. Ela agarrou uma capa sobressalente entre os pertences de Terryn e a colocou sobre os ombros nus para evitar congelar até a morte. O vestido em si certamente nunca mais seria usado para dançar; suas saias outrora volumosas eram um pouco melhores do que trapos agora.

Quando ele se mexeu, o coração de Ayleth deu um pulo. Ela tirou o pé da cama, deixou a cadeira cair sobre as quatro pernas e se inclinou sobre Terryn, segurando a capa contra o peito. Sua sobrancelha se enrugou e sua boca se contraiu como se estivesse com dor. — Terryn? — ela sussurrou. — Terryn, você pode me ouvir? — Num impulso, ela estendeu a mão para pegar uma de suas mãos. Seus dedos estavam tão frios, mas...

Seu coração deu outra guinada. Seus dedos apertaram os dela.

Ele não acordou imediatamente. Sua consciência deveria ascender através de muitas camadas de veneno, deixando sua sombra enterrada profundamente sob supressões. Mas ele iria recuperar a consciência em breve, seu corpo entorpecido no início e depois inundado de dor. Os venenos da paralisia nunca se dissipavam facilmente, Ayleth sabia por experiência própria.

Bem, se nada mais, ela estaria aqui para ele quando ele abrisse os olhos. Outro sorriso puxou sua boca. Até poucos dias atrás, ela nunca teria se imaginado nesta posição: sentada ao lado da cama de Terryn, segurando sua mão, esperando para oferecer apoio e conforto a este homem que era seu competidor.

A que veio o mundo?

Ela estudou seu rosto enquanto sua alma subia em direção à vigília. Várias semanas se passaram desde a última vez que ela teve a oportunidade de observar Terryn em seu sono. A primeira vez aconteceu depois de um relacionamento tão curto que tudo o que ela foi capaz de ver foi seu inimigo deitado diante dela. Um belo inimigo, sim, mas ainda um inimigo. Alguém em quem ficar de olho.

Como é possível que tal mudança tenha ocorrido com essas mesmas características? Não a mudança horrível e tortuosa que ela testemunhou na noite passada. Não, essa mudança foi muito mais sutil e, à sua maneira, mais assustadora. Ele parecia vulnerável. Ele parecia perdido. Ele parecia...

A longa respiração que ela deu estremeceu em sua garganta. — Por favor, Terryn. — Ela sussurrou. — É hora de você acordar. Por favor.

Sua sobrancelha se franziu. Ele a ouviu? Ela se lembrava muito bem de como era sair da influência do veneno da paralisia. Ela se lembrava de estar acordada, mas incapaz de mover nem mesmo uma pálpebra. Dolorosamente ciente do mundo ao seu redor, mas incapaz de tomar parte nele.

Ela se inclinou mais perto, seu rosto pairando um pouco acima do de Terryn. Hesitante, não totalmente certa por que ela fez o que fez, ela largou a capa e cuidadosamente colocou a mão esquerda contra a bochecha marcada dele. A mesma bochecha que ela vira na noite anterior brilhando com o símbolo da bruxa.

Provavelmente era sua imaginação, mas, apesar da supressão profunda de Laranta, ela pensou ter sentido a pulsação da feia magia Anathema bem no fundo de sua palma. A maldição ainda estava presente.

Quando ele acordasse, ele seria ele mesmo? Ou ele seria o servo de uma bruxa?

Ayleth apertou sua mão com mais força, dando força a seu espírito. — Por favor, Terry. — Ela sussurrou. — Eu preciso de você. Não confio em mais ninguém. Não há mais ninguém que possa me ajudar a ajudar o príncipe. Eu preciso que você volte. Eu preciso que você...

Suas pálpebras tremeram. Então, soltando um gemido que fez o coração de Ayleth disparar, Terry abriu os dois olhos em um lampejo de um azul brilhante e dolorido. Por um momento, não havia nada além de dor em seu olhar. Então, com mais algumas piscadas lentas, sua visão clareou, focada.

— Ay-Ayl... — Ele não conseguia falar, é claro. O veneno não passou tão rápido. Mas ele estava de volta e era ele mesmo, e Ayleth não conseguiu conter o sorriso que estourou em seu rosto.

— Não tente se mover. — disse ela, movendo a mão de sua bochecha para o peito. — Isso só vai te frustrar e retardar o processo de despertar. Apenas descanse por enquanto. Você passou por momentos terríveis, Venador do Balafre.

Ela sentiu seu coração batendo forte sob seu toque. Enquanto ele dormia, ela tirou seu colete e camisa antes elegantes e agora rasgados, esperando que ele pudesse respirar mais facilmente. Agora ela se deu conta de repente de sua pele nua sob seus dedos. Ela não se afastou, no entanto.

Terry respirou fundo, os músculos de seu rosto e pescoço se contraíram, relaxaram e se contraíram novamente. Mesmo com Laranta suprimida, Ayleth podia sentir as ondas de dor fluindo por seu espírito. Ele olhou para Ayleth novamente. Havia algo quase infantil, quase doce em seu olhar perplexo. Isso partiu seu coração.

Seus olhos imploravam por informações.

— Você está amaldiçoado. — disse ela simplesmente. — Pela Bruxa do Ardor. Assim como Kephan. Não sei se é uma implantação recente ou antiga

de quando você era criança. Eu vi o sigilo dela queimando aquela sua cicatriz. Eu... Suponho que você não se lembre?

Ele fechou os olhos, o máximo de resposta que pôde dar naquele momento. Então eles se abriram novamente, cheios de desespero, e ela adivinhou que pergunta sua alma clamava por fazer.

— Gerard está seguro. — Ela disse rapidamente, apertando a mão enrolada ao redor dela. — A Bruxa do Ardor tentou fazer você machucá-lo, mas você resistiu o máximo que pôde. Você me deu tempo para interferir, e Fendrel o derrubou com um dardo.

Ela passou a explicar sobre os acontecimentos da noite, a partir do momento em que a Bruxa do Ardor se revelou, alojada no antigo corpo da avó. Os olhos de Terryn nunca deixaram seu rosto durante todo o tempo que ela falou. Eles se alargaram lentamente, e em um ponto ela pensou ter visto um lampejo de lágrimas.

Só quando ela terminou, quando sua voz diminuiu para nada, ele desviou o olhar, encarando a parede além dela com intensidade fixa. Uma variedade de expressões passou por seu rosto, muito sutis para serem percebidas por qualquer um que não fosse o olho mais perspicaz: medo, raiva, confusão, vergonha.

Ayleth inclinou ligeiramente o queixo. Hollis tinha contado a ela histórias do reinado de Terrível Odile, quando bruxas governavam Perrinion. Ela contou a ela sobre como muitas bruxas colecionam mortais não tomados como animais de estimação, tratando-os como cães amados, dando-lhes nomes vergonhosos, acariciando-os, amando-os. Degradando-os.

Ylaire olhou para este doce menino de olhos azuis como uma garota tonta olha para um cachorrinho brincalhão. Ela o levou, tatuou seu sigilo em sua pele, implantando uma maldição tão profunda que nem mesmo Fendrel

du Glaive conseguiu esculpi-la. E agora, anos depois, apesar de tudo que ele tinha feito, tudo que ele havia conquistado, ela ainda o possuía.

Terryn fechou os olhos, respirando com dificuldade pelas narinas. Ayleth tirou a mão do coração e recostou-se na cadeira, sentindo como se ele a tivesse empurrado fisicamente. Mas ela não largou a mão dele.

— Você pode... você pode sentir a maldição agora? — ela perguntou baixinho depois de algum tempo.

Ele olhou para ela agudamente, como se tivesse esquecido que ela estava no quarto. Então, com o que parecia ser um esforço incrível, ele ofereceu apenas um leve aceno de cabeça.

— Você provavelmente foi ordenado a esquecer isso. Como Kephan. — ela disse. Ela sugou os dois lábios secos, mordendo enquanto considerava suas próximas palavras. Ele não tinha mais culpa do que Kephan. Kephan quase matou os dois, mas não foi o próprio Kephan quem desejou a morte deles. Ele estava impotente contra a maldição dentro dele.

Isso provavelmente explicava a âncora de oblidite que ela encontrara no quarto de Terryn, percebeu Ayleth. Terryn a havia encontrado enquanto investigava os rumores sobre a Bruxa Fantasma, mas algo sobre a maldição da Bruxa do Ardor sobre ele o forçou a esquecer o que havia encontrado, esquecer o que tinha visto. Ele pode ter chegado perto de pegar Ylaire e Inren várias vezes no último mês, e ele nunca saberia disso.

O que ela poderia dizer, entretanto? O que ela poderia oferecer a ele para amenizar a culpa que ainda está destruindo sua alma? Que esperança ou ajuda havia para ele? O próprio Fendrel tentou remover a maldição vinte anos atrás e falhou. Se ele não conseguiu, quem poderia?

Um peso caiu sobre o coração de Ayleth quando ela percebeu as consequências do fracasso de Fendrel. Porque se a maldição de Terryn não pudesse ser removida, então...

Tinha que haver um jeito. Ela apertou os dentes e fechou a mão livre em um punho. Não tinha que haver uma maneira. Na verdade... lá estava. Ela sabia disso. Ela o viu ontem à noite durante a batalha. Ela tinha visto exatamente como a maldição poderia ser quebrada.

Impulsivamente, ela se inclinou sobre Terryn mais uma vez, pressionando sua mão entre as dela. Sensações suficientes haviam retornado a seu corpo agora que ele sentia, e um espasmo subiu por seu braço em resposta. Ele não tinha controle suficiente para puxar a mão livre, no entanto, então ela segurou firme, ignorando a dor latejante em seu próprio braço ferido.

— Você pode se livrar da maldição dela, Terryn. — Ela disse.

Ela observou seu rosto se contrair. Ele sabia o que ela estava prestes a dizer? Suas lembranças da noite anterior devem ser vagas, na melhor das hipóteses, mas ele se lembrava do que ela gritou em seu ouvido enquanto segurava suas costas espinhosas? Ela viu as paredes subindo em seus olhos.

— Sua sombra... — ela disse, empurrando apesar de sua resistência. — Pode acabar com a maldição. Eu vi ontem à noite. Eu vi o quão forte é, Terryn, incrivelmente poderosa! Nem mesmo Ylaire di Jocosa poderia combatê-la, não se você lhe desse ascendência. Apenas por um momento.

Seus olhos e narinas dilataram-se. Se ele pudesse reunir forças para golpeá-la, ele o teria feito. Qualquer coisa para fazê-la parar de falar.

— Eu sei que você tem medo dela... — persistiu Ayleth. — Você acha que isso vai te destruir no minuto em que você relaxar sua guarda. Mas Terryn, você está errado. Eu vi. Eu vi sua sombra. Não é o que você pensa que é. Não

é viciosa. Perigosa, sim, mas não é... não é... — Ela tropeçou nas palavras, quase com muito medo de pronunciá-las.

— Não é má. — Ela sussurrou.

A veia em sua testa inchou e sua pele escura ficou vermelha. O fogo gelado em seus olhos foi o suficiente para queimá-la, e ela fez tudo o que ela podia fazer para segurar sua mão, encontrar seu olhar, encher seus olhos de súplica sincera, implorando para que ele confiasse nela, implorando para que ele entendesse.

Sua boca se moveu. Ela se inclinou mais perto, colocando o ouvido em seus lábios enquanto sua voz rachada e torturada formava as palavras.

— Vão... matar você... herege.

Parecia que uma faca envenenada havia sido enfiada em seu ouvido.

Ayleth recuou rapidamente, libertando a mão dele, que caiu sem vida na cama ao lado dele. Ela olhou para Terryn, olhou para este homem que, poucos minutos atrás, ela pensava que não era mais seu inimigo. Ela tinha pensado que ele poderia até ser seu amigo.

A amargura subiu em sua garganta como bile. Que idiota ela era!

Ela ficou. Várias respostas agitaram-se em seu cérebro, palavras afiadas como adagas, mas ela não conseguia se obrigar a pronunciá-las. Se ela não tivesse aprendido nada mais nesses poucos e breves momentos, que ela finalmente levasse esta verdade a sério: o Venador Terryn du Balafre não era seu amigo. Ele nunca seria.

E ele a veria condenada se ela baixasse a guarda mesmo por um segundo.

Ela fechou a boca e saiu do quarto, batendo a porta atrás de si. Deixando Terryn deitado ali. Sozinho em seu corpo que desperta lentamente, sozinho para enfrentar a dor do veneno que se desgasta de seu sistema. Ela estava acabada. Feita. Com ele, com Fendrel, com o rei, com as bruxas, com todos eles.

Com Gerard?

— Maldito Assombrados, droga, droga! — ela rosnou, parando no meio de uma passagem fria do castelo, agarrando a capa de Terryn confortável ao redor de seus ombros nus. Ela nem sabia onde estava em relação ao seu próprio quarto. Os muitos corredores e escadas de Dunloch eram incessantemente desconcertantes para seus sentidos. Como uma alma perdida, ela se virou para um lado e para o outro, ansiando por escapar, ansiando por uma porta pela qual pudesse correr para sua própria liberdade. De volta às florestas, de volta às montanhas, de volta ao ar puro e ao campo aberto. Longe, longe daqui, para um lugar onde ninguém pudesse lhe dizer o que fazer com o espírito dentro dela, onde ninguém poderia ameaçar sua vida por ousar falar contra os ensinamentos do Santo. Onde ninguém poderia prendê-la, contê-la, moldá-la em uma forma que ela nunca deveria se encaixar.

Mas... e o Príncipe Dourado?

Embora ela pudesse odiar todos os outros e tudo o que eles representavam, ela nunca poderia odiá-lo. O Rei Escolhido e o lendário Capuz Negro eram apenas homens. Homens cruéis, homens fracos, homens movidos por suas próprias agendas egoístas. Mas Gerard era mais. Gerard era a promessa da Deusa que ganhou vida.

E quem sobrou para ajudá-lo agora? Quem lutaria contra essas bruxas ameaçando sua vida e a vida de sua noiva?

— Maldito Assombrados. — Ela murmurou uma última vez. A resignação caiu sobre seus ombros como um manto. Ela soube então que nunca mais veria Drauval. Ela nunca voltaria para suas florestas; ela nunca voltaria para suas montanhas.

— Inren e Ylaire estão lá fora. — Ela sussurrou, puxando o braço ferido para perto do corpo e correndo pela passagem estreita. Ela apressou o

passo. — Vou encontrar um rastro. Eu não sei como, mas de alguma forma, eu irei. E vou encontrar Senhora Cerine. A Deusa é minha testemunha, eu a salvarei!

Mas se ela ia fazer qualquer uma dessas coisas, ela com certeza, como nos Assombrados, não o faria em um vestido de baile. Chegou a hora de encontrar seu uniforme, onde quer que o tenham escondido. Seu uniforme, suas armas, seus tubos.

A passagem se abria para um corredor mais amplo, e quando ela chegou ao fim deste, ela se viu no topo da escada que descia para o grande saguão de entrada. Por um momento ela congelou, assustada por uma vívida memória apenas da noite anterior, quando ela estava neste mesmo lugar, vestida com este mesmo vestido, olhando para baixo por essas mesmas escadas para onde uma figura alta e bonita em uma faixa vermelha esperava por ela.

Ayleth sacudiu abruptamente a cabeça. Essa memória, ela não podia se permitir manter. Carrancuda, ela se afastou das escadas e continuou em direção à ala leste, em direção a seu próprio quarto. Ela sabia que não encontraria seu uniforme lá, mas talvez Everild tivesse deixado aquele par de calças e a camiseta para trás. Eles fariam um bom começo, pelo menos.

Ayleth entrou no corredor e parou abruptamente. Alguém parou no corredor, do lado de fora do que ela acreditava ser a porta de seu quarto. O dia estava ficando tarde, e a única fonte de luz natural neste corredor vinha das janelas perto do final que levava à torre leste, mas ela viu imediatamente que o homem usava um capuz.

Um capuz preto.

Ela prendeu a respiração. Esse som, embora leve, foi apenas o suficiente para chamar sua atenção.

Fendrel du Glaive se virou e seus olhos de ferro cravaram-se nos dela através da pequena distância entre eles.

— Ayleth di Ferosa. — Disse ele.

Uma parte distante de sua mente percebeu que ele deixou de fora Venatrix que era seu título. Ela deu um passo para trás.

Ele se virou para encará-la de frente, uma mão erguida, os dedos se movendo como se formassem um feitiço que ela não podia ver sem a visão da sombra de Laranta. — Estou colocando você em prisão domiciliar. — disse ele. — Aconselho você a se submeter em silêncio.

— O que? — Ayleth deu mais um passo para trás, depois um terceiro. O pânico correu por suas veias. — O que você...? Por quê? — Sua mente girou freneticamente. Ele tinha ouvido sua conversa com Terryn agora? Ou Terryn de alguma forma conseguiu falar com ele entre agora e então? Ele a estava prendendo por heresia?

— A resistência será enfrentada com força. — Fendrel disse, e de repente ele estava caminhando em direção a ela, muito rápido.

Ayleth girou para correr, a saia de seu vestido chamejando sobre seus pés. Ela parou abruptamente, cara a cara com um rosto horrível e ensanguentado, e só depois de várias piscadas ela reconheceu Venatrix Everild, seu nariz quebrado durante seu encontro com a Bruxa Fantasma, seu rosto uma massa de hematomas feios.

Antes que ela pudesse reagir, Everild se moveu. Uma mão pesada atingiu Ayleth no rosto, derrubando-a no chão. Ela bateu no chão com força. A parte de trás de sua cabeça bateu no chão e as paredes e o teto giraram. Ela tentou se levantar, tentou recuperar o controle de seus braços e pernas.

Fendrel e Everild estavam em cima dela em um momento. Everild agarrou seus ombros e a empurrou para o chão, montando em seu corpo de

forma que ela só pudesse chutar ineficazmente no ar. Fendrel a segurou pelo pescoço com uma das mãos, enquanto com a outra levou uma garrafa à boca, agarrou a rolha com os dentes, puxou-a para soltá-la e cuspiu-a. Os dedos em sua garganta se moveram para sua mandíbula, forçando sua boca a se abrir.

— Lembre-se... — Fendrel rosnou, segurando a garrafa sobre o rosto. — você trouxe isso para si mesma.

Um líquido escuro e amargo se derramou em sua língua. Ayleth engasgou, se contorceu, tentou gritar, tentou cuspir tudo na cara dele. O veneno desceu por sua garganta e não havia nada que ela pudesse fazer para impedir que a escuridão se fechasse ao seu redor.

EPÍLOGO

Escuridão.

Escuridão ao redor. Se ela abriu os olhos ou os fechou.

Escuridão até mesmo em sua alma, que estremeceu e estremeceu de terror enquanto seu corpo estremeceu e estremeceu de frio e trauma.

Então de repente... luz. Movimento.

Ela olhou para aquele brilho oscilante à medida que se aproximava, sem saber se ela olhava para sua salvação ou sua condenação. Mas pelo menos era algo diferente de escuridão.

Uma pequena figura pareceu se manifestar das sombras diante dela. Uma criança, de pouco mais de três anos, carregando uma vela nas duas mãozinhas.

— Senhora. — Ela balbuciou. — Você está acordada?

Cerine acenou com a cabeça lentamente. Ela tentou falar, mas sua boca estava muito seca, sua garganta muito seca para emitir mais do que um grasnido medonho. Ela abaixou a cabeça e pressionou as mãos contra os olhos, mas apenas por um momento. Embora o brilho da vela doesse, ela ansiava por sua luz, então ela puxou as mãos de novo rapidamente e se obrigou a olhar.

A criança a estudou com olhos redondos e claros. Atrás de suas pupilas, algo se moveu. Cerine estremeceu ao perceber a verdade: esta pequenina estava tomada pela sombra.

Quando a menina abriu a boca para falar novamente, uma voz estranha saiu de seus lábios: — *As bruxas estão chegando. Elas pretendem machucar você. Eu sinto muito.*

As bruxas? Cerine tentou se mover, estremecendo quando seus pulsos arranharam as algemas apertadas e frias. Ela estava acorrentada à parede? Isso era algum tipo de masmorra?

Vozes discutindo na escada que a criança havia descido apenas alguns momentos atrás chegaram aos ouvidos de Cerine. Duas vozes vagamente familiares.

— Eu preciso de um novo hospedeiro. Esta é muito velha, muito quebrada. A garota que você está mantendo é jovem e forte, e ela está perdida. Seu corpo vai me servir bem.

— Não. — A segunda voz era profunda para uma mulher e dura como uma floresta de adagas. — Você não pode tê-la. Ela não vai permitir.

— Ela? O que ela tem a dizer? Você não é ascendente nesta hospedeira?

— Eu estou no presente. — A voz áspera respondeu. — Mas se você fizer um movimento para prejudicar a irmã dela, ela vai me dominar novamente. Ela vai me suprimir e ela vai matar você.

A primeira voz zombou e cuspiu. — Ela odeia a garota. Todos nós a ouvimos em Dunloch. Ela quer matá-la por roubar o afeto do príncipe.

— Sim. — respondeu a voz áspera. — E não.

Um longo silêncio se seguiu. Por fim, a primeira voz proferiu uma maldição asquerosa, e as sombras na escada piscaram como se ela tivesse erguido as mãos em derrota. — Muito bem! Encontraremos outro hospedeiro para me servir. Nesse ínterim, o que você, Inren, deseja fazer com a putinha? Não precisamos de animais de estimação no momento.

— Tive uma ideia... — respondeu Inren. — Ainda não tenho certeza, mas tenho uma ideia. Primeiro, no entanto, preciso que você me diga exatamente o que foi que a pequena vidente viu em sua visão.

As duas vozes subiram de volta a escada, desaparecendo por fim além de serem ouvidas. Cerine estava novamente sozinha no escuro com a criança e com o que vivia dentro da criança. Seu coração trovejou em seu peito enquanto ela olhava para aqueles olhos não naturais.

— Você vai me ajudar a escapar? — ela perguntou.

A criança balançou a cabeça lentamente. — *Ninguém pode te ajudar.* — A sombra dentro dela respondeu. — *Eu vi o que está por vir. Eu vi o que será. Ninguém pode te ajudar agora.*